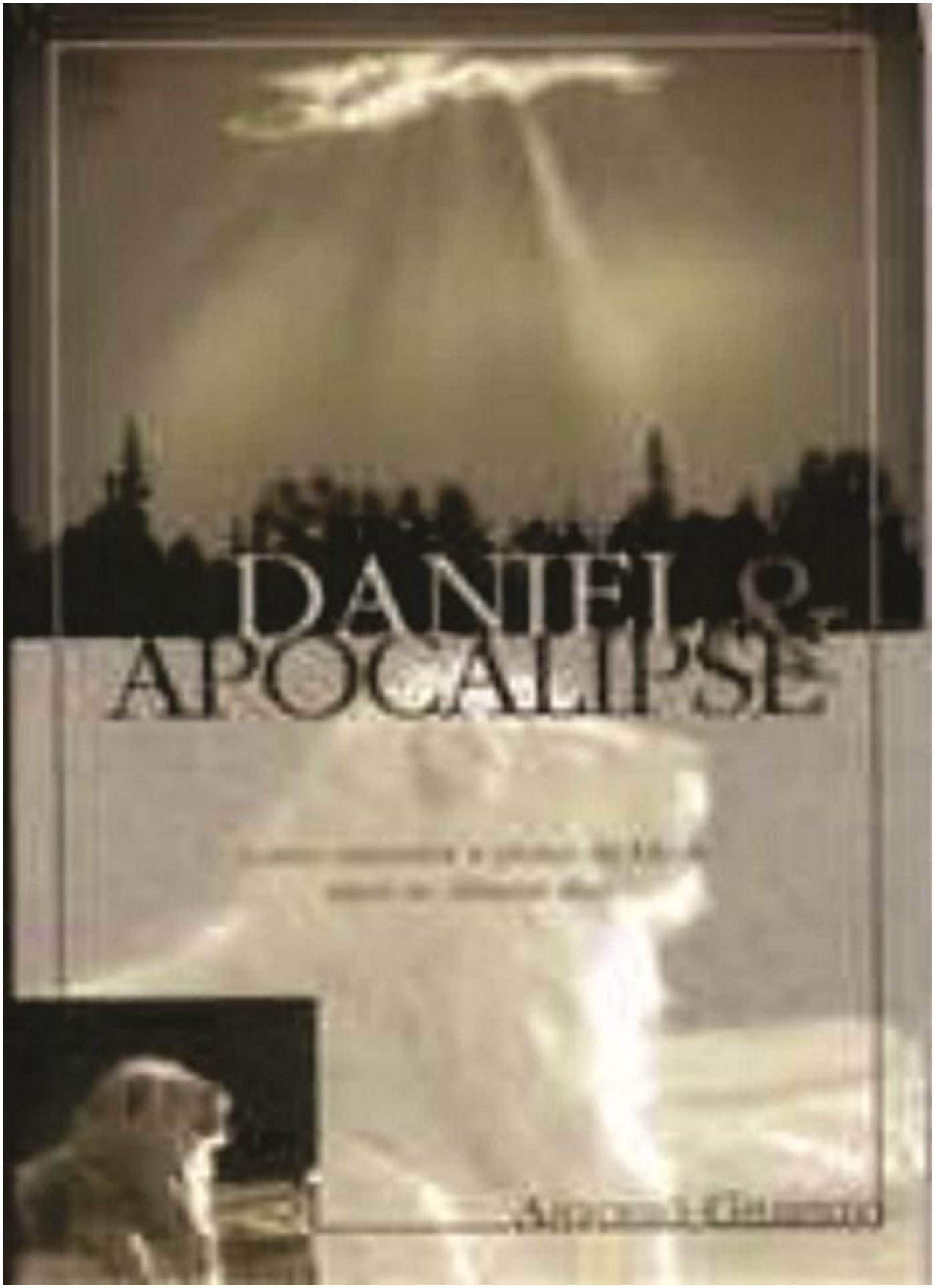
DANIEL & APOCALIPSE



Antônio Gilberto

DANIEL & APOCALIPSE

Como entender o plano de Deus
Para os últimos dias

CPAD

Todos os Direitos Reservados. Copyright(c)1984 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus.

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

	Silva, Antonio Gilberto da, 1929-
S578d	Daniel e Apocalipse / Antonio Gilberto da Silva. - Rio de Janeiro Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1984.
	1. Bíblia. A.T. Daniel - Crítica e interpretação 2. Literatura apocalíptica I. Título
	CDD - 224.5
84-0512	CDU - 224.5

Código para Pedidos: ET-306

Casa Publicadora das Assembleias de Deus

Caixa Postal, 331

20001 Rio de Janeiro, RJ

5.000/1984

5.000/1985 2º Edição

14º Edição 2010

Índice

Apresentação 6
DANIEL 7
Introdução 8
Primeira Parte 10
Daniel e seus companheiros 10
em Babilônia (cap.l) 10
Segunda Parte 15
Os quatro últimos impérios mundiais 15
(cap. 2) 15
O orgulho religioso castigado(cap. 3) 21
O orgulho político castigado (cap. 4) 24
Terceira Parte 26
Os impérios mundiais discriminados (caps.5 a 8) 26
A queda do primeiro império mundial (cap. 5) 27
O segundo império mundial (cap. 6) 30
Os quatro últimos impérios mundiais (cap. 7) 33
O segundo e o terceiro impérios mundiais (cap.8) 40
Quarta Parte 43
Israel e as profecias do seu futuro (caps. 9 a 12) 43
O preparo de Daniel para as últimas revelações (cap. 10) 53
Antevisão de Israel no período interbíblico(cap. 11) 57
As últimas coisas quanto a Israel (cap.12) 62
APOCALIPSE 64
Introdução 65
Esboço do livro de Apocalipse 68
Primeira Parte 72
A visão de Cristo glorificado (cap. 1) 72
Segunda Parte 81
A Igreja no passado e no presente (caps. 2 e 3) 81
Terceira Parte 889
A Igreja arrebatada ao Céu (cap. 4) 889
Quarta Parte 93

A Igreja glorificada no Céu(cap. 5) 93
Quinta Parte 95
Primeira fase da Grande Tribulação (caps.6a9) 95
O livro selado e sua abertura (cap. 6) 96
Os dois grupos de redimidos (cap. 7) 9999
As quatro primeiras trombetas (cap. 8) 102
Quinta e sexta trombetas (cap.9) 105
Sexta Parte 107
Segunda fase da Grande Tribulação (caps. 10 a 16) 107
A sétima trombeta, a mulher e o dragão (caps. 11.15-19;12) 110
As duas bestas (cap.13) 115
Os sete eventos (cap. 14) 119
Os sete últimos juízos (caps.15,16) 123
Sétima Parte 128
A volta de Jesus e os eventos precedentes (caps. 17 a 19) 128
A Babilônia religiosa (cap. 17) 129
A Babilônia comercial (cap. 18) 132
O Armagedom (cap. 19) 134
Oitava Parte 136
O Milênio e o Juízo Final (cap. 20) 136
Nona Parte 139
O eterno e perfeito estado (caps. 21e22) 139

Apresentação

Ao apresentarmos este conciso trabalho sobre os livros de Daniel e Apocalipse, temos bem claro na mente o que se diz em 1 Coríntios 13.9: *"... em parte conhecemos"*.

É confortante para nós saber que a autenticidade, tanto do livro de Daniel, como do de Apocalipse foi atestada pelo Senhor Jesus. A de Daniel, Ele a declarou em Mateus 24.15: *"Quando, pois, virdes o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel, no lugar santo (quem lê, entenda)"*. A do Apocalipse, temo-la no seu capítulo 22.16: *"Eu, Jesus, enviei o meu anjo para vos testificar estas coisas nas igrejas"*. Não importa o que os críticos digam quanto d autenticidade e credibilidade desses dois livros, se já temos o testemunho de Jesus.

Ambos esses livros combinam-se, completam-se. Não se deve estudar um sem o outro. O estudo deles é importantíssimo para o fiel cristão que espera seu Senhor, uma vez que estamos nos *"tempos do fim"*. O leitor deve ler aqui Daniel 8.17,19; 10.14; 11.35; 12.4; e Apocalipse 1.3.

O paralelismo entre os dois livros é também notável, sendo que Daniel ocupa-se principalmente dos *"tempos dos gentios"*, que se mencionam em Lucas 21.24: *"Cairão ao fio da espada e serão levados cativos para todas as nações; e, até que os tempos dos gentios se completem, Jerusalém será pisada por eles"*.

Já o Apocalipse salienta a *"plenitude dos gentios"*: *"Porque não quero irmãos, que ignoreis este mistério, para que não sejais presumidos em vós mesmos, que veio endurecimento em parte a Israel, até que haja entrado a plenitude dos gentios"* (Rm 11.25).

A expressão *"tempos dos gentios"* tem a ver com o aspecto político mundial, referindo-se ao tempo em que os gentios têm supremacia sobre Israel, o que começou com o exílio babilônico. Mas o alcance da expressão vai além disso; ela aponta para o dia da supremacia final da restaurada nação israelita, durante o reino milenial de Cristo.

A expressão *"plenitude dos gentios"* tem aspecto espiritual, destacando a supremacia celestial da Igreja triunfando contra o mal e, por fim, reinando o seu divino Esposo, como vemos no epílogo do Apocalipse.

DANIEL

Introdução

Daniel, ainda muito jovem, começou servindo fielmente a Deus em terra estranha. Levou uma vida imaculada em meio ao paganismo, idolatria e ocultismo da corte babilônica. Foi semelhante a José em piedade e pureza.

Seguiu para Babilônia como cativo, na primeira leva de exilados de Judá, em 606 a.C., quando tinha entre 14 e 16 anos de idade. Ali viveu no palácio de Nabucodonosor, como estudante, estadista e profeta de Deus, atravessando o reinado de todos os reis babilônicos, exceto o primeiro deles - Nabopolassar, pai de Nabucodonosor, fundador do neo-Império Babilônico. Chegou ao Império Persa, sob Ciro (6.28; 10.1). Prestou cerca de setenta e dois anos de abnegados serviços a Deus e ao próximo!

1. Época e local do livro. O livro de Daniel foi escrito em 606-534 a.C., durante o exílio do povo de Deus em Babilônia. (O exílio foi mesmo de 606 a 536 a.C.) Babilônia era a capital do império. (Susã, a capital de Ciro, no Elão, é mencionada no livro - 8.2 mas numa visão de Daniel.)

2. Divisão do livro.

Parte histórica (capítulos 1 a 6) - Uma espécie de biografia de Daniel, havendo também o elemento profético, especialmente no capítulo 2.

Parte profética (capítulos 7 a 12) - Visão geral e pormenorizada dos últimos impérios mundiais dos tempos dos gentios, sucedidos pelo reino dos santos do Altíssimo (7.22).

Em suma, o livro revela o domínio de Deus sobre os reinos do mundo, bem como o estabelecimento do seu próprio reino.

3. Tema do livro. Deus revela o profundo e o escondido, e governa os reinos dos homens, como está escrito: "Ele revela o profundo e o escondido; conhece o que está em trevas, e com ele mora a luz" (2.22). "Até que conheças que o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens, e o dá a quem quer" (4.25).

4. Objetivo do livro

a. Revelar o futuro do mundo gentílico.

b. Revelar o futuro da nação israelita.

5. Para uma melhor compreensão do livro, o leitor deverá estudar a história bíblica do povo israelita anterior a Daniel, a fim de ter uma visão panorâmica da situação reinante no tempo do profeta, tanto em Israel, como nas nações com ele relacionadas.

O início da história de Daniel situa-se a partir de 2 Crônicas 36. 6,7 e 2 Reis 24.1 no reinado de Jeoaquim.

Após Daniel, vem o relato de Esdras, Neemias e Ester, se bem que a história de Ester ocorre entre os capítulos 6 e 7 do livro de Esdras.

Primeira Parte

Daniel e seus companheiros em Babilônia (cap.l)

No estudo deste capítulo do livro de Daniel, vemos como o Diabo ataca a mocidade crente, direta e indiretamente, buscando destruir a sua fé em Deus. Isto feito, ele conseguirá tudo o mais.

1. *"No terceiro ano de Jeoaquim..."* (1.1). Retrocedamos um pouco nó tempo, para vermos a situação anterior do trono de Judá.

O rei Josias (639-609 a.C.) foi um bom rei. Reinava em Judá quando foi morto em Megido, por Faraó-Neco, rei do Egito (2 Cr 35.22; 2 Rs 23.29,30). Faraó-Neco subira a guerrear contra Carquemis, no alto Eufrates, margem oeste, que acabava de ser conquistada por Nabucodonosor, rei da Babilônia. Carquemis, desde a queda de Nínive, capital da Assíria, em 612 a.C., tornou-se base avançada do Egito, para fins de controle de países vassalos, como a Síria, a Fenícia e outros. Agora, Babilônia, na sua escalada pela supremacia mundial, apossou-se de Carquemis (2 Cr 35.20; Jr 46.2).

Assim, nesse tempo em que o jovem Daniel entra em cena, Babilônia já se tinha formado como potência domi-nadora mundial.

Rei Joacaz, filho de Josias (609 a.G.) Também chamado Salum (Jr 22.11). Reinou apenas três meses, sendo a seguir deposto por Faraó-Neco e levado cativo para o Egito, onde morreu. Esse Faraó pôs em seu lugar o irmão de Joacaz, Eliaquim, mudando-lhe o nome para Jeoiaquim (2 Rs 23.31-35; 2 Cr 36.1-4).

Rei Jeoaquim, filho de Joacaz (609-597 a.C.) Esse, após três anos de servidão ao Egito, rebelou-se contra Faraó-Neco. No seu terceiro ano veio contra ele Nabucodonosor (2 Rs 24.1; 2 Cr 36.6). No reinado de Jeoaquim começa a história de Daniel (1.1). Reinou 11 anos (2 Rs 24.1-6; 2 Cr 36.5-8).

Esse mau rei era inimigo do profeta Jeremias, a quem perseguiu (Jr 26.21; 36.26). Portanto, nesse tempo o reino de Judá estava submisso a Babilônia.

Os dois reis seguintes foram os últimos de Judá, e não tiveram qualquer expressão. Joaquim, filho de Jeoaquim, que reinou apenas três meses, em 597 a.C. (2 Rs 24.8; 2 Cr 36.9), é também chamado Jeconias (Jr 27.20), e ainda Conias (Jr 37.1). Foi levado preso para Babilônia por Nabucodonosor, que a seguir pôs como rei em seu lugar Matanias, irmão do próprio Joaquim, a quem chamou Zedequias (2 Cr 36.10,11). Zedequias reinou 11 anos (597-587 a.G.) Mais tarde veio Nabucodonosor e levou-o algemado para Babilônia, onde morreu. Assim, findou, aparentemente, o reino prometido a Davi. A razão de toda essa desolação sobre o povo escolhido está declarada por Deus em 2 Crônicas 36.14-17. Nabucodonosor foi apenas o executor da ação corretiva divina sobre o rebelde povo de Israel (Jr 25.9).

Jeremias já exercia o ministério profético quando Daniel iniciava o dele. (Ler as apropriadas referências nesse sentido, em 2 Crônicas 35.25; 36.12,21,22; Jeremias 25.1; 37.5-8; 46.2.)

Nesse *"ano terceiro de Jeoaquim"* (1.1), seguiu para Babilônia a primeira leva de cativos, e entre eles Daniel (1.3). (Aqui começou a contagem dos 70 anos de cativeiro de Judá: ano 606 a.C.) 16

2. *"O Senhor lhe entregou nas mãos a Jeoaquim"* (1.2). Isso, porque *"fez ele o que era mau perante o Senhor, segundo tudo quanto fizeram seus pais"* (2 Rs 23.37). O líder ou chefe que faz o povo extraviar-se é o primeiro a ser entregue nas mãos do adversário.

"entregou" aqui, indica que Deus suportou até onde foi possível sem ultrajar o seu caráter, e então removeu a restrição ao mal. É como uma comporta que retendo as águas é removida. De igual modo, Deus suporta o mal, mas chega a um ponto em que Ele remove a barreira. É o caso da multiplicação da impiedade, depravação moral e violência entre os homens nos últimos dias, conforme Romanos, capítulo 1. Ali, três vezes está dito que Deus *"os entregou"* (Rm 1.24,26,28). Isto é, Deus aguentou ou deteve o mal até onde pôde, e então removeu a sua restrição. É esse o quadro espiritual dos últimos dias aqui na terra.

3. *"para a casa do seu deus"* (1.2). Tratava-se de Bel, a principal divindade dos babilônios. Em Canaã, Bel era adorado sob o nome de Baal.

4. *"e os pôs na casa do tesouro do seu deus"* (1.2). Tratava-se dos vasos da casa de Deus, levados por Nabucodonosor. Eram objetos sagrados, mas, estando o povo desviado, para nada serviam. Um paralelo disso temos na aparatosa liturgia das muitas igrejas mortas da atualidade, como é o caso da Igreja Romana. Mas também muitas igrejas ditas evangélicas não ficam para trás.

5. *"da linhagem real"* (1.3). Entre esses cativos da primeira leva estava a nata da nação judaica, inclusive membros da casa real, provavelmente descendentes do rei Ezequias, conforme a profecia de Isaías 39.6,7, que deve ser lida aqui.

6. *"jovens"* (1.4). Daniel devia ter agora entre 14 e 16 anos, conforme os principais estudiosos da Bíblia e do povo judeu. Que atentem para isso os nossos jovens de hoje, para que no albor da sua juventude possam servir lealmente a Cristo.

Notemos as exigências de um rei pagão quanto a servidores para si:

a) Qualidades físicas - *"sem nenhum defeito"*.

b) Qualidades intelectuais – *"doutos em ciência"* .

c) Qualidades morais - *"competentes para assistirem no palácio"*.

Podemos nós servir ao nosso Rei Eterno sem as necessárias qualificações?

7. *"mantidos por três anos"* (1.5). O curso de três anos num ambiente espiritualmente adverso... Quantos estudantes cristãos, desde então, não têm enfrentado as mesmas contingências!

8. *"das finas iguarias da mesa real"* (1.5). Essas iguarias eram oferecidas cerimonialmente aos ídolos, antes de serem servidas. Daniel tinha, pois, razão de recusá-las. (Ler 1 Coríntios 10.28.)

9. *"Daniel, Hananias, Misael e Azarias"* (1.6). Entre os hebreus o nome envolvia a natureza da pessoa, denotando o seu caráter. Cada um desses nomes inclui o de Deus,, quando considerado o original (Daniel - *Deus é meu juiz*; Hananias - *Jeová é gracioso*; Misael - *Quem é igual a Deus?*; Azarias - *Deus é meu ajudador*). Todos esses nomes foram mudados, de modo a incluir os de três divindades pagãs babilônicas, a saber: Daniel, mudado para Beltessazar -

Bel te proteja; Hananias, mudado para Sadraque - *Ordem de Aku* (a deusa lua, dos babilônios); Azarias, mudado para Abede-Nego - *Servo de Nego* (ou Nebo).

Essa mudança de nomes era para que esses jovens soldados da fé esquecessem seu Deus, seu povo, sua pátria, e sua religião.

10. *"Resolveu Daniel firmemente não se contaminar"* (1.8). Aqui vemos o propósito sincero de Daniel de agradar a Deus. (Ler Romanos 12.2.) Neste versículo está escrito que ele "pediu" ao chefe dos eunucos. Daniel não se insubordinou. Apesar de ser nobre, era humilde e respeitador. Há os que não são nada aqui, e exibem muito orgulho e presunção! Temos em Daniel estampada uma grande virtude.

11. *"Deus concedeu a Daniel misericórdia e compreensão da parte do chefe dos eunucos"* (1.9). Deus operou no chefe de Daniel. No Salmo 144.2, Davi, falando da providência divina, diz: "E quem me submete o meu povo". Em provérbios 21.1, está escrito: "Como ribeiro de águas, assim é o coração do rei na mão do Senhor; este, segundo o seu querer, o inclina". Sim, Deus pode fazer-nos simpáticos ao povo.

12. *A negativa do chefe dos eunucos* (1.10). Isso não afetou a fé de Daniel. Era bem jovem, mas tinha fé em Deus e perseverança.

13. *Mais uma vez, a perseverança de Daniel: "peço-te"* (1.12). Desta vez, pediu a outro funcionário da corte. Para agradar a Deus e preservar a sua fé, ele não cansou de pedir.

14. *Para uma face bonita* (1.11-16). Para isto, basta uma boa dieta de legumes (1.18,19), e fé em Deus. Portanto, cosméticos não são a verdadeira solução para uma face bonita... A primeira dieta do homem foi a de vegetais (Gn 1.29). Depois é que veio a carne animal (Gn 9.3).

15. *"Deus deu..."* (1.17). Deus recompensa a fidelidade. Deus deu a esses jovens conhecimento e inteligência. Deus deu-lhes também dons sobrenaturais de saber.

16. *"Em toda matéria de sabedoria"* (1.20). Lembremo-nos de que os babilônios foram os precursores da ciência astronômica.

17. *"magos e encantadores"* (1.20). Os magos formavam naquele tempo uma casta religiosa de sábios. Havia entre os persas uma ciência como tal, que nada tinha a ver com a astrologia atual, atrelada que é ao espiritismo. Desse

início de investigação científica persa, procede a moderna astronomia. Os magos (sábios) que vieram adorar o menino Jesus procediam da Pérsia (Mt 2.1-12). Desde o tempo de Daniel, em Babilônia, ficou um grupo de fiéis, que se espalhou pelos países orientais, como já dissemos: desse grupo procedem os magos relacionados com o menino Jesus. Daniel foi constituído chefe daqueles magos. (Ler Daniel 4.9; 5.11.)

18. *"até o primeiro ano do rei Ciro"* (1.21). Chegamos aqui ao ano 536 a.C. quando Ciro tornou-se o primeiro imperador da Pérsia como império mundial. A antiga Pérsia é hoje ocupada em parte pelo moderno Irã, que passou a adotar esse nome a partir de 1935.

Segunda Parte

Os quatro últimos impérios mundiais (cap. 2)

Neste capítulo vemos predito o futuro do mundo gentílico na era dos "últimos dias" (2.28). Isto alcança os tempos da vinda de Jesus e o estabelecimento do Milênio: "Mas, nos dias destes reis, o Deus do céu, suscitará um reino que não será jamais destruído; este reino não passará a outro povo: esmiuçará e consumirá todos estes reinos, mas ele mesmo subsistirá para sempre" (2.44).

A matéria profética deste capítulo é tão importante que vem repetida no capítulo 7. Uma das diferenças é que aqui, no capítulo 2, a revelação divina veio por meio de um sonho profético de Nabucodonosor; e no capítulo 7, por meio de uma visão profética concedida a Daniel.

1. *"reinado de Nabucodonosor"* (2.1). O fato ocorreu um ano após a ida de Daniel para Babilônia, portanto, durante o seu curso no palácio do rei. Deus quer usar os estudantes crentes durante os seus cursos. Nabucodonosor foi o primeiro monarca da história a dominar toda a terra habitada (Jr 27.6,7).

2. *"epassou-se-lhe o sono"* (Dn 2.1). Um monarca com insônia! Deus dá o sono, mas também o tira quando quer. Ver outros casos famosos na história: Saul (1 Sm 26.12); Assuero (Et 6.1); Dario (Dn 6.18).

3. "e os caldeus" (2.2). Esta distinção mostra que os caldeus, como aqui declarado, constituíam de algum modo uma classe separada de sábios.

4. *Texto em língua aramaica.* De 2.4 a 7.28 do livro de Daniel, o texto está escrito em aramaico, no original. Certamente há nisso uma lição para o mundo gentílico. O aramaico era a língua do comércio e da diplomacia da época.

5. *O sonho do rei, esquecido* (2.3-9). Deus fala por meio de sonhos (Jó 33.15,16). A Bíblia faz menção de 34 sonhos, sendo 22 no AT e 12 no NT.

6. *Os ocultistas impotentes* (2.10,11,27). Sim, impotentes para revelar o futuro, quando os fatos procedem de Deus.

7. *Um culto de oração da mocidade* (2.17-23). Muitas outras coisas edificantes aprendemos nestes versículos: que Daniel era homem de oração; que é bom ter amigos que oram nas dificuldades; que é de grande valor e peso a oração unânime; que Deus responde à oração de jovens sinceros; que a oração deve estar permeada de louvor a Deus.

8. *Daniel na presença do rei* (2.25-30). Aqui temos um dos muitos casos de um judeu desprezado resolver problemas da humanidade. É também o caso de José, o filho de Jacó, que, esquecido numa prisão do Egito, tornou-se o salvador do mundo. A história se repete através dos tempos. Nos tempos modernos temos casos como o de Disraeli, e de Sabin e muitos outros. Outras lições dos versículos 25-30: a convicção e a autoridade espiritual de Daniel (v. 24); Daniel dá testemunho de Deus na presença do rei (v. 28); Deus revela mistérios (v. 28); Daniel tão importante, material e espiritualmente, não se julgou superior a ninguém (v. 30): quem de fato é importante, é assim mesmo!

9. *A revelação do sonho esquecido* (2.29-35). O rei deve ter ficado muito emocionado quando Daniel, que nada tinha com o sonho, começou a reproduzi-lo fielmente...

10. *A interpretação do sonho profético* (2.36-43). Na enorme estátua do sonho do rei, está predita a história das nações dos "tempos dos gentios", começando por Nabucodonosor até a vinda de Jesus. Aqui estão os quatro últimos impérios mundiais até a vinda de Cristo:

a) *Babilônia* (a cabeça de ouro) (2.32,37,38).

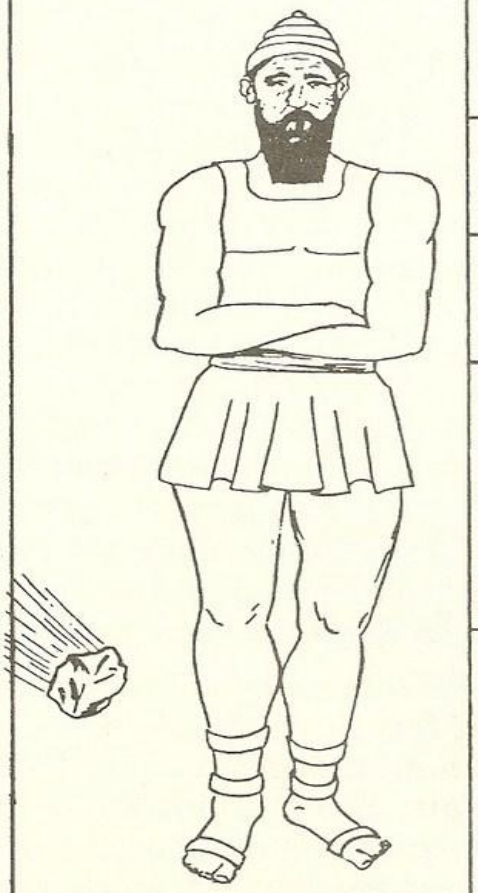
b) *Medo-Pérsia* (o peito e os braços de prata) (2.32,39).

c) *Grécia* (o ventre e os quadris de bronze) (2.32,39).

d) *Roma* (as pernas de ferro, e os pés - parte de ferro e parte de barro - 2.35,40-43).

Alguns pormenores interessantes:

A cabeça da estátua (2.32,37,38) representa o começo, o início, dos tempos dos gentios, isto é, o Império Babilônico. (Sobre a expressão "tempo dos gentios", ler Lucas 21.24).



A cabeça de ouro BABILÔNIA	Daniel 2.32
O peito de prata MEDO-PÉRSIA	Daniel 2.32
O ventre de bronze GRÉCIA	Daniel 2.32
As pernas de ferro, e os pés em parte de ferro e em parte de barro ROMA	Daniel 2.33
Os 10 dedos dos pés: O futuro reino do Anticristo	Daniel 2.33

O peito de prata da estátua e seus dois braços (2.32,39). Representação da coligação do Império Medo-Persa, o segundo império mundial.

O ventre de bronze da estátua (2.32,39). Não há pormenores aqui. No capítulo 7, sim. Trata-se do terceiro império mundial, a Grécia.

As duas pernas de ferro da estátua (2.33,40). As pernas são a parte mais longa do corpo, o que indica a extensão do domínio romano, do qual somos atualmente uma forma. As duas pernas correspondem à divisão do Império Romano em Ocidental e Oriental, ocorrida em 395 d.C.

Os dez dedos dos pés na imagem (2.41,42). São dez reinos, como forma ou expressão final do Império Romano, nos últimos dias da presente dispensação, como se vê no versículo 44: "Mas, nos dias destes reis..." Esses

dez reis correspondem aos dez chifres do quarto animal de Daniel 7.24 e aos dez chifres da besta de Apocalipse 13.1 e 17.3. Trata-se de um poder político que existiu, e que no presente momento não existe, mas que voltará a existir ("era e não é e está para emergir" - Ap 17.8).

Os pés, em parte de ferro, em parte de barro (2.33,41-43). Ferro e barro não se misturam! Isto revela que neste tempo do fim não haverá "nações unidas". O ferro é o governo ditatorial, totalitário que hoje cada vez mais aumenta em todos os continentes (v. 40). O barro é o governo do povo, democrático, republicano. O barro é formado de partículas soltas, o que indica governo do povo, como se apresenta o regime democrático. Já o ferro é formado de blocos compactos, indicando poder centralizado. Temos hoje no mundo estas duas formas de governo. Vemos assim pela Palavra de Deus que a última forma de governo na terra não será o comunismo total, como eles apregoam.

A crescente inferioridade dos metais na estátua profética (2.32,33). Ouro, prata, bronze, ferro com barro. Isto revela que o mundo não melhorará nem moral, nem politicamente, e sim piorará cada vez mais. É o que nos assegura esta profecia. Conforme o pensar deste mundo (inclusive a filosofia comunista), a cabeça devia ser de barro e os pés de ouro. Ao contrário, a cabeça é que é de ouro e os pés de barro! A imagem de Nabucodonosor é uma descrição bíblica da degeneração da raça humana alienada de Deus. É o capítulo 1 de Romanos, versículos 18 ss.

11. *O último reino mundial* (2.44,45). Esse reino é proveniente do Céu. Ele será implantado sem intervenção humana. O versículo 34 diz: "*Uma pedra foi cortada sem auxílio de mãos*". Essa pedra é Cristo (At 4.11; 1 Co 10.4; 1 Pe 2.4). Uma montanha nada mais é do que barro sob diferentes formas. Isto fala de Jesus que nasceria como homem aqui na terra (Is 53.3), sem intervenção humana, isto é, sendo gerado pelo Espírito Santo, e não pelo homem. Algo idêntico ocorrerá quando o reino de Deus for estabelecido aqui brevemente, ou seja, sem auxílio humano. Jesus não será nomeado e entronizado pelo homem. Sua conquista não será efetuada por armas carnais. (Ler 2 Tessalonicenses 2.8.) Quanto à expressão *"sem o auxílio de mãos"* (v. 45), isto é, sem o auxílio de mãos humanas, o leitor deve ler Daniel 8.25 e Lamentações 4.6.

A pedra bateu violentamente nos pés da estátua e esmiuçou-a (v. 45). Quatro vezes está dito que a pedra esmiuçou a imagem (vv. 34,40,44,45). Portanto, o mundo não findará convertido pela pregação do Evangelho, e sim destruído

com violência sobrenatural na vinda de Jesus. Isso ocorrerá em Armagedom, no tempo do domínio mundial das dez nações confederadas sob o Anticristo (Ap 17.11-13 com 19.11-21).

No versículo 34 vemos que a pedra feriu a estátua nos pés, e em seguida destruiu a cabeça, o peito, o ventre e as pernas. Isso indica que todas as formas de governo representadas por essas partes da estátua, existirão sob a Besta, no futuro!

Já se fala definidamente da formação dos Estados Unidos da Europa, onde outrora ficava o núcleo do Império Romano. O Mercado Comum Europeu já é uma realidade. Para a organização dos Estados Unidos da Europa é apenas mais um passo.

12. *O efeito da majestade divina* (2.46,47) foi poderoso e eficaz sobre Nabucodonosor. Essa majestade manifestou-se através da sobrenatural interpretação do sonho

13. *Nova elevação de Daniel* (2.48). Agora ele era governador da província de Babilônia e chefe supremo dos sábios. (Ler também cap. 4.9 e 5.11.) Poucos homens deste mundo tiveram honra igual a Daniel: servir nos mais altos postos do governo em dois dos maiores impérios mundiais: o babilônico e o medo-persa.

14. *O excelente espírito de Daniel* (2.49 - ver também 5.12 e 6.3.) Ele, ao galgar os degraus da fama e posição, permaneceu humilde. Não esqueceu seus amigos que o ajudaram e providenciou a elevação deles também. Tinha realmente um "espírito excelente". Muitos, ao serem elevados, esquecem de todos, até mesmo dos que os ajudaram a subir. Há muita gente neste mundo amargurada por ingratidões. Que sabe o leitor neste particular?

15. *Conclusão.* A estátua começou como um colosso grandioso e terminou em pó (2.35). A pedra começou com uma obra diminuta, mas depois encheu o mundo inteiro: "encheu toda a terra" (v. 35).

Em Mateus 21.42-44 temos a explanação cabal da profecia da Pedra, dada por Jesus, que é a própria Pedra.

a. *A Pedra rejeitada por* Israel (v. 42). "A pedra que os construtores rejeitaram ". Isso se refere a Israel, no passado, quando rejeitaram a Pedra! - "Não queremos que este reine sobre nós" (Lc 19.14).

b. *A Pedra angular da Igreja* (v. 42). "Essa veio a ser a principal pedra angular". Isso se refere à edificação da Igreja no presente.

c. *A Pedra esmiuçará as nações* (v. 44) - aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó. Isso é futuro, e refere-se ao Senhor Jesus na sua vinda, esmiuçando as nações amotinadas contra Deus, conforme vemos no Salmo 2, que deve ser lido aqui.

O orgulho religioso castigado(cap. 3)

Neste capítulo temos a história da colossal estátua de ouro feita por Nabucodonosor, para ser adorada. Temos também uma consequência disso: a história dos três jovens crentes, na fornalha.

1. *A estátua e sua inauguração* (3.1-3). A estátua do capítulo 2 foi em sonho; esta é real. Tinha sessenta côvados de altura - cerca de 29 metros. (O côvado babilônico tinha mais ou menos 48 cm). Tudo aqui era à base de seis, indicando coisas puramente humanas. (Ver 1 Samuel 17.4 e Apocalipse 13.18, onde também sobressai o número humano.)

O local da estátua: Dura. O arqueólogo Oppert, que fez escavações nas ruínas de Babilônia, em 1854, achou o pedestal de uma colossal estátua, num lugar chamado *Duair* (seria Dura?), que pode ter sido o resto da gigantesca está tua de ouro de Nabucodonosor, que talvez fosse uma imagem dele mesmo.

2. *A ordem de adoração da imagem do rei e a obediência dos povos* (3.4-7). Temos aqui a tentativa de uma religião mundial de aparências, de exterioridades. Algo para ver (v. 3); algo para ouvir (v. 5), mas nada para satisfazer a alma.

Esses jovens crentes do livro de Daniel enfrentaram dois grandes perigos:

1º) Contaminação com coisas materiais, porém com efeitos espirituais (as iguarias do rei - 1.5); e

2º) Contaminação com coisas espirituais (religião falsa - 3.5).

3. *O crime da intolerância religiosa* (3.6). Um infame exemplo disso são os horrores da Inquisição, instituída pela Igreja Romana no Concilio de Tolosa, em 1229. Entre os anos 1540 e 1570 esse tribunal matou 900.000 cristãos. Na famigerada Noite de São Bartolomeu, na França, em 24-8-1572, a Inquisição matou 70.000 cristãos.

4. *Os jovens hebreus denunciados* (3.8-12). A pressa do ímpio em denunciar o justo: *"no mesmo instante"* (v. 8). Talvez tenha sido inveja, o motivo da acusação. Pelo relato, se vê que Daniel não estava presente, talvez estivesse viajando ou doente.

5. *Os males da ira* (3.13-18). A ira do rei fê-lo cego, de modo a cometer grandes erros, como:

a. Utilizar os homens mais fortes do exército para atar três mansos hebreus (v. 20).

b. Aquecer demasiado a fornalha, o que abreviaria o sofrimento dos três jovens. (Se é que queria prolongar e multiplicar seus sofrimentos, teria de usar menos fogo - v. 19).

c. A fornalha superaquecida consumiu os mais fortes soldados do rei.

d. O contra-senso do rei quanto a Deus. Em 2.47, ele engrandece a Deus, agora o desafia (v. 15). Assim faz o homem que não controla a sua ira.

Eis alguns avisos e conselhos bíblicos para o homem iracundo: Provérbios 14.17.29; 19.19; 22.14; 29.22; Tiago 1.19,20.

6. *Paz, firmeza, e confiança em Deus, ante o perigo* (3.17,18). Isso vemos nos três crentes hebreus. O Senhor Jesus legou a sua paz aos seus seguidores: *"Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou"* (Jo 14.27). Judas ficou com a bolsa; os soldados, com a túnica; o ladrão moribundo, com o perdão; João, com a mãe de Jesus, mas os discípulos, em todos os tempos, ficaram com a sua paz.

7. *Ainda a fúria do rei* (3.19-23). Antes o rei estava *"irado e furioso"* (v. 13), mas agora *"se encheu de fúria"* (v. 19). A ira é assim: se não for controlada, transforma-se em cólera cega e louca: "Deixa a ira, abandona o furor; não te impacientes; certamente isso acabará mal" (SI 37.8) - Aí está o aviso divino!

8. *"extinguiram a violência do fogo"* (Hb 11.34). Isso vemos no caso desses três jovens crentes (3.24,25). Era a presença de Deus ali, mediante a fé. (Ler Isaías 43.1,2; Mateus 28.20; Hebreus 13.5.)

9. *Salvos NA fornalha, não DA fornalha* (3.26). Deus não nos promete livrar sempre da angústia, mas estará conosco na angústia, se tivermos de atravessá-la (SI 91.15). Salvos NA fornalha foi um milagre maior do que salvos DA fornalha. É o caso de Lázaro. O milagre da sua ressurreição foi maior do que o da sua cura (Jo 11.44).

10. *Anjos - os engenheiros do universo* (3.28). Sim, eles controlam as forças e os elementos da natureza (Ap 7.1; 14.18; 16.5).

11. *Um decreto raro* (3.29). Um decreto sobre blasfêmia contra Deus; sobre falar mal de Deus, e por um rei pagão!

Assim, vimos que o *"tempo dos gentios"* começou com a adoração de imagens, e desse modo também findará (Mt 24.15; Ap 13.8,11). Para os crentes, a Palavra de Deus adverte: *"Guardai-vos dos ídolos"* (1 Jo 5.21). Na vida do cristão, um ídolo é tudo aquilo que toma o lugar e o tempo que pertencem a Deus.

O orgulho político castigado (cap. 4)

Neste capítulo temos o sonho de Nabucodonosor com a grande árvore. No estudo do anterior vemos o orgulho político e o de exorbitar castigados. Quanto a este, trata-se de uma parte da Bíblia escrita por um ímpio. (Ver os versículos 1,2 e 37.)

1. *O reconhecimento da grandeza de Deus* (4.2,3). Isto é altamente importante na vida de um governante, uma vez que toda a autoridade vem de Deus (Rm 13.1).

2. *O conceito de Daniel* (4.8). Três vezes Nabucodonosor afirma que Daniel tinha o espírito dos deuses santos (4.8,9,18). Se esse rei fosse crente, diria que o profeta era cheio do Espírito Santo. O descrente não sabe falar a linguagem de Sião.

3. *A figura da árvore na Bíblia* (4.10). A árvore é, nas Escrituras, uma figura comum para representar o ser humano. (Ler as seguintes passagens: Salmos 1.3; 92.12; Cantares 4.16; Mateus 3.10; Romanos 11.17; 1 Coríntios 3.9.) Israel, por exemplo, é figurado por três árvores: oliveira (Rm 11.17); figueira (Lc 21.29); e videira (SI 80.15; J1 1.12).

O justo comparado à árvore, resulta em algumas lições importantes:

a. Fala do terno cuidado de Deus (SI 1.3). Aí se fala do justo, como uma árvore plantada. Há muita diferença entre uma árvore que foi plantada, e outra que nasceu por si mesma.

b. Uma árvore frutífera de boa qualidade pode voltar ao estado selvagem, por falta de cuidado (Rm 11.7).

c. Uma árvore só dá fruto depois que cresce; uma vez desenvolvida.

4. *"vigilante" - uma classe de anjos* (4.13). Certamente sua principal função é vigiar contra o mal.

5. *Sete tempos = sete anos* (4.16,23,25,32). É falsa a interpretação que afirma significar isso 2.520 anos, isto é, 7 x 360 dias, significando cada dia 1 ano.

6. *A interpretação do sonho por Daniel* (4.19-27). No versículo 25 vemos que Deus pode mudar a natureza do homem. No Milênio Ele mudará a natureza dos animais, para que haja harmonia em tudo.

7. *A graça e a longanimidade de Deus para com os homens* (4.29). Deus esperou doze meses para Nabucodonosor se arrepender. Pelo governador Félix, Ele esperou 2 anos (At 24.27). Pelos antediluvianos, esperou sete dias além do prazo estipulado (Gn 7.4). E por você, leitor, será que Ele está esperando? E, por quanto tempo?

8. *"a grande Babilônia"* (4.30). Aqui se trata da capital do império desse mesmo nome. A cidade era extravagante; suntuosa além do que se possa imaginar; era sem rival na história do mundo. Isaías 13.19 diz: "Babilônia, a joia dos reinos, glória e orgulho dos caldeus". Jeremias 51.41, diz de Babilônia: "A glória de toda terra". Os antigos historiadores declaram que seu muro alcançava 96 km de extensão (24 km de cada lado da cidade), 90 m de altura e 25 de espessura. O muro tinha ainda 250 torres e 100 portões de cobre. Sob o rio Eufrates, que dividia Babilônia ao meio, passava um túnel. Os diversos muros da cidade e dos palácios e fortalezas eram tão espessos e altos, que para qualquer tipo de guerra da antiguidade, Babilônia era uma cidade simplesmente inconquistável.

9. *O orgulho pessoal e político do rei* (4.30). *"A grande Babilônia que eu edifiquei para a casa real, com o meu grandioso poder, e para glória da minha majestade"*. Deus já disse que a sua glória Ele não dará a outrem (Is 48.11). Cuidado, pois, com o costume de receber a glória que pertence só a Deus!

10. *"Ele opera com o exército do céu e os moradores da terra"* (4.35). Para Deus é indiferente operar com o "exército do Céu" (os anjos) ou com seres humanos.

Terceira Parte

Os impérios mundiais discriminados (caps.5 a 8)

Nas duas primeiras partes deste livro, abordamos resumidamente a seção inicial do livro de Daniel - seus capítulos 1 a 4 - onde vimos, no seu capítulo 2, como a revelação divina transpõe séculos a dentro, deixando-nos contemplar o futuro das nações gentílicas e o estabelecimento do reino eterno de nosso Senhor Jesus Cristo, reino esse que não passará a outro povo. "Mas, nos dias destes reis, o Deus do céu suscitará um reino que não será jamais destruído; este reino não passará a outro povo: esmiuçará e consumirá todos estes reinos, mas ele mesmo subsistirá para sempre" (2.44).

Nesta parte cobriremos a seção seguinte do livro de Daniel - os capítulos 5 a 8, onde aparecem os mesmos impérios mundiais do capítulo 2. O primeiro - a Babilônia (cap. 5); o segundo - a Medo-Pérsia (cap. 6); e o terceiro - a Grécia (parte do capítulo 8).

No capítulo 7 voltam à cena, juntos, como no capítulo 2, os mesmos quatro últimos impérios mundiais, com destaque do quarto - Roma e sua última forma de expressão como poder político mundial nos dias do Anticristo. No capítulo 2, esses impérios aparecem como metais; agora, no capítulo 7, surgem sob a forma de 4 animais. A razão disso e seus pormenores estudaremos ao chegarmos ao capítulo 7.

No capítulo 2, a revelação divina deu-se através de um rei pagão; no capítulo 7, essa revelação veio por meio do profeta Daniel. O fato de os capítulos serem paralelos e proféticos são da mais alta importância para os estudantes das profecias. Quando Deus repete um ensino é porque se trata de fatos altamente relevantes para o mundo e a humanidade.

A queda do primeiro império mundial (cap. 5)

O capítulo 5 do livro em apreço deve ser estudado à luz de Isaías 21.1-9, onde temos a profecia da queda de Babilônia, proferida por Isaías cerca de 150 anos antes. A menção do Elão e da Média (Is 21.2), apontam para a conquista de Babilônia por Ciro. Os capítulos 13 e 14 de Isaías acrescentam mais detalhes proféticos dessa queda de Babilônia.

É assombroso o poder exclusivo do Todo-poderoso de predizer o futuro, como no caso de Ciro, o conquistador de Babilônia, que, através do profeta Isaías, Deus o chamou pelo nome (Ciro), isto mais de um século e meio antes do seu nascimento (Is 44.28).

Daniel tinha agora mais de 80 anos de idade. Para fins de noção de tempo, há, entre os capítulos 4 e 5 de Daniel, mais de trinta anos.

Quando ocorriam os fatos mencionados no capítulo 5, o exército de Ciro, rei da Pérsia, já sitiava Babilônia há cerca de dois anos. Essa cidade, dentro de seus muros considerados inexpugnáveis, estava preparada para resistir a um sítio por mais prolongado que fosse, mas no fim do segundo ano do cerco, a cidade foi tomada, como veremos aqui.

1. *"O rei Belsazar"* (5.1). Era co-regente com seu pai Nabonido. Daí a frase "terceiro dominador do meu reino" dos versículos 7,16. (Ver mais sobre isso no versículo 7.) A sala do banquete de Belsazar, mencionada no versículo 1, a arqueologia chegou a escavar, e sabe-se agora que media 19 x 53 metros.

2. *"Nabucodonosor, seu pai"* (5.2). Belsazar era na realidade filho de Nabonido e neto de Nabucodonosor. O aramaico não tem vocabulário para avô. Jeremias explica a dúvida em 27.7 do seu livro, quando trata do pai de Belsazar (Nabucodonosor); do filho de Nabucodonosor (Nabonido); e do filho do filho (neto) de Nabucodonosor (Belsazar). (Ver também Daniel 5.11.)

3. *Uma festa ímpia* (5.3,4). Muito vinho, profanação (os vasos sagrados da casa de Deus), mulheres ímpias, falsos deuses.

4. *"Na mesma hora"* (5.5). A medida da sua iniquidade estava cheia e seu juízo foi repentino. Com isso combina a expressão *"na mesma noite"*, em referência à morte de Belsazar, no versículo 30.

5. *"Há no teu reino um homem"* (5.11). As informações da rainha-mãe parecem indicar que Daniel estaria aposentado ou afastado das antigas funções. Era um homem conhecido por sua comunhão com Deus. *"Há um homem"*. Necessitamos urgentemente desse homem no Estado, na Igreja, no Lar, etc. Homem que ande com Deus e que possua dons de Deus. Alguns casos da Bíblia são:

"Houve um homem enviado por Deus, cujo nome era João" (Jo 1.6).

"Está aqui um rapaz que tem cinco pães de cevada e dois peixinhos; mas isto que é para tanta gente?" (Jo 6.9).

"Busquei entre eles um homem que tapasse o muro e se colocasse na brecha perante mim a favor desta terra, para que eu não a destruísse; mas a ninguém achei" (Ez 22.30).

6. *O verdadeiro espírito de quem quer servir bem* (5.17). Daniel, mesmo agora em idade avançada, continuava sempre disposto a servir bem ao próximo. Não é de admirar que tivesse uma vida prolongada, colhendo, assim, os frutos que sempre semeara!

7. *A coragem e a autoridade espiritual de Daniel* (5.18-23). Com autoridade divina, Daniel expôs ao rei sua situação espiritual, sua arrogância, altivez e impiedade. Deus dera ao rei oportunidade, mas ele a ignorara atrevidamente.

8. *O letreiro escrito pelo dedo de Deus* (5.25-28). As palavras MENE, MENE, TEQUEL E PARSIM eram conhecidas, mas isoladas como estavam, ninguém sabia que mensagem comunicavam (v. 25). Daniel, pelo Espírito de Deus, deu a exata interpretação:

a. MENE (v. 26): contou Deus o teu reino e deu cabo dele, isto é, Deus contou o número de dias do reino e o destruiu.

b. TEQUEL (v. 27): pesado foste na balança e achado em falta. Diante da justiça divina esse reino não teve qualquer peso.

c. PERES (v. 28): na escritura da parede apareceu o plural: PARSIM. Na interpretação, Daniel usou o singular PERES. Na Edição Revista e Corrigida de Almeida temos UFARSIM, no versículo 25. (O "U" corresponde à nossa conjunção "e". "FARSIM" é uma variante de "PARSIM".) São

palavras da língua aramaica, que é muito próxima da hebraica: *dividido foi o teu reino e dado aos medos e aos persas.*

Literalmente, as palavras isoladas significam, portanto: contado, pesado, divisões. Daniel, pelo Espírito de Deus, interpretou a mensagem divina.

Os medos e os persas formaram uma coalizão para derrotar Babilônia. A Média lutou sob Dario, e a Pérsia sob Ciro. Esta tomada de Babilônia está também profeticamente descrita em Jeremias, capítulo 51, especialmente nos versículos 30-32. Xenofonte, historiador grego, diz que os matadores de Belsazar foram Gobrias e Gadatas.

Assim terminou o magnífico império babilônico (a cabeça de ouro da estátua), e teve início o império medo-persa.

O segundo império mundial (cap. 6)

Os medos, no princípio de sua história, foram mais poderosos do que os persas. Eram povos oriundos originalmente de Madai (Gn 10.2). Eles chamavam-se a si mesmos, posteriormente, de *airiana*, palavra do sânscrito, que significa *nobre*. De *airiana* vem à moderna palavra Irã, nome pelo qual se chama hoje parte daquela região.

Após a queda de Assíria, em 612 a.C., os medos passaram a controlar todo o Norte da Mesopotâmia. Cambises, o grande rei dos persas, na época da consolidação do seu império, casou com a filha de Astíages, rei dos medos. Desse casamento nasceu Ciro II, que juntou suas forças com as de Nabonido, rei de Babilônia, e revoltou-se contra os medos, passando depois o país ao controle de Ciro. Foi este Ciro que tomou de assalto a cidade de Babilônia, na noite da grande orgia do rei Belsazar.

1. *"Pareceu bem a Dario"* (6.1). Tem sido grande a contenda dos estudiosos, bem como as investidas da falsa crítica em torno deste versículo, e do anterior (5.31), que mencionam Dario, o medo, como o primeiro governante de Babilônia. Dario governou Babilônia enquanto Ciro completava suas conquistas no Norte e no Oeste, por uns dois anos. De fato, em Daniel 9.1 se afirma que ele foi "constituído rei" sobre os caldeus. A Tradução Brasileira diz em Daniel 5.31 que Dario "recebeu" o reino. Ele foi na realidade um vice-rei. Em Daniel 6.14 se vê que ele nada podia fazer para alterar a lei, ao passo que Ciro, logo que assumiu o trono, libertou os hebreus do cativeiro e acabou com o regime de escravidão de outros povos, instaurado por Nabucodonosor. Belsazar é também chamado "rei" em Daniel 5.30; entretanto, ele era realmente o segundo na escala de comando (5.7b).

2. *"dos quais Daniel era um"* (6.2). Os governantes precisam ser homens de caráter puro e honesto como Daniel. O versículo seguinte explica o segredo disto: *"Então o mesmo Daniel se distinguiu destes presidentes e sátrapas, porque nele havia um espírito excelente..."* No capítulo 5.12, a rainha-mãe de Belsazar já declarara isso de Daniel, isto é, que ele era dotado de um *"espírito excelente"*.

3. *Os males da inveja* (6.4). É o que vemos neste versículo, e nos que o seguem (vv. 5-15). Aqui temos os companheiros de cargo de Daniel, que eram mal-intencionados contra o servo de Deus, movidos por amarga inveja.

Todos temos de vigiar contra este monstro destruidor - a inveja. Ainda neste versículo vemos outra virtude de Daniel: integridade de caráter - *"nenhum erro nem culpa"*.

4. *O plano diabólico* (6.6-9). Nestes versículos vemos que o plano diabólico de matar Daniel seria executado através dos dirigentes do povo e da vaidade do rei. Em 2.12,13, no seu plano anterior de matar Daniel, o Diabo agiu através da ira do rei Nabucodonosor. Agora ele usou outro rei, mas com outras armas: a presunção, a vaidade, o orgulho, a vangloria pessoal.

O Diabo estava vendo que Daniel seria o homem que a seguir intercederia junto a Deus, com oração e jejum, para que os cativos de Israel retornassem à sua terra. (Ler Daniel, capítulo 9 - todo.)

O rei seria um deus por trinta dias (v. 7). Assim, movido por orgulho e vaidade, assinou o decreto de morte (v. 9). 42

Ainda hoje, muitos decretos, leis, estatutos, resoluções, decisões, deliberações, votações e reuniões são feitas para prejudicar os outros.

5. *A oração de Daniel e seus ensinos para nós* (6.10):

a. Foi uma oração pessoal ("no seu quarto"). Esse é o tipo de oração que decide batalhas espirituais, porque é o canal de comunicação entre o crente e Deus (Mt 6.6).

b. Foi uma oração baseada na obediência. (Ler 1 Reis 8.38,42,44,48.) Aí temos prescrições bíblicas para que nos momentos de crises o que suplicava a Deus se voltasse para o lado de Jerusalém, porque é "Jerusalém a cidade que escolhi para pôr ali o meu nome", é o que diz o Senhor em 1 Reis 11.36. Também porque em Jerusalém estava o templo de Deus (nos dias de Daniel, destruído), centro da unidade nacional e símbolo da fé e da existência do povo escolhido.

c. Foi uma oração perseverante ("três vezes no dia"). Em três horas do dia os judeus faziam oração: às 9 da manhã; às 12, e às 15 horas. Davi assim fazia (SI 55.17). Pedro e João subiam ao templo para a oração às 15 horas (que era a hora nona dos judeus - At 3.1).

d. Foi uma oração humilde ("se punha de joelhos"). Isso fala de submissão e entrega total a Deus. Jesus orou assim (Lc 22.41).

e. Foi uma oração com gratidão a Deus ("orava e dava graças"). Muitas orações não têm resposta porque só se ocupam de petições, sem ações de graças de antemão. A gratidão a Deus certamente o inclinará a dar-nos o que precisamos.

f. Foi uma oração com endereço certo ("diante do seu Deus"). Uma coisa que torna a oração uma forma irresistível é o ser ela dirigida a Deus. Às vezes estamos mais preocupados com aquilo de que necessitamos do que com Deus mesmo. É preciso, acima de tudo, na oração, contato com Deus!

g. Foi uma oração habitual ("como costumava fazer"). Daniel, na crise, apenas manteve o ritmo que costumava manter, na oração. Há crentes que só nas crises ou necessidades agudas cumprem um esquema de oração, mas aquele que está habituado a orar com regularidade, nessas ocasiões simplesmente mantém o ritmo costumeiro, enquanto o temporal ruge do lado de fora.

O versículo fala da "casa" de Daniel. A Bíblia não menciona porraenores nesse sentido: se tinha esposa, filhos, etc.

6. A fé de Daniel. Por sua fé em Deus, a boca dos leões foi fechada (v. 22): *"porque crera no seu Deus"* (v. 23). Hebreus 11.33 confirma: *"por meio da fé... fecharam bocas de leões"*.

7. *Os acusadores são agora acusados e punidos* (6.24). Isso às vezes ocorre imediatamente; outras vezes demora um pouco, dependendo da justiça divina. *"Quem abre uma cova nela cairá"*. Duas vezes Salomão escreveu isso: Eclesiastes 10.8 e Provérbios 26.27. É a lei do retorno, ou da sementeira, de Gálatas 6.7.

8. *"tremam e temam"* (6.26). Precisamos dessas duas coisas diante do Senhor, sem o sentido com que se aplicam ao ímpio. O povo de Deus muito sofreu no Antigo Testamento por não levar isso a sério. Temor e tremor são também palavras da Dispensação da Graça (1 Co 2.3; 2 Co 7.15; Ef 6.5; Fp 2.12).

9. *Deus nos livra dos "leões"* (6.27). Até da boca do "leão", Deus pode arrancar a vítima, quando tudo parecer sem esperança de salvação. (Ler 1 Samuel 17.34,35 e 2 Timóteo 4.17.) Só pela fé em Deus, qual escudo, podemos resistir ao Diabo (1 Pe 5.8,9).

Os quatro últimos impérios mundiais (cap. 7)

Cronologicamente, este capítulo vem antes do capítulo 5. Basta comparar 5.30,31 com 7.1.

Aqui temos a continuação do capítulo 2, uma outra profecia proferida uns 60 anos antes. O assunto é o mesmo, em continuação: as quatro últimas potências mundiais. No capítulo 2 esses impérios são representados por uma imagem com a cabeça de ouro, o peito de prata, o ventre de bronze, as pernas de ferro, e os pés, em parte de ferro e em parte de barro, que se esmiuçaram ao impacto de uma pedra cortada de um monte.

No presente capítulo, esses mesmos impérios representam-se por um leão, um urso, um leopardo, e um animal anônimo e terrivelmente espantoso. Por fim, vem o Filho do homem, exercendo o juízo e estabelecendo o reino eterno do Altíssimo (vv. 13,14,26,27).

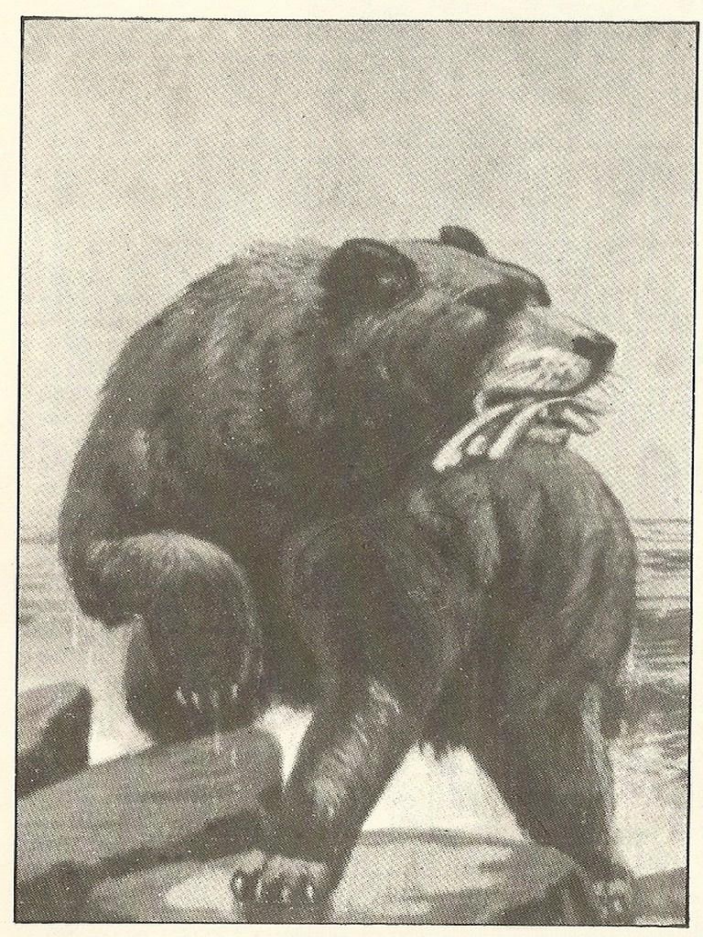
No capítulo 2, por meio de Nabucodonosor, Deus revelou o lado político desses últimos impérios mundiais. A Daniel, nesse capítulo, Deus revelou o lado moral e espiritual através de quatro bestas. É significativo que as nações, em geral, escolhem inconscientemente, para si símbolos nacionais provenientes de animais ferozes e aves de rapina. Exemplos disso são: China - dragão; Inglaterra - leão; Estados Unidos - águia; Rússia - urso; Itália - lobo; e assim por diante.

1. *O mar agitado* (7.2) são as nações inquietas. (Ler Apocalipse 17.15.) A inquietação e perplexidade das nações é uma característica dos tempos dos gentios, como vemos aqui. Isso pelas crises cada vez maiores, que surgem interna e externamente. Os ventos podem ser os poderes do mal que incitam e afligem as nações.

2. *O leão* (7.4). Corresponde à cabeça de ouro da estátua do capítulo 2, isto é, Babilônia (2.32,37,38). O leão tinha duas asas, o que fala da rapidez nas suas conquistas, como bem revela a história.

Primeiro império mundial dos tempos dos gentios: Babilônia (606-536 a.C.). Simbolizada pelo leão (Dn 7.4), rei dos animais. Isso fala da primazia do Império Babilônico sobre os demais que se seguiram. Corresponde á cabeça de ouro da estátua de Dn 2.32,37,38. As asas de águias falam de suas rápidas conquistas.

3. O urso (7.5) corresponde ao peito de prata do capítulo 2, isto é, à Medo-Pérsia (2.32,39). No capítulo 8.2o a Medo-Pérsia volta a ser representada por um carneiro. O urso se levantou sobre um dos lados, e tinha na boca três costelas. O lado que se elevou foi a Pérsia, que passou a ter ascendência sobre a Média. As três costelas na boca aludem à conquista (pela Pérsia) de Babilônia, Lídia e Egito.

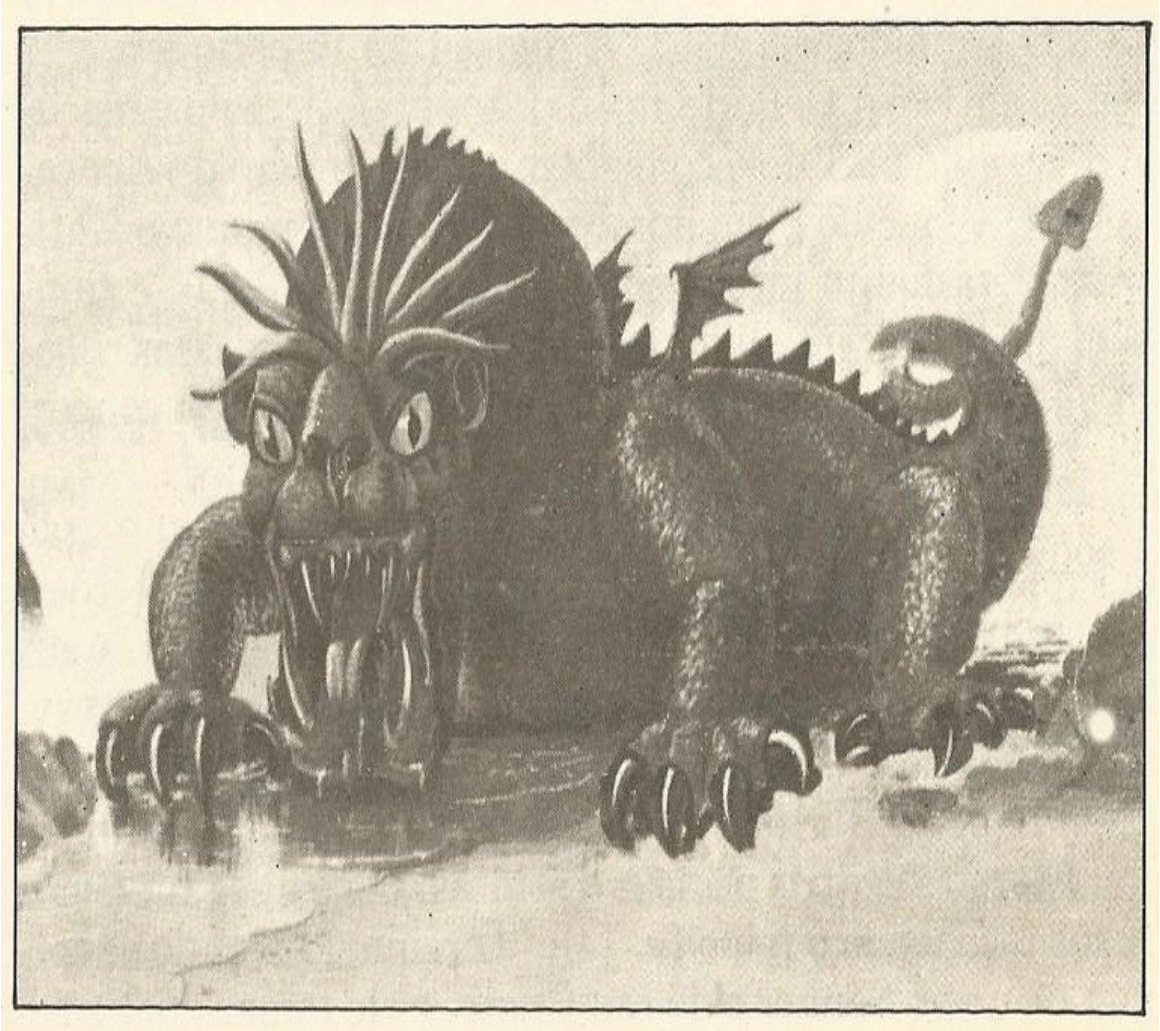


Segundo império mundial dos tempos dos gentios: a Pérsia. Simbolizada por um urso que se levantou sobre um dos lados tendo três costelas na boca (Dn 7.5). O lado que elevou-se foi a Pérsia que passou a ter ascendência sobre a Média. As três costelas falam da sua conquista da Babilônia, Lídia e Egito. Período da Pérsia como império mundial: 536-331 a.C.

4. O leopardo (7.6) corresponde ao ventre de bronze do capítulo 2, isto é, à Grécia (2.32,39). No capítulo 8.5,21 a Grécia volta a aparecer sob a figura de um bode. O leopardo tinha quatro asas e quatro cabeças. As quatro asas indicam mais rapidez nas conquistas do que Babilônia. As quatro cabeças falam da quádrupla divisão do império grego após a morte de Alexandre, a saber: Egito, Macedônia, Síria e Ásia Menor. De fato, em dez anos Alexandre dominou o mundo civilizado do seu tempo. Seu exército era altamente treinado e utilizava o princípio da guerra-relâmpago, isto é, surpresa e rapidez nos ataques.

Terceiro império mundial dos tempos dos gentios: a Grécia. Período: 331-146 a.C. É simbolizada por um leopardo tendo quatro azas e quatro cabeças. As quatro azas falam do avanço relâmpago da Grécia nas suas guerras. As quatro cabeças falam da quádrupla divisão do império grego após a morte de Alexandre. Texto bíblico: Dn 7.6.

5. *O quarto animal* (7.7,8,11,19-24) corresponde às pernas e pés da estátua do capítulo 2, ou seja, ao Império Romano, e ainda à sua última forma de expressão, por ocasião da vinda de Jesus. Tinha dez chifres. Entre esses dez surgiu um pequeno. Três dos outros foram derrubados pelo chifre pequeno (vv. 8,24).



O quarto império mundial dos tempos dos gentios: Roma. Período: 146 a-C- a 476 d.C. quando se deu a queda de Roma. Tinha dez chifres (Dn 7.7,8,19-24).

O quarto animal seria um rei ou reino, como os demais animais (7.17,23). Esse animal tinha dentes de ferro (v. 7). Seria o reino da força, da ferocidade, do esmagamento, como foi o Império Romano. Os dez chifres do versículo 7 correspondem a dez futuros reis (v. 24). Esses futuros reis ou reinos correspondem aos dez dedos dos pés da estátua do capítulo 2.41,44, e aos dez chifres da besta de Apocalipse 13.1 e 17.12, a saber, ao Anticristo e suas nações confederadas durante a Grande Tribulação.

A visão do quarto animal com seus detalhes foi tão impressionante, que Daniel concentrou sua atenção sobre ele, querendo saber a que se referia (vv. 19,20).

6. *O chifre pequeno* (7.8) representa o futuro Anticristo. Ele, ao emergir entre os dez reinos, abaterá três reis. Essa expressão do Império Romano em dez reinos ainda não ocorreu, pois quando esse império deixou de existir tinha apenas duas formas, correspondentes às duas pernas da estátua do capítulo 2, isto é, o Império Romano do Ocidente e o Império Romano do Oriente. O primeiro caiu em 476 d.C. O segundo, em 1453. A divisão do império em dois deu-se em 395 d.C. Portanto, os fatos proféticos do versículo 8 são ainda futuros, como bem mostra o livro de Apocalipse. O versículo 8 em apreço revela também que o Anticristo será muito inteligente {"olhos" - vv. 8,20), e também um orador inflamado e magnetizador de massas ("boca que falava com insolência" - vv. 8,20). Com isso concorda Apocalipse 13.5,6.

7. *Juízo das Nações* (7.9-13). Aqui temos uma previsão dos juízos do Apocalipse, culminando no Juízo das Nações, na vinda do Filho do homem (v. 13). (Ler aqui Mateus 25.31-46 e Apocalipse 19.11 ss.) O *"Ancião de Dias"* (vv. 13,22) é Deus. (Ver Isaías 57.15 - Aquele "que habita a eternidade".) O versículo 13 também mostra que Jesus e o Pai Eterno são duas pessoas distintas. Logo a seguir vemos Jesus recebendo o reino (v. 14): "O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos" (Ap 11.15).

8. *Cheguei-me a um dos que estavam perto..."* (7.16). Até a esta altura do livro, Daniel foi o agente de Deus para interpretar os sonhos de outros. Daqui em diante um anjo interpreta os sonhos e visões dele. Certamente é um só anjo: Gabriel (8.16; 9.21). Deus fez assim para mostrar a sua soberania e para evitar que o homem se orgulhe. (Ler as passagens de Daniel 7.16; 8.15-17; 9.20-23; 10.10-14.)

9. *"os santos do Altíssimo"* (7.18; também vv. 21 e 25). Aqui, são os judeus fiéis, durante a tribulação. São *"os escolhidos"*, de Mateus 24.31. Até o capítulo 6 deste livro as profecias giram em torno dos gentios. A partir do capítulo 7 giram em torno, principalmente, dos judeus.

10. *O reino dos dez chifres* (7.24). Esse futuro reino é equivalente ao da primeira besta de Apocalipse 13.1-8, e 17.12-17. Até hoje não ocorreu esta forma de governo do Império Romano. Não se trata do próprio império restaurado, como muitos precipitadamente afirmam. O texto de 50

Daniel 7.24 afirma que esses países se formarão *"daquele"* mesmo reino.

11. *Os últimos três anos e meio da Grande Tribulação* (7.25) serão os piores anos dos juízos. Esse período é mencionado em Apocalipse como: 42 meses (Ap 11.2; 13.5); 1.260 dias (Ap 11.3; 12.6), e *"um tempo, tempos, e metade de um tempo"* (Ap 12.14). Aqui em Daniel 7.25 ele é citado como "um tempo, dois tempos e metade de um tempo".

O Anticristo tratará de inaugurar uma nova era. "Cuidará em mudar os tempos e a Lei" (v. 25). Um dos seus nomes no Novo Testamento é "o iníquo" (2 Ts 2.8), que no grego é *"anomos",* isto é, aquele que é oposto à ordem estabelecida; o subversivo, o desordeiro; aquele que se opõe à Lei. Haverá, pois, mudança na ordem das coisas e da lei estabelecida.

12. *Versículo 28*. Este versículo encerra o texto aramaico, que iniciou em 2.4.

O segundo e o terceiro impérios mundiais (cap.8)

O capítulo 8 contém detalhadas predições sobre o Império Persa e o Império Grego. As predições sobre o Império Grego estão relacionadas com Israel.

Cronologicamente, este capítulo vem antes do 5. O capítulo 8 tem lugar no ano terceiro de Belsazar (v.l), ao passo que o capítulo 5, como já vimos, marcou o final do governo de Belsazar (5.30). Portanto, quando esta visão ocorreu a Daniel, o seu povo continuava exilado em Babilônia.

1. *Susã e o rio Ulai* (8.2). Susã era a capital do Elão e a residência de inverno dos reis persas. Aí tem lugar a história de Neemias e Ester. O rio Ulai é modernamente chamado Chapur.

2. *O carneiro e seus dois chifres* (8.3,4) é a Pérsia. *"Aquele carneiro que viste com dois chifres são os reis da Média e da Pérsia"* (v. 20). É representada em 7.5 por um urso. Os dois chifres falam da dualidade do império: Média e Pérsia. O chifre mais alto ("um mais alto do que o outro"-v. 3) é a Pérsia, que apesar de ser mais recente do que a Média, tornou-se proeminente. "O mais alto subiu por último" (v. 3). Em 550 a.C. Ciro, um persa, rebelou-se contra os medos, que até então detinham o poder e tornou-se cabeça dos dois reinos.

"E assim se engrandecia" (v. 4). Isto é dito da Grécia. De fato, esse império tornou-se grande nas suas conquistas. Seus feitos e proezas nesse sentido são estudados e admirados até hoje.

3. *O reino da Grécia* (8.5-8) é representado aqui por um bode. *"O bode peludo é o rei da Grécia"* (v. 21). No capítulo 7.6 é representado por um leopardo. *O "chifre notável"* do bode (v. 5) é Alexandre, o Grande, um dos guerreiros mais brilhantes dos tempos antigos: rei da Macedônia, fundador do helenismo, gênio militar e propagador da cultura grega. Foi ele o grande imperador grego. Os versículos 6 e 7 falam da arremetida furiosa e irresistível de seus exércitos. Em doze anos de reinado Alexandre tinha o mundo a seus pés. Morreu em 323 a.C., em Babilônia, aos 33 anos de idade.

No versículo 8 vemos na profecia a divisão do império de Alexandre entre seus quatro generais. Essas quatro divisões correspondem hoje, em parte, à Grécia, à Turquia, à Síria, e ao Egito. (Ler também o v. 22.)

4. *"De um dos chifres saiu um chifre pequeno"* (8.9). Trata-se do rei selêucida Antíoco Epifânio, o opressor de Israel no Antigo Testamento, o qual procedeu da Síria, uma das divisões do império grego, de que já falamos. O termo "selêucida" deriva do general Seleuco Nicátor, ao qual, na partilha do império de Alexandre, coube a Síria, a Ásia Menor e Babilônia, tendo por capital Antioquia. Seleuco foi o fundador da dinastia dos reis gregos da Síria, chamados selêucidas.

Antíoco Epifânio, o *"chifre pequeno"* de Daniel 8.9 é conhecido como o *"Anticristo do Antigo Testamento",* tal a perseguição que infligiu ao povo judeu no século II a.C., durante o chamado Período Interbíblico. (Assim se chama o período que vai de Malaquias a Mateus - cerca de 400 anos.) Antíoco reinou de 175 a 167 a.C. Ele decidiu exterminar o povo judeu e sua religião. Chegou a proibir o culto a Deus. Recorreu a todo tipo de torturas para forçar os judeus a renunciarem à sua fé em Deus. Isto deu lugar à famosa Revolta dos Macabeus, uma das páginas mais heróicas da história de Israel. Epifânio quer dizer o magnífico. Ele era assim chamado por seus amigos. Seus inimigos o chamavam "Epimânio", que quer dizer louco.

Antíoco prefigurava o futuro Anticristo, pois no versículo 19 está escrito: *"Eis que te farei saber o que há de acontecer no último tempo da ira; porque esta visão se refere ao tempo determinado do fim".*

O futuro Anticristo deverá, pois, surgir de uma das antigas quatro divisões do ex-império grego; certamente da divisão a que pertencia a Síria. Sendo Antíoco, tipo e sombra do Anticristo, procederá por certo do mesmo lugar. Talvez seja por isso que, ao ser mencionado o Anticristo em Apocalipse 13, ele (isto é, a Besta) é primeiramente mencionado como "semelhante a leopardo" (Ap 13.2). Ora, o leopardo é o animal que simboliza a Grécia (7.6).

5. As perseguições de Antíoco aos judeus (Dn 8.9-14). Há vários pormenores interessantes nestes versículos:

a) A *"terra gloriosa"* (v. 9) é uma referência à terra de Israel.

b) *"Exército dos céus"* e *"estrelas"* (v. 10), parece ser uma referência aos sacerdotes e levitas, se compararmos o conteúdo dos versículos 11 a 13.

c) As perseguições de Antíoco contra os judeus são vistas nos versículos 10 a 13.

d) *"Duas mil e trezentas tardes e manhãs"* (v. 14). Literalmente, são 1.150 tardes mais 1.150 manhãs, o que equivale há 1.150 dias, porque uma tarde e uma manhã eram um dia no sistema judaico de contar os dias (Gn 1.5). Certamente isso foi mencionado assim por causa da supressão dos sacrifícios diários do templo, por Antíoco. (Ver a expressão *"sacrifício acostumado",* nos versículos 11,12,13 e também em Números 28.3,4.)

1.150 dias são três anos e meses, isto é, o tempo decorrido entre a profanação do templo por Antíoco, e sua purificação por Judas Macabeu, em 165 a.C.

6. *Mais pormenores sobre a Grécia prefigurando os tempos do fim* (8.21-26).

a) O *"chifre grande"* do versículo 21 é Alexandre, o Grande.

b) Antíoco prefigurando o futuro Anticristo (vv. 23-25). Há fatos aqui, não aplicáveis a Antíoco. Só podem se referir a uma personagem futura. De fato, os versículos 17,19 e 26, referem-se a tempos do fim. Antíoco seria o cumprimento parcial; o Anticristo, o cumprimento cabal.

c) Uma antevisão do Armagedom (v. 25): *"Levantar -se-á contra o Príncipe dos príncipes, mas será quebrado sem esforço de mãos humanas"*. Isto é um quadro do Armagedom apocalíptico, quando o poder gentílico mundial sob o Anticristo será sobrenaturalmente destruído por Cristo na sua vinda.

7. *Não havia quem entendesse a visão* (v. 27). A visão foi tão terrível que Daniel adoeceu. Eram profundas as revelações, abarcando o futuro imediato e o futuro remoto. Declarando que não estava entendendo a visão, Daniel estava revelando a sua humildade. Isso ele também faz no final do seu livro, quando diz em 12.8: *"Eu ouvi, porém não entendi; então eu disse: Meu senhor, qual será o fim dessas coisas?"* Eis uma grande lição para todos os que anunciam as obras de Deus!

Quarta Parte

Israel e as profecias do seu futuro (caps. 9 a 12)

Esta seção do livro de Daniel (caps. 9 a 12), focaliza principalmente o povo de Israel, delineando de modo claro o seu futuro.

A profecia do capítulo 9 sobre as Setenta Semanas, é escatologicamente a mais importante de todas, dado o seu alcance e escopo, uma vez que ela abrange, além de Israel, a Igreja e o mundo gentílico, como veremos.

Os capítulos 10, 11 e 12 encerram a última visão dada por Deus a Daniel. Verifica-se que 11.1 e 12.1 (inícios desses capítulos), não iniciam mensagens novas, mas sim, indicam continuação de uma só e grande mensagem. O capítulo 10 descreve a visão que teve Daniel junto ao rio Tigre. O capítulo 11 relata eventos que ocorreram no período grego, após a morte de Alexandre, o Grande. Noutras palavras: uma antevisão de Israel no Período Interbíblico. O capítulo 12 alcança os tempos angustiosos da tribulação que vem sobre Israel e os gentios, antes do estabelecimento do reino milenial de Cristo.

Os capítulos 12 e 13 do Apocalipse devem ser estudados em conjunto com o capítulo 12 de Daniel.

As setenta semanas de anos (cap. 9)

As duas principais profecias do livro de Daniel são as do capítulo 2 e do capítulo 9. A do capítulo 2, como já vimos, revela o futuro do mundo gentílico, terminando pelo reino dos dez dedos dos pés da grande estátua, quando a pedra (que representa Cristo na sua vinda para julgar) bateu violentamente nos pés da estátua e esmiuçou-a. Três vezes está dito isto (2.34,40,44). Portanto, as nações ímpias não findarão pacificamente, mas de modo violento e catastrófico, como veremos à vinda de Jesus, com poder e grande glória. Vemos ainda que o reino final será o do Céu (2.44).

A segunda profecia mais importante do livro de Daniel é esta do capítulo 9, revelando o futuro da nação israelita, incluindo também o período da Igreja, se bem que parentético, como veremos durante o estudo. Podemos dizer que esta profecia é o futuro de Israel no plano de Deus.

Se não entendermos bem a profecia das Setenta Semanas, tampouco entenderemos o Sermão Profético de Mateus 24, e nem o livro de Apocalipse, uma vez que ela abrange esses dois. Quase todo o livro de Apocalipse (caps. 6 a 22) é apenas uma aplicação da profecia preditiva das Setenta Semanas de Daniel. Noutras palavras: Deus deu a Daniel um quadro geral dos eventos futuros relacionados com Israel; e a João, no Apocalipse, deu os detalhes desses eventos.

O estudo desta profecia torna-se mais edificante e empolgante quando consideramos que estamos vivendo agora no "tempo do fim", de que falou o profeta Daniel em 8.17,19; 10.14; 12.4.

1. *O cenário histórico da profecia* (9.1,2). *"No primeiro ano de Dario"* (v. 1). Isso teve então lugar após 5.31. Estava chegando o final dos setenta anos de cativeiro do povo judeu. "Eu, Daniel, entendi pelos livros" (v. 2). Daniel possuía uma biblioteca, cujos livros ele estudava, e entre esses estavam os da Bíblia de então. Ele menciona aqui, no versículo 2, as profecias de Jeremias. Hoje podemos ter mais conhecimentos ainda, porque dispomos de livros das Escrituras como o de Apocalipse, que ele não tinha. A profecia de Jeremias, em apreço, diz: *"Toda esta terra virá a ser um deserto e um espanto; estas nações servirão ao rei de Babilônia setenta anos. Acontecerá, porém, que, quando se cumprirem os setenta anos, castigarei a iniquidade do rei de Babilônia..."* (Jr 25.11,12). Esse rei de que fala

a profecia já fora castigado. Daniel considerava então que já estava no tempo para terminarem as *"assolações de Jerusalém",* a qual continuava destruída.

2. *A oração de Daniel* (9.3-19). Daniel era homem de oração e jejum. Certamente temos aí uma das razões por que sempre permaneceu firme na fé, vivendo e trabalhando nas "alturas" palacianas. Davi deu o mesmo testemunho no Salmo 18.33. "E me firmou nas minhas alturas". Deus pode guardar o crente nas altas posições, sejam quais forem que venha a ocupar. Muitos crentes, ao subirem nesse sentido, infelizmente começam a "descer" espiritualmente. O caminho certo nesses casos é o da oração e da Palavra, como fez Daniel.

Uma coisa tocante nesta oração de Daniel (vv. 3-19) é o fato de ele confessar os pecados da sua nação como se fossem os seus, identificando-se, assim, com o seu povo. "Temos pecado e cometido iniquidades, procedemos perversamente, e fomos rebeldes, apartando-nos dos teus mandamentos e dos teus juízos" (v. 5). Ele sabia conjugar os verbos bíblicos na primeira pessoa...

3. *Um anjo na missão de resposta à oração* (9.20-23). *"Falava eu ainda na oração, quando o homem Gabriel que eu tinha presenciado na minha visão, ao princípio, veio rapidamente voando, e me tocou à hora do sacrifício da tarde"* (v. 21). Daniel não chegou a concluir a sua oração. A resposta divina veio antes da sua conclusão! Deus mobilizou um dos anjos mais proeminentes para isso - Gabriel. Ele declarou que seu local de permanência é na presença de Deus (Lc 1.19). A sublime missão do anúncio do nascimento do Senhor Jesus foi-lhe confiada, bem como a do seu precursor - João Batista (Lc 1.11-22; 1.26-38).

O anjo veio rapidamente voando (v. 21). Anjos são seres celestiais que se deslocam com rapidez incrível, além da concepção da mente humana. Os anjos santos são liderados por Miguel, o arcanjo (isto é, o chefe dos anjos). Os anjos maus, decaídos, são chefiados por Lúcifer, o arcanjo que pecou e revoltou-se contra Deus.

"...me tocou d hora do sacrifício da tarde" (v. 21). Os judeus tinham dois sacrifícios diários contínuos: pela manhã e à tarde. O da tarde era oferecido no crepúsculo, isto é, ao pôr-do-sol (Êx 29.38-42; Nm 28.4,8). É uma boa coisa encerrar o dia com oração.

"porque és mui amado" (v. 23). Que maravilha da graça de Deus, e do seu amor, ser amado no Céu!

4. *"Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo..."* (9.24). Circunstâncias e observações sobre a profecia das setenta semanas:

a. Findaram-se os 70 anos e não ocorria o repatriamento dos judeus. (Ler Daniel 9.2; Jeremias 25.11,12; 29.10.)

b. Por que 70 anos de cativeiro e nem mais nem menos? Tratava-se de disciplina de Israel por quebra deliberada dos preceitos divinos exarados em Levítico 25.3-5; 26.14, 33-35; 2 Crônicas 36.21. O cativeiro de Judá foi, em grande parte, fruto da desobediência dos judeus quanto às palavras do Senhor, acima exaradas. Vemos na passagem de Levítico que Deus determinou a observância de um ano sabático, ou de descanso, quando a terra descansava. Isso devia ser observado cada 7 anos. Ora, durante os quase 500 anos que vão da monarquia de Israel ao seu cativeiro, eles não cumpriram o preceito do Senhor. Resultado: Deus mesmo fez a terra repousar, mantendo seus maus "inquilinos" fora por 70 anos. Ora, 70 anos é o total de anos sabáticos ocorridos no espaço de 490 anos.

Deus lida muito bem com pessoas e nações que quebram as suas leis, mesmo as civis, como esta que acabamos de mencionar.

c. As setenta semanas da profecia em foco (9.24-27) são semanas de anos; não de dias. Eis o porquê disso:

1) O original não diz *"semana",* e sim *"setes"* ("setenta setes"). Quando se trata de semana de dias, como em Daniel 10.2,3, é acrescentado, em hebraico, a palavra para dias: *"yamin"*.

2) É bíblica a expressão "semana de anos". (Ler Levítico 25.8; Números 14.34; Ezequiel 4.7.) Aplicação prática de uma *"semana de anos"* (Gn 29.20,27).

3) Os seis ditosos eventos preditos, a respeito de Israel, em 9.24, ainda não se cumpriram.

4) Em 9.27, por ocasião da última das setenta semanas, a Bíblia diz: *"E ele fará firme aliança com muitos por uma semana"*. É algo ridículo um pacto entre nações por uma semana de dias, quando somente o protocolo e as celebrações muitas vezes tomam mais de uma semana...

d) A autenticidade desta profecia (9.24-27) foi atestada por Jesus, em Mateus 24.15, onde ele também mostra que a última das setenta semanas é

ainda futura, uma vez que o fato ali citado por Jesus ainda não ocorreu depois que Ele proferiu aquelas palavras.

5. A divisão das 70 semanas em três grupos. A leitura da passagem (w. 24-27) mostra que as semanas estão divididas em três grupos. Sendo semanas de anos, totalizam 490 anos. Os três grupos são: um de 7 semanas, um de 62, e um de uma.

Comparando-se Apocalipse 12.6 com 13.5 vê-se que o ano bíblico ou profético é de 360 dias, pois 1.260 dias dá 42 meses de 30 dias. Também em Gênesis 7.11 e 8.4 temos a expressão "cinco meses", e, em 7.24 e 8.3, do mesmo livro, vemos que esses cinco meses equivalem a 150 dias, ou seja, 5 meses de 30 dias, o que significa anos de 360 dias na Bíblia. O calendário religioso de Israel era lunar. A lua nova marcava o início dos meses, sendo essa uma ocasião festiva. Esse ano era de 354 dias, mas nos fatos gerais e nas profecias era arredondado para 360 dias. O calendário solar é posterior, e é relacionado com as estações do ano.

a. *O 1º grupo de semanas - 7 semanas ou 49 anos* (v. 25). Esse período começaria com a expedição do decreto de reconstrução de Jerusalém, o qual foi baixado em 445 a.C. por Artaxerxes Longímano, de acordo com as maiores autoridades no assunto. O capítulo 2 de Neemias descreve a ocasião desse decreto; Neemias foi comissionado pelo rei para dar cumprimento a esse ato. De acordo com a profecia em estudo, no fim dos 49 anos a cidade de Jerusalém estaria reconstruída (ano 397 a.C.)

Houve dois decretos ligados à reconstrução de Jerusalém, que muitos estudiosos da Bíblia confundem. Um em 457 a.C., de embelezamento do templo e restauração do culto, a cargo de Esdras (Ed cap 7). O outro foi o da reconstrução dos muros e, portanto, da cidade, a cargo de Neemias. É deste que estamos tratando - foi baixado o ato em 445 a.C. A partir daí, começaria a contagem das setenta semanas proféticas.

b. *O 2º grupo de semanas - 62 semanas ou 434 anos* (vv. 25,26). Nesse período surge o Messias e é morto. A cidade de Jerusalém é destruída e há guerras até o fim. Os 434 anos vão de 397 a.C. até os dias da morte de Cristo. Logo depois ocorreu a destruição de Jerusalém pelos romanos, em 70 d.C. Conforme o versículo 26, após a morte de Jesus seguiu-se a destruição de Jerusalém. Assim, de acordo com a profecia (v. 26), o Messias morreria antes da destruição da cidade, o que de fato ocorreu.

Um retrospecto histórico do nosso calendário. O nosso calendário, isto é, o que está em uso entre nós, foi primeiramente organizado por Rômulo, tido como o primeiro rei de Roma. Tinha dez meses. Numa Pompílio - outro rei de Roma - acrescentou-lhe dois meses. Júlio César reformou-o posteriormente. Em 526 d.C. Dionísio elaborou novo calendário, mas enganou-se nos cálculos, resultando num erro de atraso de quase 5 anos. O ano 33 do atual calendário corresponde ao 29 do calendário correto, mas inexistente. (O limitado escopo deste livro não permite um tratamento minucioso deste ponto, mas o estudante que ignorar isso ver-se-á em complicações quando quiser situar a revelação divina no tempo, quando lidar com os tempos do Novo Testamento.)

c. *O 3º grupo de semanas - o de uma semana, isto é, 7 anos* (v.27). Esta semana é futura. Para ver isso é bastante comparar o versículo 27 com as palavras de Jesus em Mateus 24.15, que ainda não se cumpriram. Esta última semana não começará enquanto Israel estiver fora da sua terra, disperso, o que pode ser visto no versículo 26. No começo deste século, Israel iniciou a volta à Palestina e continua o retorno enquanto escrevemos estas linhas (março/1983).

Há um intervalo de tempo entre 69º e a 70º semanas, indicado no versículo 26, pela expressão "e até o fim". Neste intervalo (que já vai para 2.000 anos), enquanto Israel é rejeitado (ver Lucas 13.34,35), a Igreja é formada e arrebatada para o Céu. Realmente, à luz de Daniel 9.24, a profecia das Setenta Semanas nada tem com a Igreja, a não ser indiretamente, como já mostramos, no caso do intervalo: *"e até o fim"*.

Após o arrebatamento da Igreja terá início então a 70º semana - os sete anos em que ocorrerá a Grande Tribulação, a qual é descrita em detalhes em Apocalipse, capítulos 6 a 18. É assombrosa a precisão da profecia bíblica!

6. *Análise resumida das Setenta Semanas.* Essas semanas tratam das provações e sofrimentos pelos quais Israel terá de passar antes que o seu Libertador apareça, para que, como diz o final do versículo 24 da profecia em estudo, os pecados de Israel tenham fim, e para trazer a justiça eterna. Estas *"semanas"* não se referem à Igreja, mas a Israel. *"Sobre o teu povo [o povo de Daniel], e sobre a tua santa cidade"* (a cidade de Jerusalém - v. 24).

Versículo 24:

a. *"Setenta semanas estão determinadas"*. Terão seu fiel cumprimento, pois estão determinadas por Deus.

b. As seis coisas preditas, que estão para acontecer durante as setenta semanas (ou 490 anos) a Israel: 1) *"fazer cessar a transgressão"*: o tipo de transgressão do seu povo, que Daniel acabara de confessar em oração. 2*) "dar fim aos pecados"*. O sentido original é de reter, deter, restringir. O mesmo vocábulo original é traduzido *"tornar inativo"* em Jó 37.7. 3*) "expiar a iniquidade"*. A obra realizada por Cristo no Calvário operará então em favor de Israel. 4) "trazer a justiça eterna". Isto terá lugar em Israel pela transformação interior, conforme o que está escrito em Jeremias 31.33,34. 5) *"selar a visão e a profecia"*. Quando o povo andar em retidão, abandonando as suas transgressões, a visão e a profecia podem ser seladas. (Ver Jeremias 31.34.) 6*) "ungir o Santo dos santos"*. Certamente isto tem a ver com a purificação do templo de Jerusalém que foi profanado pela *"abominação desoladora"* mencionada em Daniel 11.31 e à qual se referiu Jesus em Mateus 24.15.

c. Estas seis coisas, para terem lugar, necessário se faz que Cristo venha e que Israel seja restaurado e convertido.

Versículo 25:

a. *"desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém"*. Aqui temos a indicação do tempo em que começaria a primeira semana. Essa ordem ou decreto, como já abordamos (Ne 2.1), foi entregue a Neemias para sua execução no ano 445 a.C.

b. *"até o Messias, sete semanas e sessenta e duas semanas"*. Isso totaliza 69 semanas de anos, ou seja, 483 anos. É o tempo que vai da reconstrução de Jerusalém pelos repatriados até a morte e ascensão do Messias.

Versículo 26:

a. *"sessenta e duas semanas"*. A isso acrescentem-se mais as 7 semanas do versículo 25, com o que perfaz 69 semanas até a morte e ascensão de Jesus.

b. *"será morto o Ungido"*. (Ler Isaías 53.8 onde isso é mais bem explicado.)

c. *"e já não estará"*. (Ler Mateus 23.39.)

d. *"e o povo de um príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário"*. Jerusalém foi destruído no ano 70 d.C.

O povo que a destruiu foi o romano. Logo, de acordo com as palavras deste versículo, é de área do antigo Império Romano que deve proceder o futuro Anticristo. [Essa área incluía a Grécia, que era parte do dito império, bem como os demais territórios situados em todo o contorno do mar Mediterrâneo.]

e. *"o seu fim"*. Isto é, o fim da cidade (Jerusalém) e seu santuário (o templo). Isso fala de sua destruição no ano 70 d.C., à qual já nos referimos.

f. *"será como num dilúvio"*. Isto é, será irresistível e esmagador, assim como foi quando Tito, o general, arrasou a cidade e o povo, com suas tropas.

g. *"e até o fim haverá guerra"*. Esse tempo indefinido entre as semanas 69? e 70º não é contado como parte delas, como está bem claro mediante o exame dos versículos 26 e 27. Tal tempo não determinado: *"até o fim",* já vai para 2.000 anos! Ê esse o tempo em que a Igreja está sendo constituída, edificada, e preparada para ser arrebatada da Terra para o Céu. Os eventos desse tempo não concernem a *"teu povo e tua santa cidade"* (isto é, de Daniel). Por que o tempo chamado *"até o fim",* situado entre a 69ºe a 70º não é contado quanto a Israel? É pelo fato de Israel durante esse tempo estar fora de sua terra, o que ocorreu após o ano 70 d.C. até 1948. Mas o certo é que há ainda muitos milhões de judeus fora da Palestina.

Há na Bíblia outros exemplos de longos intervalos de tempo numa mesma passagem, como:

Isaías 61.1,2. O ano aceitável do Senhor, e o dia da vingança do nosso Deus. Hão já decorridos quase 2.000 anos entre esses eventos citados num mesmo versículo.

Isaías 9.6,7. Entre o nascimento do Menino e a época do *"Deus Forte"* estão muitos séculos, como bem sabemos pela história.

Gênesis 1.1,2. Entre esses dois versículos devem ter ocorrido muitos milênios.

h. *"Desolações são determinadas"*. Os tempos do fim serão caracterizados por guerras e suas misérias.

Versículo 27:

Cinco coisas terão lugar durante a última *"semana ",* os sete anos de ascendência do Anticristo:

a. Ele fará uma aliança de peso, com os judeus, por sete anos. Note as palavras da profecia *"fará firme aliança"*.

b. A aliança ele (o Anticristo) a quebrará no meio da semana, isto é, decorridos três anos e meio.

c. A Grande Tribulação terá início sobre Israel. *"Sobre a asa das abominações virá o assolador"*.

d. O Anticristo dominará *"até que a destruição... se derrame sobre ele"*.

e. Cristo aparecerá para destruir o Anticristo e suas hostes, livrando assim Israel da destruição total quando toda esperança de salvação estiver perdida, *"até que a destruição que está determinada, se derrame sobre ele"*. Isso ocorrerá na batalha do Armagedom.

Observações sobre o v. 27:

a. *"Ele"*. Trata-se do Anticristo.

b. *"fará firme aliança"*. Deve ser uma falsificação do divino concerto prometido por Deus em Jeremias 31.31-33.

c. *"com muitos"*. Uma referência ao povo de Israel, já reunido em sua terra.

d. *"por uma semana"*. É a última das Setenta Semanas proféticas, que terá lugar na terra, após o arrebatamento da Igreja.

e. *"na metade da semana"*. Isto é, após três anos e meio. (Ler aqui Daniel 7.24,25; Apocalipse 11.2,3; 12.6,14; 13.5.) Nos últimos três anos e meio ocorre a Grande Tribulação propriamente dita, de que falou Jesus em Mateus capítulo 24. Disso também se ocupa o livro de Apocalipse, nos capítulos 11 a 18.

f. *"fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares"*. Isso demonstra que o templo de Jerusalém estará então reconstruído. Disso falou Jesus em Mateus 24.15b *("está no lugar santo")*. (Ver também 2 Tessalonicenses 2.3,4.)

g. *"sobre a asa das abominações"*. Esta expressão é de mui difícil interpretação. O termo "abominação" é muito usado na Bíblia para significar ídolos. Comparando-se as passagens paralelas de Daniel 11.31; 12.11 e Mateus 24.15, vê-se que se trata de um ídolo que será colocado no Lugar Santo do

templo, que estará então reconstruído. Outras passagens que falam da reconstrução do templo são 2 Tessalonicenses 2.4 e Apocalipse 11.1-2.

h. *"virá o assolador"*. Uma referência ao Anticristo.

i. *"até que a destruição, que está determinada se derrame sobre ele"*. Essas palavras da profecia referem-se à derrota total e completa do Anticristo e seus exércitos confederados, ao descer Jesus em glória sobre o monte das Oliveiras, conforme Zacarias 14.1-5; Mateus 24.30; Atos 1.11; Apocalipse 19.11-16.

Sim, a última semana culminará com a vinda de Jesus em glória com todos os seus santos para socorrer Israel, destruir a Besta e seus exércitos, e julgar as nações.

Virá em seguida o Milênio, que será uma preparação do mundo por mil anos, sob o governo de Cristo, seguindo-se o Juízo Final ou do Grande Trono Branco, e o perfeito Estado Eterno, conforme 1 Coríntios 15.24,25; Apocalipse 20.5,6.

É com o Milênio que terá início o cumprimento das seis bênçãos de Deus sobre Israel, preditas no versículo 24 da profecia que estamos estudando.

O preparo de Daniel para as últimas revelações (cap. 10)

O capítulo 10 faz parte da última visão que Deus deu a Daniel, cobrindo os capítulos 10, 11 e 12. A visão foi dada dois anos após o retorno dos judeus à Palestina. No capítulo 10.1 afirma-se que foi no terceiro ano de Ciro. Ora, Ciro decretou o regresso dos judeus do Exílio no primeiro ano do seu reinado.

O capítulo 10 contém a descrição da visão. O capítulo 11 relata eventos que tiveram lugar durante o período grego, após a morte de Alexandre, culminando com a perseguição movida por Antíoco Epifânio. O capítulo 11 (parte), juntamente com o 12, descreve os amargos sofrimentos do povo judeu nos eventos do final dos tempos.

Estes três capítulos finais de Daniel revelam a culminância da crescente experiência espiritual do profeta, a qual é para todos nós um chamamento para uma vida profunda com Deus. De início, ele interpretou os sonhos e eventos de outros (caps. 2,4,5). A seguir, descreve visões suas (cap. 7). Depois é transportado em visão a outra terra (cap. 8). A isso segue-se a visita de um dos mais celebrados anjos (cap. 9). Por fim o profeta vê em visão o próprio Filho de Deus na sua preencarnação (cap. 10). Foi portanto uma experiência espiritual sempre crescente. Assim deve ser a de cada um de nós.

1. *"foi revelada uma palavra..."* (10.1). Há um Deus no Céu que pode revelar o futuro, bem como qualquer assunto que for da sua vontade. Uma palavra revelada do Céu é algo maravilhoso, certo e infalível.

2. *A aflição de alma de Daniel* (10.2,3). A razão do seu lamento e retraimento acompanhado de jejum é certamente explicada pela data mencionada no versículo 1: "No terceiro ano de Ciro". É que por volta do terceiro ano de Ciro, a obra iniciada, de reconstrução do templo, fora embargada. (Ed 1-3; 4.4,5). Daniel, como patriota e membro da nação eleita, preocupava-se com o futuro dela, como já vimos patenteado na sua oração do capítulo 9.

A perseverança de Daniel na oração e no jejum por 21 dias ocasionou a resposta divina. *"Então me disse: Não temas, Daniel, porque desde o primeiro dia, em*

que aplicas-te o coração a compreender e a humilhar-te perante o teu Deus, foram ouvidas as tuas palavras; e por causa das tuas palavras é que eu vim" (10.12). Nesse versículo vemos que as nossas próprias palavras, na oração, são ouvidas no Céu!

3. *Mais um caso de teofania no AT* (10.4-9). Comparando-se os versículos 5,6 com Apocalipse 1.13-16, entendemos que Daniel teve aqui uma visão do Senhor Jesus, tal qual João na ilha de Patmos. No capítulo 12.6,7 vê-se que um anjo apela para o conhecimento superior desse Ser que Daniel contemplou. Nesta visão dos capítulos 10 a 12, dois anjos estão em pé, às margens do rio Ulai, um em cada margem (12.5), mas este Ser celestial superior está acima das águas do rio (12.7). O termo *"sobre as águas",* no versículo 7, é literalmente *"acima das águas"* (do rio).

Este Ser do capítulo 10.5,6, é sem dúvida o mesmo que ordenou a Gabriel que explicasse a Daniel a visão do capítulo 8. (Ler Daniel 8.16.)

O versículo 7 mostra que podemos ver e ouvir algo de particular da parte de Deus, sem que ninguém mais veja ou ouça. Fato parecido aconteceu a Paulo, quando da sua conversão na estrada de Damasco: *"Os que estavam comigo, viram a luz, sem contudo perceber o sentido da voz de quem falava comigo"* (At 22.9). Isso acontece ainda hoje, segundo a vontade e o plano de Deus.

4. *O efeito da presença divina sobre Daniel* (10.9-11,17). Se Daniel, que era "homem mui amado" no Céu (v. 11), desmaiou diante desse anjo sublime, como se comportarão os ímpios e os que se opõem a Deus, quando Cristo se manifestar? Daniel caiu por terra (v. 9). A seguir, quando um dos anjos lhe tocou, ele ficou sobre os joelhos com as palmas das mãos no chão; de "quatro pés", como se diz na linguagem familiar. Daniel não podia nem respirar direito, dado o sobrenatural da visão e a presença do Senhor: "Quanto a mim, não me resta já força alguma, nem fôlego ficou em mim" (v. 17).

5. *Realidades do mundo invisível* (10.13,20,21; 11.1). Aqui Deus levantou o véu do mistério e mostrou a Daniel algumas realidades do mundo invisível que nos cerca. Essas coisas invisíveis são os anjos, mencionados em Colossenses 1.16. Um dia conheceremos o mistério dos espíritos invisíveis, tanto os bons como os maus e a sua poderosa influência na vida das pessoas e nos assuntos humanos.

Disse o mensageiro celeste a Daniel que, desde o primeiro dia da sua busca da face do Senhor, a sua oração foi atendida, mas a resposta divina

demorou vinte e um dias para chegar (10.12,13). Certamente está aqui uma das explicações por que, às vezes, demora a resposta das nossas orações.

"o príncipe do reino da Pérsia" (v. 13). Esse príncipe não era de origem terrena. Tratava-se de um anjo diabólico tão forte, que a vitória, no caso aí abordado, só foi decidida quando Miguel, o poderoso arcanjo, entrou em ação e assim a resposta da oração chegou a Daniel. Houve pois conflito no ar entre anjos bons e maus. Assim como Deus tem anjos que protegem nações, Satanás também tem os dele, que operam, mas a seu modo. Esse anjo mau da Pérsia controlava os destinos desse país, mas foi desbancado pelos anjos de Deus. "E eu obtive vitória sobre os reis da Pérsia" (v. 13).

Há muitos atos e práticas humanas por trás dos quais estão enganosamente os agentes de Satanás, como é o caso das falsas religiões. Por exemplo, em 1 Coríntios 10.19,20, a Bíblia nos mostra que a adoração a ídolos tem como causa motivante os demônios. Significa que por trás dos ídolos estão invisivelmente os demônios.

Pelo fato de os anjos maus serem invisíveis, aqui no mundo geralmente percebemos apenas os efeitos das suas ações, e não a causa, que são eles mesmos. Assim sendo, não adianta combatermos os efeitos surgidos e sim a causa, e somente teremos vitória nisso, na força do Senhor. Diz Efésios 6.12: *"Porque a nossa luta não é contra a carne e o sangue, e sim, contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes". "Carne e sangue"* é uma outra forma de dizer homens visíveis.

"Miguel, um dos primeiros príncipes" (v.13). *"primeiros"* é literalmente *"principais"*. Isto mostra que os anjos dividem-se me categorias, *"príncipe",* no hebraico *"sor",* corresponde a chefe; aquele que domina. O arcanjo Miguel é anjo guardião de Israel (10.21; 12.1).

O atual Estado de Israel, com seus avanços, suas vitórias nas últimas guerras, apesar de suas desvantagens; sua influência e proezas internacionais só tem uma explicação: anjos de Deus lutam a favor de Israel. Muitos dos seus inimigos reconhecem isso.

6. O escopo da profecia dos capítulos 10-12. Isto é visto no versículo 14. "*Vim para fazer-te entender o que há de suceder ao teu povo nos últimos dias".* Portanto, os assuntos aqui tratados concernem a Israel. As nações gentílicas são incluídas, mas somente quanto ao seu relacionamento com Israel.

7. O confortador celestial (10.15-19). Daniel ficou de fato fortalecido com a assistência do anjo. Quando entre os seres humanos o crente não encontra fortalecimento, os anjos de Deus lho podem dar. Três vezes está dito nos versículos 18,19 que Daniel foi fortalecido. Que privilégio é termos os anjos de Deus a nosso favor!

Antevisão de Israel no período interbíblico(cap. 11)

Neste capítulo temos a história bíblica, escrita de antemão através da palavra profética, até o Novo Testamento, *uma vez que abrange o Período Interbíblico.* Até o versículo 35 temos o futuro imediato de Israel em relação às nações vizinhas. Do versículo 36 em diante temos o futuro remoto de Israel, ligado principalmente ao *"tempo de angústia de Jacó"* (Jr 30.7). O que há de acontecer a Israel nos *"últimos dias"*, conforme declarou o anjo no capítulo 10.14.

Os primeiros 35 versículos cobrem quase 500 anos de história bíblica: de Ciro, o Persa (536 a.C.), ao final da independência do reino de Israel sob os Macabeus, em 63 a.C., quando Roma assumiu o controle dessa nação. É muito maravilhoso como as predições aqui mencionadas cumpriram-se fielmente, apesar de terem sido proferidas centenas de anos antes. Só o nosso grande Deus pode fazer assim!

1. *Profecia sobre os medos e persas* (11.1,2). "Dario, o medo" (v. 1). É o mesmo Dario de 5.31. Em 9.1 ele é chamado *"Dario, filho de Assuero"*. Esse monarca foi constituído rei por Ciro, interinamente, na Caldéia, enquanto ele completava suas conquistas. Assuero, o pai deste Dario, não é mencionado em Ester 1.1. Quem estuda a Bíblia e a História precisa saber que houve mais de um Dario e mais de um Assuero nas Escrituras. Por falar em Dario e Assuero, convém saber que esses termos são títulos e não nomes propriamente ditos. Dario significa mantenedor, e Assuero, poderoso. Muitos desses monarcas têm mais de um nome. Também alguns deles têm nomes diferentes na Bíblia e na história secular, como é o caso de Assuero, que na história secular é conhecido por Xerxes. Xerxes é palavra grega, ao passo que Assuero é hebraica.

"três reis se levantarão na Pérsia, e o quarto..." (v. 2). Quatro reis da Pérsia são aqui mencionados, isso além de Ciro, pois este já estava no trono (10.1). Esses quatro reis são:

a. *Assuero*, filho de Ciro. Reinou de 529 a 522 a.C. É conhecido na história por Xerxes I e Cambises II. É mencionado em Esdras 4.6.

b. *Artaxerxes I*. Reinou de 522 a 521 a.C. É conhecido na história por Smeredis. É mencionado em Esdras 4.7-11. Determinou a suspensão das obras do templo do pós-cativeiro.

c. *Dario II*. Filho de Artaxerxes. Reinou em 521 a 485 a.C. É mencionado em Esdras 4.5. É conhecido na história por Dario Histaspes, ou simplesmente Histaspes. Foi ele quem ordenou a conclusão das obras do templo, conforme Esdras capítulo 6. Ele é o famoso Dario registrado na Pedra de Behistum, perto de Hamadã, no Irã, a antiga capital dos medos, chamada então Ecbátana. Foi derrotado na famosa Batalha de Maratona, na Grécia, em 490 a.C.

d. *Assuero*, o esposo de Ester (Et 1.1). Foi o mais rico e o mais poderoso rei persa. Reinou de 485 a 465 a.C. A história chama-o Xerxes II. (Não confundir esse Assuero com o de Esdras 4.6.) Era filho de Dario II e foi derrotado pela esquadra grega de Salamina, Chipre, em 480 a.C.

Aqui termina a história da Pérsia na profecia. Nada é dito dos reis restantes, uns cinco, pelo menos. É que a glória da Pérsia entrou em rápido declínio com a morte de Assuero ou Xerxes II. Os reis restantes nada realizaram de importante para a história.

2. *Profecia sobre a Grécia* (11.3,4). "Depois se levantará um rei poderoso" (v. 3). É Alexandre, o Grande, da Gré-cia.Em 323 a.C. iniciou suas guerras de conquista e em 331 venceu a Pérsia. Morreu em 323, aos 33 anos de idade, após 13 anos de conquistas e 8 de imperador mundial. No versículo 4 temos a divisão do seu vasto império em quatro partes. Dos quatro primeiros reis, após a divisão do império, o mais poderoso foi Seleuco Nicátor, da Síria.

Sobre Alexandre diz ainda a profecia no versículo 4, concernente à divisão do seu império. *"Não para a sua posteridade... porque o seu reino... passará a outros fora de seus descendentes"*. A história comprova que todos os seus descendentes foram excluídos do trono: três esposas, dois filhos, um irmão e sua mãe.

3. *Profecia sobre Síria e Egito e suas guerras envolvendo os judeus* (11.5-35). Aqui temos a história escrita de antemão, pela inspiração divina, dos reinos do Egito (reino do Sul) e da Síria (reino do Norte) até a época do monstro Antíoco Epifânio, o chamado Anticristo do Antigo Testamento, em relação aos judeus.

Versículo 5. "O rei do Sul" é Ptolomeu Lagus, o primeiro rei do Egito, após a morte de Alexandre em 323 a.C. *"um de seus príncipes"* (isto é, príncipes de Ptolomeu) é Seleuco I ou Nicátor, primeiro rei da Síria após a morte de Alexandre. O território da Síria era então muito mais amplo do que atualmente.

Versículo 8,9. O Egito é mencionado por seu nome no versículo 8, identificando-o assim como o reino do Sul do versículo 9; isto naqueles tempos.

Versículos 13-19. Referem-se, segundo os fatos da história, a Antíoco III, também chamado o Grande, que reinou na Síria de 223 a 187 a.C. Esse rei conquistou a Palestina (v. 16). O rei sírio de que trata o versículo 18 é, segundo a história secular, Seleuco IV, chamado Filopáter, que reinou de 187 a 176 a.C.

Versículos 21-35. Estes versículos ocupam-se do procedimento nefando de Antíoco Epifânio, também chamado Epifânio IV, que reinou sobre a Síria de 175 a 164 a.C. Foi ele o grande torturador de Israel. É chamado na profecia de "um homem vil" (v. 21).

A guerra de Antíoco contra o Egito é historiada profeticamente nos versículos 25-27,29. Os dois reis mencionados no versículo 27 são Antíoco Epifânio, da Síria, e Ptolomeu VI, do Egito. Esses dois reis rivalizam-se em traição. No versículo 28 vemos Antíoco quebrando a aliança que fizera com os judeus. Nessa ocasião ele profanou o templo de Jerusalém e erigiu ali uma imagem (v. 31). Os versículos 29,30 falam da invasão do Egito por Antíoco, de onde teve de retirar-se, obrigado que foi pela esquadra romana, os *"navios de Quitim"* do versículo 30.

Os versículos 32-35 descrevem os feitos heróicos de Israel sob os irmãos Macabeus, que iniciaram a revolta dos judeus contra Antíoco em 167 a.C. Nesses mesmos versículos vemos duas classes de judeus durante a época da revolta contra Antíoco: os infiéis, que se uniram ao inimigo, e um restante que ficou fiel a Deus. De igual modo, nos dias do futuro Anticristo haverá judeus infiéis, mas também um grupo fiel de 144.000 marcados por Deus para testemunharem durante a Grande Tribulação. É possível que Hebreus 11.35-39 seja uma referência dos tempos turbulentos da nação judia sob os Macabeus.

4. *Profecia sobre Israel em conflito com o Anticristo* (11.36-45). O versículo 35 nos introduz no "tempo do fim" do poder gentílico, de que trata o capítulo 12. O versículo 40 volta a falar desse tempo do fim.

Os versículos 36-40 tratam de eventos de que não há correspondência em toda a história passada: um quadro profético do futuro Anticristo e sua atuação, especialmente quanto a Israel.

Mediante a expressão "nesse tempo", no capítulo 12, os eventos escatológicos nele constantes, como ressurreição dos mortos e recompensa dos justos, estão na sequencia do tratado nos versículos 36-45. A era em que ocorrem esses eventos envolve também os eventos do capítulo 12 76

Versículos 40-44. A expressão "rei do Norte", no versículo 40, prova que não se trata aí de Antíoco Epifânio, porque este seria em breve o "rei do Norte" (isto é, da Síria), e é evidente que ele não iria combater a si mesmo... Logo, trata-se de um futuro reino. O versículo mostra que no tempo do fim, isto é, na época da tribulação de Israel, o rei do Sul (que nesse tempo certamente não representará apenas o Egito, mas um bloco de nações norte-africanas) e o rei do Norte lutarão por algum tempo contra o Anticristo. Israel será a seguir invadido pelo reino do Norte (v. 41). O Egito também não escapará da sua invasão (v. 42). Certamente uma das razões para isso é o acordo de paz já hoje existente entre o Egito e Israel. Edom, Moabe e Amom serão poupados (v. 41), para que mais tarde o remanescente de Israel para aí escape na sua fuga durante a investida arrasadora do Anticristo contra os judeus (Mt 24.20; Is 16.1-5; Ez 20.35-38; Os 2.14; Ap 12.6,13,14). Esses antigos países bíblicos fazem hoje parte da Jordânia.

Nos versículos 40-45 o sujeito gramatical que motiva todos os eventos aí descritos é certamente o *"rei do Norte"* do versículo 40. No texto original esses versículos formam novo parágrafo. Esse reino nos tempos do Anticristo não será mais a Síria dos versículos anteriores do presente capítulo, mas um bloco de nações situadas ao extremo norte de Israel, encabeçadas pela Rússia, e chamadas na profecia, de Gogue e Magogue (Ez 38.15).

Versículo 45. "chegará ao seu fim, e não haverá quem o socorra". Certamente isto quer dizer que o chefe russo estabelecerá o seu quartel-general ("tendas palacianas") em Jerusalém, "o glorioso monte santo"; isto terá lugar "entre os mares", certamente entre o Mediterrâneo e o mar Morto. Esse exército do rei do Norte não será destruído numa batalha convencional

humana. Ezequiel diz no capítulo 39 do seu livro que a destruição desse exército será de forma sobrenatural.

As últimas coisas quanto a Israel (cap.12)

As profecias de Daniel até 11.35 podem ser com relativa facilidade relacionadas a acontecimentos da história antiga, os quais lhes deram cumprimento, mas, a partir daí até o final do capítulo 12, não encontramos qualquer correspondência com a história.

Os assuntos abrangidos pelo capítulo 12 são a Grande Tribulação, a ressurreição dos mortos, a recompensa dos justos e o castigo eterno dos ímpios.

1. *"Nesse tempo"* (12.1). A que tempo se refere a profecia? Certamente ao tempo em que emergirá o Anticristo, a partir de 11.36. O versículo 1 do capítulo 12 está diretamente relacionado com a Grande Tribulação. "haverá tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até aquele tempo; mas naquele tempo será salvo o teu povo, todo aquele que for achado inscrito no livro". É o tempo de que falou Jesus para os judeus em Mateus 24.21: "porque nesse tempo haverá grande tribulação como desde o princípio do mundo até agora não tem havido, e nem haverá jamais".

2. *"Miguel, o grande príncipe, o defensor dos filhos do teu povo"* (v. 1). Aqui neste mundo, às vezes, dizemos que alguém é grande, segundo a nossa medida e nosso modo de ver as coisas, mas quando Deus diz que alguém é grande, quão grande não é esse alguém! Que anjo poderoso e glorioso não é esse arcanjo? É ele quem vai expulsar Satanás da esfera celestial (Ap 12.7-9). E certamente será ele o anjo que segurará e prenderá Satanás por mil anos, lançando-o no abismo, antes do reino milenial de Cristo (Ap 20.1-3). É esse o anjo de Deus, protetor da nação israelita.

3. *Grandes avanços nos transportes e na educação* (12.4). Preferimos aqui a Versão ARC (Almeida Revisada e Corrigida): "muitos correrão de uma parte para outra e a ciência se multiplicará". Isso se cumpre nesta era, nas maiores coisas ainda veremos, "ciência", aí, tem o sentido de saber, e não diretamente de tecnologia, se bem que as coisas estão diretamente relacionadas.

4. *O período da Grande Tribulação* (v. 7), "um tempo, dois tempos e metade de um tempo", isto é, como já comentamos no capítulo 7, três anos e meio, será o seu tempo pior.

5. *"Eu ouvi, porém não entendi"* (12.8). O grande profeta Daniel, chamado de "mui amado" no Céu, mostra aqui a sua humildade, dizendo que não entendeu. Em 8.27 ele diz que não havia quem entendesse a visão. Não devemos ficar desapontados por não entender tudo destas profecias, porque o próprio Daniel confessou suas dificuldades. Em Mateus 24.15, quando Jesus fez referência a uma dessas profecias de Daniel, Ele disse: *"Quem lê, entenda"*. Para não inventar é preciso entender, mas se não entendermos, não devemos jamais inventar. Temos, pois, aqui, uma grande lição e uma advertência para todos os que lidam com profecias e que estudam a doutrina bíblica em geral.

"Qual será o fim destas coisas?" (12.8). Nós também perguntamos a mesma coisa hoje!

6. *Dois períodos após a tribulação* (12.11,12). "mil duzentos e noventa dias" (v. 11). E a Grande Tribulação acrescida de um mês (1.260 dias mais 30 dias). Os 1260 dias certamente serão os mesmos de Apocalipse 11.3 e 12.6. Talvez nesses 30 dias ocorra o Juízo das Nações.

"mil trezentos e trinta e cinco dias" (v. 12). É um acréscimo de 45 dias à soma anterior: 1.260 mais 30 mais 45 dias. Certamente nesses 45 dias terão lugar os preparativos na Terra para o estabelecimento definitivo do reino milenial de Cristo, quando se cumprirá Mateus 25.34; Daniel 7.27 e Apocalipse 20.4b.

7. *A consideração de Deus para com o seu servo Daniel*: o reconhecimento do trabalho prestado e a promessa de descanso e recompensa. Isso aconteceria no "fim dos dias". Daniel fora fiel a Deus desde a sua juventude...

APOCALIPSE

Introdução

O Apocalipse é um livro de mui difícil interpretação. Isto é um fato reconhecido por todos os estudiosos das Escrituras. 0 autor deste livro que o leitor tem em mãos, humildemente confessa que há 29 anos (em 1983) vem estudando os livros escatológicos da Bíblia, notadamente Daniel, Apocalipse e Zacarias, mas que as dificuldades de interpretação continuam.

Apocalipse é o apogeu da revelação divina. É qual um imenso caudal onde desembocam todos os rios (livros), tanto os do Antigo, como os do Novo Testamento. Ele é o oposto do livro de Gênesis. Este é o livro dos começos; aquele, o das consumações. É também o Apocalipse a resposta da oração do povo de Deus em todos os tempos: *"Venha o teu reino"*.

Deus divide a raça humana em três grupos, a saber: judeus, gentios e a Igreja de Deus (1 Co 10.32), e na sua Palavra Ele apresenta uma mensagem definida para cada um desses três grupos. Por exemplo, o livro de Daniel, que acabamos de estudar, trata somente de judeus e gentios. Nos Evangelhos temos a *aparição* ou manifestação da mensagem divina para a Igreja, e nas Epístolas a *explanação* dessa mensagem. Já no Apocalipse temos a mensagem *final* de Deus para os judeus, gentios e a Igreja.

Contém o livro a última mensagem de Jesus à Igreja, uma mensagem referente à sua volta: "Certamente venho sem demora" (22.20). Daí dizer-se que nos Evangelhos somos levados a crer em Cristo; nas Epístolas somos levados a amá-lo; e no Apocalipse somos levados a *esperá-lo*.

1. *Advertência aos estudantes das Escrituras.* É bom que cada estudante leia agora 1 Coríntios 2.10-16 e medite cuidadosamente em cada um de seus versículos. Os versículos 14 e 15, na Versão ARC (Almeida Revisada e Corrigida), advertem o seguinte: "Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente. Mas o que é espiritual discerne bem tudo, e ele de ninguém é discernido".

O homem *espiritual* a que se refere o versículo 15 é aquele que é nascido do Espírito, que é submisso ao Espírito, que é guiado pelo Espírito, que é

possuído pelo Espírito, que é cheio do Espírito. Por sua vez, o discernimento referido nos ditos versículos é aquele que dimana da operação do Espírito Santo no crente.

O estudante precisa distinguir corretamente os sentidos *literal, figurado, e simbólico* da Escritura, para interpretar corretamente o texto bíblico. Por exemplo, sabemos que o cavalo de Apocalipse 19.11 é simbólico devido ao uso simbólico da espada no versículo 15 do mesmo capítulo. Às vezes, o próprio texto adverte que a sua linguagem é figurada, como em Apocalipse 17.5, onde a palavra "mistério" indica isto.

2. *O autor do livro é João*, o Evangelista, um dos apóstolos de Jesus. Isto é declarado em 1.1,4,9; 22.8. Seu pai, Zebedeu, era homem de posses, pois tinha empregados nas atividades pesqueiras que explorava (Mc 1.20). João foi um dos primeiros discípulos de Jesus (Mt 4.21; Mc 1.19). A ele e a seu irmão Tiago, Jesus chamou "Boanerges", que quer dizer *filhos do trovão* (Mc 3.17), ou por causa do poder com que testemunhavam, ou devido ao seu zelo (sem entendimento) ao desejarem fogo do Céu para consumir uma cidade (Lc 9.54,55). É ele sem dúvida, o *"discípulo amado"* citado em João 13.23; 19.26; 21.20. João, por modéstia, escondeu-se atrás dessa frase.

João assistiu ao julgamento de Jesus e sua crucificação, demonstrando, assim, sua fidelidade, firmeza e amor (Jo 18.15,16; 19.26). Ele integrava o grupo íntimo de discípulos de Jesus, constituído de três deles (Mt 17.1; 26.37; Mc 5.37; 13.3).

Irineu, nascido cerca de 130 d.C., discípulo de Policarpo, que por sua vez, foi discípulo de João, afirma que após o retorno de João, do seu banimento em Patmos, ele permaneceu em Éfeso, vivendo ali até sua morte, no reinado de Trajano.

3. *Época e local do livro.* Pastoreava João a igreja em Éfeso quando foi banido por Domiciano, em 95 d.C. Voltou a Éfeso no ano seguinte. Nesse meio tempo foi escrito o livro. A data comumente aceita é 96 d.C.

4. *A divisão geral do livro.* Jesus mesmo faz essa divisão em 1.19. É uma tríplice divisão:

Parte I - CONCERNENTE AO SENHOR

Capítulo 1

São coisas passadas no tempo de João - *"coisas que viste"* (1.19).

Parte II - CONCERNENTE A IGREJA

Capítulos 2 e 3

São coisas presentes - *"coisas que são"* (1.19).

Parte III - CONCERNENTE ÀS NAÇÕES

Capítulos 4 a 22

São coisas futuras - *"coisas que hão de acontecer"* (1.19).

Nesta última divisão está compreendida a 70? *"semana"* de Daniel 9.27, nos capítulos 6 a 19. Apocalipse é, pois, um livro profético: aliás o único livro profético do Novo Testamento. Isso está explicitado em 1.3; 22.7,10,18,19, onde lemos a expressão *"as palavras da profecia deste livro"*.

5. *Tema do Livro.* É a vinda de Jesus em glória, isto é, sua revelação pessoal em glória e poder a Israel e às nações. Isso é declarado no primeiro versículo do livro: "Revelação de Jesus Cristo". O texto-chave do livro todo está em 1.7: "Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá, até quantos o traspassaram. E todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele. Certamente. Amém".

Esboço do livro de Apocalipse

Uma das formas de estudo da santa Palavra de Deus é a do *método sintético*, o que inclui o esboço de cada livro. O estudo sintético da Bíblia considera e estuda, entre outras coisas, o seguinte:

• A Bíblia como um todo, isto é, seus 66 livros em conjunto.

• Cada grupo de livros da Bíblia como um todo.

• Cada livro da Bíblia como um todo.

• Esboço de cada livro da Bíblia.

O método de estudo sintético da Bíblia é prioritário para quem quiser passar à análise dela. Noutras palavras: jamais se deve procurar analisar a Bíblia, seus livros, seus capítulos, versículos, palavras, frades e ideias, sem primeiro fazer uma acurada e completa síntese de tudo isso. Espiritualidade, discernimento espiritual, e maturidade são de vital importância aqui - seja síntese ou análise da Bíblia.

O método sintético pode ser comparado ao viajante que sobe à montanha para obter uma visão global e panorâmica de toda a região que pretende conhecer e explorar detalhadamente. Em se tratando da Bíblia, significa estudar o conteúdo geral de cada um de seus livros antes de cuidar de sua interpretação e/ou análise. *Sintetizar* é abreviar, esboçar; *analisar* é ampliar decompondo.

Tema do livro: *A revelação pessoal de Cristo em glória, em sua vinda.*

Cap. 1 - A VISÃO DE CRISTO GLORIFICADO

Caps. 2,3 - A IGREJA NO PASSADO E NO PRESENTE

Cap. 4 - A IGREJA ARREBATADA

Cap. 5 - A IGREJA GLORIFICADA

Caps. 6-18 - A GRANDE TRIBULAÇÃO

Cap. 19 - A VOLTA PESSOAL DE JESUS EM GLÓRIA

Cap. 20 - O MILÊNIO E O JUÍZO FINAL

Cap. 21,22 - O PERFEITO ESTADO ETERNO

Uma palavra explicativa sobre cada ponto do esboço:

Cap. 1 - A VISÃO DE CRISTO GLORIFICADO

Trata-se de uma visão de Cristo, como Ele está atualmente na Glória.

Caps. 2,3 - A IGREJA NO PASSADO E NO PRESENTE

As sete igrejas aí mencionadas representam sete períodos da história da Igreja Universal como o corpo de Cristo. Para tanto, basta que se faça um confronto entre as igrejas locais mencionadas nos capítulos 2 e 3 e os períodos da história da Igreja. Quanto às 7 cartas como número representativo, compare-se o fato de que o apóstolo Paulo também escreveu a sete igrejas, quando, nos seus dias, existiam muito mais igrejas. Essas sete igrejas foram: Roma, Corinto, Galácia, Éfeso, Filipos, Colossos, e Tessalônica. As suas demais cartas foram dirigidas a pessoas, não a igrejas.

Cap. 4 - A IGREJA ARREBATADA

O arrebatamento à altura dos fatos do capítulo 4, prefigura claramente o arrebatamento da Igreja após sua história neste mundo.

Cap. 5 - A IGREJA GLORIFICADA

Aqui temos representados os santos do Antigo e do Novo Testamento sob a forma de 24 anciãos perante o trono do Cordeiro, integrando um culto em que tomam parte todos os seres celestiais. Trata-se da Igreja já glorificada, após seu arrebatamento.

Caps. 6-18 - A GRANDE TRIBULAÇÃO

A Grande Tribulação é um período de aflição sem paralelo que sobrevirá aos judeus e aos gentios após o arrebatamento da Igreja. Não há palavras que possam descrever os horrores do sofrimento nesse período. É um período de 7 anos, segundo um estudo comparativo da Bíblia. Os capítulos 6 a 10 abrangem a primeira metade da Tribulação, isto é, seus primeiros 3 anos e meio.

Os capítulos 11 a 18 abrangem a segunda metade dessa Grande Tribulação, isto é, os últimos três anos e meio.

Cap. 19 - A VOLTA PESSOAL DE JESUS EM GLÓRIA

É a última fase da sua volta, sendo a primeira o arrebatamento da Igreja. No arrebatamento, Jesus virá para os seus santos. Na sua volta em glória, Ele virá com os seus santos para livrar Israel, julgar as nações e estabelecer o Milênio.

Cap. 20 - O MILÊNIO E O JUÍZO FINAL

O Milênio é o glorioso reinado de Cristo por 1.000 anos aqui na terra.

O Juízo Final seguir-se-á ao Milênio, ocasião em que todos os ímpios falecidos desde o tempo de Adão ressuscitarão para serem julgados segundo as suas obras.

Caps. 21,22 - O PERFEITO ESTADO ETERNO

Aqui temos um quadro mostrando como serão todas as coisas depois que o pecado for julgado e banido do universo, juntamente com os ímpios e o Diabo. Isto é um quadro da Terra e seus ocupantes quando Deus fizer novas todas as coisas, assim como eram no princípio.

SISTEMA DE INTERPRETAÇÃO DO APOCALIPSE

Há quatro principais sistemas ou escolas de interpretação do livro de Apocalipse. É bom que cada leitor tome conhecimento desses sistemas, não esquecendo da advertência que fizemos na introdução do livro.

Os sistemas mais conhecidos são o *futurista, o histórico, o preterista, e o simbólico.*

O *futurista* é o que imagina o livro como de cumprimento futuro. Considera que a Igreja será arrebatada a qualquer momento, vindo a seguir a Grande Tribulação para Israel e as demais nações da terra, com os juízos divinos sob as trombetas, selos e taças da ira de Deus. Há entre os futuristas alguns que ensinam que a igreja passará pelas tribulações, ignorando eles o que a Palavra de Deus declara em 3.10; 1 Tessalonicenses 1.10; Romanos 5.9. Esse dia da ira do Senhor é o período da Grande Tribulação (Ap 6.17).

O sistema *histórico* interpreta o Apocalipse como a história bíblica da Igreja, do século primeiro aos tempos atuais. No entender deles, grande parte dessas profecias já estão sendo cumpridas e as demais se estão cumprindo agora mesmo nos acontecimentos mundiais.

O sistema *preterista* interpreta o Apocalipse como sendo profecias todas cumpridas. João descreveu eventos que ocorreram na terra somente na época do Império Romano. Eles manipulam datas para tudo, inclusive para os dez reinos como expressão final do Império Romano. Já expusemos isso no tratado sobre Daniel. Ora, fatos passados não são mais profecia, estritamente falando: são história. Entretanto, o livro de Apocalipse continua dizendo que ele é uma profecia. (Ler 1.3; 22.7,10,18,19.)

O sistema *simbolista* é também chamado idealista e espiritualista. (*Espiritualista*, aqui, nada tem com o espiritismo.) Este sistema de interpretação ensina que no Apocalipse tudo é simbólico, representando o conflito entre o bem e o mal. Nesse sistema não há nada de histórico nem de profético, e o que o livro contém são princípios fundamentais espirituais. O sistema simbolista é, portanto, uma forma de expressão do racionalismo, infelizmente chamado de racionalismo cristão.

Os racionalistas acham que suas próprias opiniões valem mais do que a Palavra de Deus. Aquilo da Bíblia que não couber em suas mentes eles recusam como absurdo, como se a Palavra de Deus dependesse do julgamento do homem. Procuram desacreditar o cumprimento literal das profecias de Daniel, Apocalipse, Zacarias, Ezequiel e outros livros da Bíblia. Substituem a inspiração divina pelo raciocínio humano. Noutras palavras: divinizam a razão humana e desprezam a operação interior do Espírito Santo.

É claro que não estamos aqui para erigir um monumento á ignorância, mas também não vamos para o outro extremo e endeusar a sabedoria humana, como habilmente se expressa o respeitado pastor e professor João Pereira de Andrade e Silva.

Os ensinos bíblicos dos racionalistas, sendo produto exclusivo da razão humana, são aparentemente perfeitos, mas... sem vida. São como uma flor artificial - quase perfeita, mas sem vida e sem perfume! Na linguagem mais franca chamemos os racionalistas de *humanistas*. São discípulos da filosofia maldita de John Dewey, cujo Manifesto Humanista, publicado em 1932 continua sua obra demolidora, negando o sobrenatural e exaltando apenas a ciência e a cultura humanas. A princípio era o humanismo apenas uma filosofia. Hoje é uma religião, um princípio de vida, com multidões de seguidores, dentre todas as camadas e no mundo inteiro, inclusive influindo em algumas igrejas.

Primeira Parte

A visão de Cristo glorificado (cap. 1)

O capítulo 1 de Apocalipse abrange a Parte I da tríplice divisão geral do livro, vista em 1.19, a saber, "as coisas que viste" concernentes ao Senhor Jesus Cristo como está agora na Glória, em relação à sua Igreja.

O ponto central deste capítulo é, pois, a visão de Cristo, concedida a João, o escritor, e descrita nos versículos 9-20.

Nesta visão sobre a pessoa de Cristo, está o texto-chave do livro todo, como já mostramos em 1.7: "Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá, até quantos os traspassaram. E todas as tribos da terra se lamentarão sobre Ele. Certamente. Amém". Estudemos, pois, o livro todo tendo este versículo em mente, e o estudo tornar-se-á muito mais edificante e cativante!

1. *Versículos 1-3. "Revelação de Jesus Cristo"* (v. 1). O termo "revelação" significa literalmente no original retirar, remover completamente, descerrar, tirar fora, como as autoridades fazem nas inaugurações de placas comemorativas, estátuas, retratos; removendo totalmente o pano em que estão envolvidos para que todos possam ver aquilo que estava oculto até então. O termo vem de duas palavras originais: a preposição *"apo",* com o sentido de afastado, distante, e o substantivo *"kálupsis",* significando remoção, retirada, revelação, descobrimento.

"Apokálupsis" (revelação) é exatamente o oposto de *"sunkálupto"* (esconder, ocultar totalmente, encobrir). Estes dois termos originais, com seus dois sentidos aqui abordados, o leitor pode vê-los juntos em Lucas 12.2, onde encoberto é *"sunkálupto",* e revelado é *"apocálupto".* O termo e seus cognatos aparecem em muitos outros lugares do Novo Testamento, como em 1 Coríntios 1.7; 2 Tessalonicenses 1.7; 1 Pedro 1.7. Portanto, na sua primeira declaração: *"revelação de Jesus Cristo",* o livro de Apocalipse torna claro que ele não se ocupa do arrebatamento da Igreja, e sim da aparição pessoal de Jesus em glória a este mundo, e isto após o arrebatamento da Igreja.

"para mostrar aos seus servos". Quem é *"servo"* do Senhor poderá entender o livro; quem não é, cuide em sê-lo para que venha a entender. Muitos são seus servos, mas, *"servos maus",* e a dificuldade continua. Quanto ao Senhor Jesus Cristo, devemos ir a Ele; segui-lo, e servir a Ele. É pela fé que o crente vai a Cristo, e é pelo amor que ele se torna servo do Mestre.

Comumente se diz que há em geral três tipos de servos de Cristo. 1) servos escravos. Estes servem a Cristo por medo de se perderem; são temporãos, e um dia o abandonam; 2) servos mercenários são os que servem a Cristo por interesse e conveniência pessoal; 3) servos filhos são os que servem a Cristo por amor. Jamais o abandonarão, porque o amor de Deus está neles, e retorna a Deus em dedicação, adoração e serviço.

Como acabamos de ver, não é suficiente ir a Cristo e ficar só nisso. És tu, leitor, um servo de Deus? Se és, que tipo de servo és?

"As coisas que brevemente devem acontecer" (v. 1). São eventos inevitáveis. Estão decretados por Deus. Não são coisas condicionais. Terão de acontecer. O termo original traduzido *"devem"* é muito mais enfático do que podemos pensar em nosso idioma.

"seu anjo" (v. 1). De Jesus. (Ver 22.16.)

A autenticidade do livro (v. 2) está baseada em três testemunhos: a Palavra de Deus, o Senhor Jesus Cristo, e o apóstolo João. Dois do Céu, e um da Terra.

As bem-aventuranças do livro (v. 3). *"Bem-aventurados aqueles que leem e aqueles que ouvem as palavras da profecia e guardam as coisas nela escritas, pois o tempo está próximo"*. Três bem-aventuranças declaradas no livro: para os que leem, para os que ouvem, e para os que guardam; tudo em relação ao próprio livro. Há sete bem-aventuranças em Apocalipse: 1*) "Bem-aventurados aqueles que leem e aqueles que ouvem as palavras da profecia e guardam as coisas que nela estão escritas"* (1.3); 2) *"bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor"* (14.13); 3) *"bem-aventurado aquele que vigia e guarda as suas vestes"* (16.15); 4) *"bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro"* (19.9); 5) *"bem-aventurado e santo é aquele que tem parte na primeira ressurreição"* (20.6); 6) *"bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro"* (22.7); 7) *"bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras"* (22.14). (A versão AR.C aqui, acrescenta as palavras *"no sangue do Cordeiro"*. Entretanto, os melhores manuscritos gregos não as contêm.

Versões, das mais fidedignas, como NIV - New International Version - também não contêm esta frase.)

"Bem-aventurados aqueles que... guardam as coisas nela escritas" (v. 3). Há sete vezes no livro a expressão *"os que guardam",* ou similar, denotando a necessidade de obediência da nossa parte aos preceitos divinos. As sete vezes são: 1) "e guardam as coisas nela escritas" (1.3); 2) *"ao que guardar até o fim as minhas obras"* (2.26); 3) *"guardaste a minha palavra"* (3.8); 4) *"porque guardaste a palavra da minha perseverança, também eu te guardarei da hora da provação"* (3.10); 5) *"os que guardam os mandamentos de Deus e sustentam o testemunho de Jesus"* (12.17); 6) *"os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus" (*14.12); 7) *"e dos que guardam as palavras deste livro"* (22.9).

"pois o tempo está próximo" (v. 3). Se tudo estava tão próximo no tempo de João, que diremos nós hoje?

2. *Versículos 4-8*. A saudação vinda do Céu (vv. 4,5) é tríplice, indicando ao mesmo *tempo a Trindade Santa: 1) "da parte daquele que é, que era e que há de vir"; 2) "da parte dos sete Espíritos que se acham diante do seu trono";* 3) *"e da parte de Jesus Cristo, a fiel testemunha".*

"João, às sete igrejas que se encontram na Ásia" (v. 4). Essas sete igrejas são discriminadas no versículo 11, a saber: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia, e Laodicéia. Devemos evitar aqui um mal-entendido. Ásia, no versículo 4, não é o atual continente asiático, nem tampouco a chamada Ásia Menor, mas, a então província romana da Ásia, situada onde fica hoje a Turquia ocidental. Essa província tinha por capital a grande cidade de Éfeso.

Por que *"sete igrejas"* e por que as sete aqui escolhidas, se havia muitas outras na região? É porque elas representavam períodos da história da Igreja, do seu início até o fim, e porque essas apresentavam condições espirituais da Igreja através dos séculos.

Paulo passou pela Frígia na sua segunda viagem missionária, cidade que ficava na província da Ásia (At 16.6). Em Éfeso, que era a capital dessa província, Paulo ficou dois anos (At 19.10,26), e ele mesmo diz: "dando ensejo a que todos os habitantes da Ásia ouvissem a palavra do Senhor". Demétrio, um respeitado descrente de Éfeso, declarou: "Em quase toda a Asia, este Paulo tem persuadido e desencaminhado muita gente" (At 19.26). Em Atos 20.31, Paulo declara que ficou três anos em Éfeso, certamente querendo dizer o tempo completo que permaneceu ali. Isso deve incluir os

três meses de Atos 19.8. Epafras, um dos colaboradores de Paulo, trabalhou em Laodicéia, uma das sete igrejas (Cl 2.1; 4.12-16).

"Graça e paz a vós outros" (v. 4). Graça e paz de Deus são duas coisas imprescindíveis ao cristão. Um cristão sem a graça e sem a paz de Deus, estará sem os elementos básicos para viver a vida cristã. Será um fracasso! A paz do Céu é tão importante que Jesus a legou aos seus, antes de regressar ao Céu (Jo 14.27). 98

"da parte dos sete Espíritos que se acham diante do seu trono" (v. 4). A mesma expressão encontra-se em 3.1; 4.5, e 5.6 do mesmo livro. Significa o Espírito Santo na sua plenitude de operações e ministérios, especialmente comunicando vida e santidade. (Meditar nos seus sete títulos mencionados em Isaías 11.2: *"O Espírito do Senhor, o Espírito de sabedoria e de entendimento, o Espírito de conselho e de fortaleza, o Espírito de conhecimento e de temor do Senhor"*.)

"Aquele que nos ama, e pelo seu sangue nos libertou dos nossos pecados" (1.5). Quem é este que nos ama, mesmo ainda quando estamos em nossos pecados? Esta é uma sublime boa-nova! Não é nem preciso dizer o seu nome, porque somente existe um que nos ama assim!

O louvor a Jesus Cristo (1.5). Como profeta é *"a fiel testemunha";* como sacerdote, é *"o primogênito dos mortos"*. Em Hebreus 7.25 está escrito que Ele vive sempre para interceder por nós; isto fala do seu ministério sacerdotal após ressuscitar dentre os mortos. Como Rei, é "o soberano dos reis da terra".

2. A *proclamação da mensagem da volta de Jesus* (1.7,8). *"todo o olho o verá"* (v. 7). Os que acham isso impossível não creem no Deus todo-poderoso que pode todas as coisas. Se atualmente o homem pode fazer com que um determinado evento seja presenciado pelo mundo inteiro, o que não pode fazer Deus? A aparição do Senhor às nações da terra será precedida do seu sinal:*"Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem; todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu com poder e muita glória"* (Mt 24.30). Esse seu sinal deve ser uma manifestação sobrenatural e aterradora da sua glória, abrangendo todo o globo. (Ler Lucas 17.24.)

"até quantos o traspassaram" (1.7), isto é, seus irmãos segundo a carne, os judeus.

"Sim. Amém" (1.7). A primeira palavra é de origem grega (*"nai"*, no original). A segunda é de origem hebraica *("amen")*. Isto indica que Jesus virá

para gentios e judeus. Não há aqui uma palavra denotativa para a Igreja, porque esta já estará com o Senhor quando essas coisas do Apocalipse acontecerem. *"Amém"* é um dos seus títulos (3.14).

"Alfa e Ômega" (1.8). Alfa e ômega são a primeira e a última letras do alfabeto grego. A expressão aparece também em 21.6 e 22.13. A explicação do seu significado como é aqui usado está em Apocalipse 22.13.

3. *O profeta proclamador da mensagem de Deus - João* (1.9,10). O local onde estava o profeta era a ilha de Patmos, desolada e rochosa, situada no mar Arquipélago, ao largo da costa da Turquia, atualmente. A espiritualidade do profeta se vê na expressão: *"Achei-me em espírito, no dia do Senhor"* (v. 10). Esta é a situação ideal para se receber revelações divinas.

"Achei-me em espírito no dia do Senhor" (1.10). A precisa *"Tradução Brasileira",* neste ponto, como quase sempre, traduz melhor: *"Fui arrebatado pelo Espírito no dia do Senhor"*. A Versão de Almeida Revisada e Corrigida diz: *"Fui arrebatado em espírito"*. Tanto a Versão Atualizada como a Corrigida, ambas de Almeida, são obscuras e ininteligíveis. O contexto do livro todo de Apocalipse deixa claro que João pelo poder do Espírito Santo foi arrebatado a outras regiões terrenas e extraterrenas, onde lhe foram reveladas profundas realidades espirituais, bem como eventos futuros. Assim ele recebeu revelações divinas que não seria possível receber estando em circunstâncias comuns da vida diária.

Quatro vezes João declara que se encontrou nesse estado: 1.10; 4.2; 17.3; e 21.10. Em cada vez que aparece essa expressão o vidente encontra-se em lugar diferente. Em 1.10 ele estava em Patmos: *"eu estava na ilha de Patmos"*. No segundo caso (4.2) João estava no Céu: *"e eis armado no céu um trono"*. No terceiro caso (17.3), ele estava num deserto na terra: *"transportou-me o anjo, em espírito, a um deserto"*. Finalmente, no quarto caso (21.10), ele foi levado a uma alta montanha de onde contemplou a santa cidade de Jerusalém celeste: *"e me transportou, em espírito, até a uma grande e elevada montanha"*.

"no dia do Senhor" (1.10). João Crisóstomo (354-407 d.C.) diz que esse dia era assim chamado porque nele o Senhor ressurgiu dentre os mortos. Os líderes cristãos dos séculos posteriores, distinguem entre o sábado judaico e o dia do Senhor.

4. *A maravilhosa visão de Cristo glorificado* (1.12-16). Essa visão era necessária a João nessa ocasião, por muitas razões. Uma delas era devido à

feroz perseguição que assolava então a igreja, movida pelos imperadores romanos: Pedro fora crucificado; Paulo, decapitado, e milhares de outros, martirizados. Outra razão era o degredo em que João se achava, longe da família, dos irmãos e da sua igreja em Éfeso. Esta visão de Cristo mostrando como está Ele atualmente na Glória foi de grande conforto para João. Uma coisa essencial para animar o cristão e fortalecê-lo é a contínua visão do Senhor Jesus Cristo. João certamente ficou reconfortado espiritualmente perante tão sublime visão. Isaías, mesmo presenciando a derrocada do seu povo, teve visão semelhante e nunca mais foi o mesmo.

"Voltei-me para ver quem falava comigo" (1.12). De costas para o sol podemos ver a nossa própria sombra. Quando voltamos a nossa frente a ele, as sombras vão para trás... Quem sabe o que ia na alma do velho apóstolo naquela hora, em circunstâncias tão adversas e ainda mais: Tão solitário?!

"Vi sete candeeiros de ouro" (1.12). O versículo 20 explica que estes candeeiros representavam as sete igrejas de que trata o capítulo 2. Esses castiçais são feitos para alumiar. Esta visão nos mostra que o mundo todo está em trevas. A Igreja foi construída para ser a luz do mundo. Os candeeiros eram de ouro, indicando assim sua origem e relacionamento com o Céu. Não importa se o que alumia aqui é bonito aos olhos dos homens, importa e está funcionando bem, emitindo sua luz; importa Jesus no meio deles; *"e no meio dos candeeiros, um semelhante a filho de homem..."* (v. 13).

No versículo 12 aparece pela terceira vez o número sete, que predomina admiravelmente no livro "de Apocalipse: 54 vezes!

"um semelhante a filho de homem" (Ap 1.13). Assim Jesus ascendeu ao Céu, sendo visto deste modo por seus discípulos: *"Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e verificai, porque um espírito não tem carne nem ossos; como vedes que eu tenho. Dizendo isto, mostrou-lhes as mãos e os pés"* (Lc 24.39,40).

Assim também foi visto por Estêvão no Céu: *"E disse: Eis que vejo os céus abertos e o Filho do homem em pé à destra de Deus"* (At 7.56).

Paulo o declara assim, na época das epístolas: *"Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem"* (1 Tm 2.5).

E como homem divino e perfeito Ele voltará: *"Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao céu, assim virá do modo como o vistes subir"* (At 1.11).

O profeta Daniel o viu vir deste modo: *"E eis que vinha com as nuvens do céu um como o Filho do homem..."* (Dn 7.13).

Jesus mesmo declarou que virá assim: *"Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem; todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu com poder e muita glória"* (Mt 24.30).

Portanto, a nossa felicidade é que temos um homem divino no Céu, a nosso favor: *"Porque Cristo não entrou em santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo céu, para comparecer, agora por nós, diante de Deus"* (Hb 9.24).

O tipo de vestes e o cinto de ouro mencionados neste versículo falam de Cristo como nosso sumo sacerdote, atualmente perante a face de Deus. (Ler Hb 4.14-16.)

Nos versículos 14-16 temos um quadro de Jesus não mais como sacerdote, mas como juiz: *"A sua cabeça e cabelos eram brancos como alva lã, como neve"* (v. 14). Isso fala de honra e pureza, à luz de Provérbios 16.31 e Marcos 9.3. *"os olhos, como chama de fogo"* (v. 14) - perscrutação; introspecção; onisciência. *"os pés semelhantes ao bronze polido"* (v. 15). É sob esses pés que ficarão todos os seus inimigos quando Ele vier (1 Co 15.25). São esses pés, que uma vez sangraram sob os cravos na cruz; são os mesmos que, quando Ele voltar em glória, tocarão o monte das Oliveiras, e nesse momento o monte se fenderá em dois (Zc 14.4). *"a voz como voz de muitas águas"* (v. 15). E os que aqui não gostam de altos louvores e de oração coletiva e volumosa, quando o povo de Deus se reúne, como poderão viver ali? Não estamos falando de barulho oco, sem a vida do 102

Espírito e sem mensagem da Palavra de Deus, nem no modo de cantar e orar que se observa em muitos lugares. *"Tinha na sua mão direita sete estrelas"*(v. 16). Aqui temos a posição privilegiada de um ministro de Deus, pois no versículo 20 está dito que as estrelas são os anjos das sete igrejas, uma referência sem dúvida aos seus pastores.

"e da boca saía-lhe uma afiada espada de dois gumes" (v. 16). Isto está explicado em Hebreus 4.12 combinado com João 12.48. *"O seu rosto brilhava como o sol na sua força"* (v. 16). Isto fala dele na sua vinda para Israel e as nações. Para a igreja Ele virá como a resplandecente estrela da manhã. Veja este título de Cristo ligado às igrejas em 22.16.

Em resumo, vemos que as igrejas locais são candeeiros, os ministros são estrelas, mas só Cristo é o Sol.

5. *O efeito da visão de Cristo glorificado* (1.17,18). *"Quando o vi"* (v. 17). O mesmo João vira o mesmo Jesus muitos anos antes. Naquele dia, junto à cruz, o rosto do Salvador estava desfigurado por tanta agressão física de seus algozes, e sua cabeça levava uma coroa de zombaria. Seu corpo estava cheio de dores causadas pelas lacerações dos açoites romanos. João vira naquele dia seu rosto inerte, sem vida, pendido na cruz. Agora via-o glorioso, triunfante, reluzente como o sol quando brilha na sua força. Aleluia!

"caía seus pés" (v. 17). Cair aos pés de Jesus é levantar-se transformado e vitorioso. Junto a esses santos pés, que uma vez foram traspassados e sangraram por nós, há poder e graça para suprir todas as nossas necessidades.

"caía seus pés como morto". Se João, que era o *"discípulo amado"* do Senhor, que pertencia ao seu grupo íntimo, caiu como morto ante a majestosa visão de Cristo glorificado, que vamos dizer dos zombadores ímpios e atrevidos, quando o virem, estando sem meios de escapar da sua presença? Graças a Deus que nós somos dele!

"Ele pôs sobre mim a sua mão direita, dizendo..." (v. 17). Aqui vemos a mão de Cristo e a palavra de Cristo sobre um de seus servos. Esse toque e essa fala do Senhor foram uma sublime maneira de Ele dizer a João: *"Estou contigo, não temas!"* São coisas inestimavelmente valiosas para um servo de Deus: o toque da sua mão e a palavra da sua boca. Que riqueza é tudo isso para o cristão, um viajante no deserto espinhoso deste mundo, acossado por tantas intempéries, às vezes motivadas pelos próprios conservos na fé! Felizmente não é sempre, mas, às vezes, aparece um *"Pilatos"* do lado de fora do rebanho, ou um *"Judas"* do lado de dentro. Mas... é então quando sentimos o toque da sua mão e a palavra da sua boca, e podemos prosseguir!

"tenho as chaves da morte e do inferno" (v. 18). Que bom que somente Ele tem essas chaves! Mas a chave do reino dos céus Ele a entregou aos seus (Mt 16.19). Chaves representam domínio, controle, autoridade. O termo *"inferno"* neste versículo é a tradução (falha) do termo grego *"Hades",* que é o inferno-prisão dos ímpios mortos durante o seu estado intermediário, isto é, entre a sua morte e ressurreição.

Há sete termos nas línguas originais traduzidos por *"inferno"* e *"sepultura"* nas bíblias de língua portuguesa, resultando em grande confusão entre os

estudiosos das Escrituras, principalmente aqueles menos preparados. Estes termos são *"Seol", "Hades", "Abussos", "Abadon", "Tártarus", "Geena", "Tofete".*

Em resumo, vejamos três resultados que devem ocorrer em nós quando estamos no Espírito: 1) quando estamos no Espírito ouvimos algo do Céu: *"ouvi"*, diz o versículo 10; 2) quando estamos no Espírito vemos algo do Céu: *"vi",* diz o versículo 12; 3) quando estamos no Espírito humilhamo-nos: *"caí a seus pés como morto"*, diz o versículo 17. Ali passa a ser o nosso lugar preferido, e acaba toda a nossa ideia de grandeza.

Segunda Parte

A Igreja no passado e no presente (caps. 2 e 3)

Os capítulos 2 e 3 do Apocalipse abrangem a Parte II da tríplice divisão geral do livro, esboçada em 1.19, isto é, *"as coisas que são"*, concernentes à Igreja no seu passado e no seu presente, como veremos no decorrer do estudo desses capítulos.

Os capítulos em apreço contêm sete mensagens ou cartas a sete igrejas que existiam então na província romana da Ásia. Havia outras nessa província, e até maiores, mas estas foram escolhidas para receberem as mensagens do Senhor Jesus através de João, mensagens dirigidas às igrejas através de seus anjos, que eram representantes ou pastores.

O fato de haver outras igrejas na região e terem sido escolhidas apenas estas sete, indica que elas eram representativas do ciclo completo da história da Igreja. As sete cartas falam também de condições espirituais prevalecentes nessas igrejas no tempo de João e que caracterizam a Igreja em todos os tempos.

Um certo paralelismo disso temos em Mateus capítulo 13, onde Jesus proferiu sete parábolas que encerram o curso da história da igreja. São: a do Semeador, a do Joio, a do Grão de Mostarda, a do Fermento, a do Tesouro Escondido, a da Pérola, e a da Rede Lançada. Compare a expressão *"reino dos céus"* em todas elas (menos uma) com Mateus 25.10, não deixando de observar no primeiro versículo a expressão *"reino dos céus"*.

As cartas apresentam uma impressionante uniformidade de estrutura, e cada uma demonstra sete características em relação à igreja a que é dirigida, a saber: 1) atributos de Cristo; 2) elogio à igreja; 3) estado espiritual da igreja; 4) advertência; 5) censura; 6) sentença; 7) promessa ao vencedor. O limitado espaço deste livro não nós permite o estudo de cada carta sob estas sete características.

1. *Carta d igreja de Éfeso* (2.1-7*). "Éfeso"* significa desejável. É a igreja do amor decadente. Representa a igreja do século I, isto é, a igreja da época apostólica.

A igreja de Éfeso foi muito bem estabelecida na doutrina bíblica. Paulo ensinou a Palavra de Deus ali durante três anos. (Ver Atos 19.10 e 20.31.) Todos os ensinos básicos foram ministrados: *"Porque jamais deixei de vos anunciar todo o desígnio de Deus"* (At 20.27). *"todo o desígnio"*, aí, significa toda a mensagem de Deus, todo o seu plano, todo o seu propósito.

Pelo teor da Epístola de Paulo aos Efésios, observa-se que essa igreja era profundamente espiritual. Mas o juízo deve começar pela casa de Deus, segundo está escrito em 1 Pedro 4.17. Éfeso foi a igreja que João pastoreava quando foi desterrado para a solitária ilha de Patmos, segundo a tradição cristã dos primeiros séculos.

"conheço as tuas obras" (2.2). É solene o fato de Jesus saber o que fazemos para Ele. Éfeso era uma igreja laboriosa. Jesus a elogia por isso. Mas o que Ele quer primeiramente de nós não é o nosso trabalho, e sim a nós mesmos, isto é, o nosso amor para com Ele, a nossa dedicação total. Deus mede a vida de um crente, não pelo que o crente anda fazendo na igreja para Ele, mas pelo que está sendo para Deus. 106

Os versículos 2 e 3 mostram ainda que o Senhor nada esquece do que fazemos para Ele, mas isto não substitui o amor.

"o teu primeiro amor" (2.4) é Cristo ter a primazia em tudo em nosso ser. Esta frase de Jesus: *"abandonaste o teu primeiro amor"* mostra que Ele vê nossos corações, o nosso interior, tão bem como o nosso exterior, conforme provou nos versículos 2 e 3. Desse primeiro amor, temos um perfil em Gálatas 5.22. Lembremo-nos: Deus vê nossos corações e não somente nossas obras! (Ler 1 Samuel 16.7.)

"Lembra-te, pois, de onde caíste" (2.5). É no ponto onde caímos que Ele nos espera. Em Lucas 2.46 vemos que Jesus foi achado por seus pais exatamente onde fora deixado, isto é, no templo, *"arrepende-te!"* A mensagem de arrependimento não é somente para os perdidos, mas também para os filhos de Deus. Feliz e vitorioso é o crente que sabe sempre se arrepender.

"nicolaítas" (2.6). Era um partido dentro da igreja de Éfeso. Paulo, pelo Espírito Santo, avisara a igreja disso, conforme Atos 20.29,30. Eram

seguidores de um certo Nicolau, que visava implantar dentro da igreja a lei da sucessão apostólica.

"Ao vencedor" (2.7). A vida cristã está situada num campo de batalha, mas o cristão está do lado vencedor.

2. Carta d igreja de Esmirna (2.8-11). *"Esmirna"* significa amargura. O termo correspondente à substância mir-ra, que se tornou símbolo da morte. (Ler Marcos 15.23; e João 19.39.) Esmirna é a igreja perseguida. Representa o período dos anos 100 a 312. Em 312 o imperador Constantino aboliu as perseguições aos cristãos.

"tereis uma tribulação de dez dias" (2.10). Dez é o número perfeito, completo, na numerologia bíblica, talvez indicando aqui o ciclo completo de perseguições naquela época. O dízimo bíblico, por exemplo, é o percentual de todo o rendimento da pessoa. Por sua vez, a palavra *"dia"* em grande número de passagens da Bíblia representa um período de tempo de extensão variável, como dia de Jesus (Jo 8.56); dia de Cristo (1 Co 1.8); dia do SENHOR (com maiúsculas - At 2.20); dia de Deus (2 Pe 3.12); dia da eternidade (2 Pe 3.18). *"Dez dias"* pode referir-se, pois, às dez perseguições de 64-305, sob os dez imperadores romanos dessa época, ou ainda aos últimos dez anos do citado período, que foram os piores dentre as perseguições. Esses dez anos foram sob Diocleciano.

As palavras de Jesus *"Sê fiel até a morte"* não significa ser fiel até morrer, mas, ser fiel mesmo que, para isso, tenhamos de dar a vida pela fé cristã.

3. *Carta d igreja de Pérgamo* (2.12-17). *"Pérgamo"* parece significar casamento. É a igreja mundana dos anos 313 a 600. A partir de 313 deu-se a união da igreja com o estado. Diz um antigo escritor que Pérgamo era a cidade mais idolatra de toda a província da Ásia. Era também famosa por sua escola de medicina. O deus da saúde - Esculápio, simbolizado por uma serpente, era adorado aí.

"Conheço o lugar em que habitas" (2.13). O Senhor sabe o que está ocorrendo conosco, seja onde for: em casa, no emprego, em viagens, entre amigos, ou inimigos, quando sozinhos, ou acompanhados, etc.

"onde está o trono de Satanás" (2.13). Isto sem dúvida é uma referência à seita pagã babilônica, ocultista, que mudou-se para Pérgamo, vinda de Babilônia (o centro do espiritismo nos tempos primitivos), quando os

conquistadores persas dominaram o mundo. Vemos assim, que, quando o Diabo não consegue enfraquecer a igreja pela perseguição e sofrimento (v. 10), procura fazê-lo pela corrupção da fé, adulterando a Palavra de Deus e semeando falsas doutrinas. Antipas, mencionado por seu nome, por Jesus, indica que Deus conhece os seus pelo nome, bem como revela carinho e atenção pessoal. *"Ele chama pelos nomes as suas próprias ovelhas"* (Jo 10.3).

"a doutrina de Balado" (2.14) é a mistura espiritual da igreja com o mundo, quanto às suas práticas e procedimento, perdendo ela, assim, sua pureza e santidade. Foi isso que Balaão fez a Israel. Ele ensinou a Balaque, rei dos moabitas, a lançar tropeços diante dos filhos de Israel para contaminá-los. Assim, por conselho de Balaão, Israel profanou sua separação do mal, e interrompeu sua peregrinação para a Terra Prometida (Nm 25.1-3). Diz a Palavra de Deus em Números 25.1 que *"Israel deteve-se em Sitim"* (Versão ARC), quando já estavam perto de Canaã, e a causa disso foi a que acabamos de mostrar. O mesmo acontece hoje sempre que a Igreja se mistura com o mundo e sua prática: ela pára, detém-se, imobiliza-se. É a união da igreja com o mundo, como milhões estão querendo.

Há ainda dois males citados na Bíblia, da parte de Balaão: *"o caminho de Balaão"* (2 Pe 2.15), e *"o erro de Balaão"* (Jd v. 11).

"o caminho de Balaão" está em Números capítulos 22 a 24. Ele queria ganhar o prêmio oferecido pelo rei Balaque e ao mesmo tempo agradar a Deus. Impossível! Vemos hoje obreiros igualmente mercenários, abraçando o ministério evangélico como se este fosse uma profissão rendosa. E o profissionalismo espiritual, hoje comum nas igrejas por toda parte. Crentes que transformam as práticas da vida cristã, tanto as individuais como as do culto coletivo, em secularismo ou profissionalismo puro. (Ler Mateus 6.24.)

"O erro de Balaão". Balaão raciocinando do ponto de vista natural, humano, via a existência do mal em Israel e achava que Deus, sendo santo, devia amaldiçoá-lo. É hoje o mal do racionalismo humano dentro da igreja. É querer interpretar as coisas de Deus - sua Palavra, sua doutrina, sua igreja, seus caminhos - somente pela nossa mente. E a dependência do intelectualismo. Num tempo como o atual em que a igreja toda mais e mais se acultura, o perigo do racionalismo humano nas coisas de Deus está aí.

"a doutrina dos nicolaítas" (2.15) já foi abordada quando tratamos do versículo 6. É interessante notar que a palavra hebraica *"Balaão"* é equivalente a Nicolau em grego. Deve-se observar também o progresso do mal sobre o

povo de Deus. Aquilo que era *"obra dos nicolaítas"* em 2.6, tornou-se *"doutrina dos nicolaítas"* em 2.15.

"uma pedrinha branca" (2.17). A história antiga dos gregos e romanos menciona essa pedrinha: 1) Nos tribunais, os juízes tinham pedrinhas brancas e pretas. Se o acusado recebia uma pedrinha preta, estava condenado; se, branca, estava perdoado, liberto, livre. 2) Nos jogos públicos, os vencedores recebiam pedrinhas brancas com seus nomes gravados nelas. Isso dava-lhes direito e auxílio do governo pelo resto da vida. 3) Também pedrinhas brancas eram fornecidas a certas pessoas para livre trânsito em determinadas regiões, situações, reuniões. Era o passe, a entrada livre autorizada nesses casos especiais.

4. *Carta d igreja de Tiatira* (2.18-29). Tiatira é nome de difícil tradução. Assim se expressam abalizados eruditos como o Dr. Ironside. São duas palavras parecendo significar quem sacrifica sempre. É a igreja profana. Apesar de ser uma igreja caída espiritualmente, ela desfruta de progresso material. Sua decadência espiritual é patente nos versículos 20, 22 e 24. Representa a igreja dos anos 600 a 1517. No final desse período, a Reforma tomou corpo e por fim eclodiu em 1517.

A falsa profetisa Jezabel (2.20). *"Tenho, porém, contra ti o tolerares que essa mulher, Jezabel, que a si mesma se declara profetisa, não somente ensine, mas ainda sedu-za os meus servos a praticarem a prostituição e a comerem coisas sacrificadas aos ídolos."* As doutrinas falsas sempre têm assolado a Igreja através dos séculos. Às vezes não são doutrinas totalmente falsas; são ainda piores: são adulteradas. Somente a visão do Espírito Santo pode dirigir os fiéis na separação entre *"a palha e o trigo"*. O Diabo é pior quando vem como anjo de luz e ministro de justiça, do que como lobo devorador. No primeiro caso ele vem parecendo inofensivo, mas no segundo, vem rugindo, o que facilita a sua detecção. (Ler 2 Co 11.14.)

Jezabel é o terceiro elemento pernicioso citado nessas cartas às sete igrejas. Primeiro foram os nicolaítas (2.6); depois Balaão (2.14), e por último Jezabel. Esta era uma falsa profetisa de Tiatira. Muitas doutrinas e credos heréticos têm sido fundados e promovidos por mulheres, como a Ciência Cristã e o Teosofismo.

"Com cetro de ferro" (2.27). Isso é mais bem entendido à luz de 1 Coríntios 15.24-26: "E então virá o fim, quando ele entregar o reino ao Deus e Pai, quando houver destruído todo principado, bem como toda potestade e

poder. Porque convém que ele reine até que haja posto todos os inimigos debaixo dos seus pés. O último inimigo a ser destruído é a morte". 110

5. *Carta d igreja de Sardo* (3.1-6). *"Sardo"* significa os que escapam ou os remanescentes. É a igreja morta. Representa a igreja do período 1517-1750. Em 1750 teve início a intensa fase contemporânea de evangelização e missões. O final do período viu homens valorosos na fé como Adoniran Judson, George Whitefield, John Wesley e outros.

"tens nome de que vives, e estás morto" (3.1). A morte na igreja de Sardo torna-se mais patente quando no início da carta o Senhor Jesus apresenta-se como *"aquele que tem os sete espíritos de Deus",* denotando, assim, multiplicidade e abundância de vida para uma igreja decadente e agonizante. A maneira de Jesus dirigir-se separadamente a cada igreja, revela muito do estado, da necessidade, e da oportunidade dessa igreja.

"não achei as tuas obras perfeitas diante de Deus" (3.2 -Versão ARC). O movimento da Reforma Protestante foi mais de obtenção de liberdade política do que religiosa. Surgiram após a Reforma dissensões internas entre os reformadores e entre as novas denominações. Por exemplo, na Inglaterra, entre os anos 1560 e 1700, houve muita porfia entre presbiterianos e congregacionais. De fato, o versículo 2 acima, fala de obras não perfeitas, ou não completas, e pode referir-se a isso.

6. *Carta d igreja de Filadélfia* (2.7-13). *"Filadélfia"* significa *"amor fraternal"*. É a igreja avivada e missionária. Representa a igreja cristã nessa fase, a partir de 1750, especialmente nos séculos XVIII, XIX e início do século XX.

"a chave de Davi" (3.7). Isso é uma alusão ao reino prometido por Deus a Davi, conforme 2 Samuel 7.12,13, e que se cumprirá em Jesus - o descendente de Davi segundo a carne. (Ler Lucas 1.32,33.)

"tenho posto diante de ti uma porta aberta, a qual ninguém pode fechar" (Ap 3.8). Certamente é uma alusão ao sempre crescente movimento missionário dos últimos tempos, iniciado por William Carey em 1793, quando partiu para a índia.

"também eu te guardarei da hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro" (3.10). É uma das referências mostrando que a Igreja do Senhor nada tem com a Grande Tribulação. (Ler também 1 Tessalonicenses 1.10.) O texto

mostra ainda que a Grande Tribulação terá alcance mundial, tendo seu centro na Palestina.

7. *Carta d igreja de Laodicéia* (3.14-22). *"Laodicéia"* significa direitos do povo, isto é, direito de o povo mandar: direitos humanos. E a igreja morna. Representa a igreja dos dias finais desta dispensação. Profeticamente, essa igreja é contemporânea da anterior - Filadélfia. Na igreja de Laodicéia a opinião do povo substitui a Palavra de Deus. Pela descrição fiel da igreja de Laodicéia pelo Senhor, nos versículos 15-18, vemos que ela é mais uma maldição para o mundo, do que uma bênção.

"não preciso de coisa alguma" (3.17). Ora, o crente fiel nunca está satisfeito no sentido de não precisar de mais poder, mais graça, mais humildade, mais sabedoria. Ele sempre quer mais. Mais de Deus, de seu amor, do seu Espírito, da sua Palavra, da sua graça, da sua comunhão, da sua santidade, etc. É o princípio da queda quando nos sentimos satisfeitos e ficamos inativos quanto à busca da face do Senhor. O verdadeiro crente clama como o Salmista: *"como suspira a corça pelas correntes das águas, assim por ti, ó Deus, suspira a minha alma. A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo; quando irei e me verei perante a face de Deus?"* (SI 42.1,2). Jesus disse: "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos" (Mt 5.6). Tem o leitor, agora, este tipo de sede e de fome espiritual? Isso deve ser normal a todo crente novamente nascido e renovado no Espírito. (Ler 1 Pedro 2.2.)

"Eis que estou aporta, e bato..." (3.20). Oh! o quadro mais triste do mundo! - Cristo expulso e desejoso de entrar! Expulso da nação israelita pela rejeição. Expulso do mundo pela crucificação. Expulso da igreja pelo mundanismo e modernismo. Mesmo assim, em todo o versículo 20 vemos o seu insondável amor por sua igreja.

"cearei com ele e ele comigo" (3.20). A ceia é a última refeição do dia. Assim, mesmo a um cristianismo morno, Jesus apela até o fim do dia da graça para que voltem a Ele. Isso também indica que o período da igreja de Laodicéia é o último do dia da graça, antes que venha a manhã de uma nova era para a Igreja. 112

A maior promessa a uma igreja. *"Ao vencedor, dar-lhe-ei sentar-se comigo no meu trono"* (3.21). Graça maravilhosa! A maior promessa feita por Jesus às sete igrejas foi à de Laodicéia. Isso quer dizer que a igreja mais decadente e o crente mais distanciado, mais frio, podem alcançar o mais alto estado espiritual, se se arrependerem e andarem com Deus, como no princípio.

Jesus e seu trono, *"sentar-se-á comigo no meu trono, assim como também eu venci, e me sentei com meu Pai no meu trono"* (v. 21).

Terceira Parte

A Igreja arrebatada ao Céu (cap. 4)

Com o capítulo 4 tem início a Parte III da divisão geral do livro, conforme vemos em 1.19, isto é, têm início os eventos *"que hão de acontecer depois destas"* coisas dos capítulos 2 e 3.

Estas coisas que *"hão"* de acontecer vão do capítulo 4 ao 22; noutras palavras: até o fim do livro.

Vejamos um resumo disso: Caps. 4 e 5 - Uma visão de Deus e seu trono (cap. 4). Uma visão do Cordeiro (cap. 5). Este capítulo, num sentido mais lato, retrata um culto universal ao Cordeiro.

Estes dois capítulos são uma introdução à parte profética do livro: os capítulos 6 a 22, assim como o capítulo 1 (a visão de Cristo glorificado) introduziu a parte epistolar: os capítulos 2 e 3. Caps. 6 a 18 - A Grande Tribulação

Os capítulos 6 a 9 abarcam a primeira metade da Grande Tribulação (três anos e meio). Os capítulos 11 a 18 abrangem a segunda metade dessa tribulação: mais três anos e meio, perfazendo, assim, os 7 anos proféticos. É a 70 *"semana"* de Daniel 9.27, em que Deus trata com Israel, visando levar seu antigo povo ao arrependimento. Cap. 20 - O Milênio

Um período de mil anos em que Cristo reinará neste mundo com sua igreja, conforme as profecias do Antigo e do Novo Testamento. Caps. 21 e 22 - O eterno e perfeito estado, isto é, de eterna bem-aventurança para os remidos do Senhor.

1. *As passagens parentéticas do Apocalipse.* Ninguém, ao estudar o livro do Apocalipse deve ignorar o que são passagens parentéticas nesse livro. São textos com explicações de eventos não incluídos nos *selos, trombetas* e *taças* de juízos. Esses eventos dos parênteses ocorrem quase todos no tempo dos

selos, das trombetas e das taças (caps. 5-17), e na ordem e nas ocasiões em que aqueles aparecem.

É como um escritor que interrompe o fio de uma narrativa para destacar ou ampliar um certo evento.

Há sete principais passagens parentéticas no Apocalipse:

1) 7.1-17 - Dois grupos de redimidos: um de judeus, e outro de gentios. O primeiro acha-se na Terra; o segundo, no Céu.

2) 10.1 a 11.13 - Um anjo com um livrinho

As duas testemunhas.

3) 14.1-20 - As sete visões.

4) 15.1-4 - Sete anjos com as sete últimas pragas.

5) 16.13-16 - O ajuntamento dos reis em Armagedom.

6) 17.1-18 - A grande meretriz cavalgando uma besta.

7) 19.1-10 - As quatro aleluias no Céu.

As bodas do Cordeiro.

2. *A visão de Deus e seu trono* (4.1-11). A parte epistolar do livro foi precedida da sublime visão de Cristo glorificado (1.12-18). De igual modo, a parte profética (caps. 6 a 22) é precedida de uma visão deslumbrante de Deus no seu trono (cap. 4), e do Cordeiro (cap. 5).

A partir do final do capítulo 3 não vemos mais a Igreja na terra. Nos capítulos 1 a 3, ela é mencionada 19 vezes, mas nos capítulos 4 a 21 não é mencionada pelo nome nem uma só vez; aparecendo somente em 22.16.

Cenas no Céu - uma porta aberta e uma voz (4.1). Do capítulo 1.20 até o final do capítulo 3, o Senhor Jesus fala entre os candeeiros, que simbolizam as igrejas. Mas agora, em 4.1, Ele fala do Céu!

"Sobe aqui" (4.1). O novo arrebatamento de João a esta altura dos fatos tipifica o da Igreja, ao terminar a sua peregrinação na terra. *"Imediatamente eu me achei no Espírito"* (v. 2).

"eis armado no céu um trono" (4.2). Um trono fala de poder e autoridade. É desse trono celestial que emana toda a autoridade. Ele é o ponto central de todo o Universo, de toda a criação. O Apocalipse é o livro do trono, do poder, e da autoridade divina. *"E no trono alguém sentado"*. É Deus, o soberano Senhor.

Pedra de jaspe e sardônio. *"e esse que se acha assentado [no trono] é semelhante no aspecto a pedra de jaspe e de sardônio"* (4.3). Consultando Êxodo 28.17-20 vemos que jaspe e sardônio eram a primeira e a última pedras do peitoral de juízo do sumo sacerdote. Isso denota que se trata aqui, não de um trono de graça (como em Hebreus 4.16), mas de um trono de juízo. O arco-íris, também aqui no versículo 3, é a demonstração visível da fidelidade de Deus no seu pacto com o homem. *"Semelhante no seu aspecto [o arco-íris] a esmeralda"*. Ora, esmeralda era a pedra preciosa que no peitoral de juízo correspondia ao nome de Judá, a tribo real, realçando, assim, mais uma vez a soberania deste trono. O arco-íris foi dado a Noé, como sinal da sua aliança com Deus, na Dispensação do Governo Humano (Gn 9.12-17).

"vinte e quatro anciãos" (4.4). Não são anjos, pois cantavam o cântico da redenção, como participantes dela (5.8-10). Eram santos já coroados, "em cujas cabeças estão coroas de ouro". Coroa e trono são prometidos aos salvos; nunca a anjos. (Ler Mateus 19.28; 1 Pedro 5.4; Apocalipse 3.21.) Certamente são representantes dos santos do Antigo e Novo Testamento. Israel teve 12 tribos, e o Cordeiro teve 12 apóstolos. Na Jerusalém celeste estarão os nomes das 12 tribos e dos 12 apóstolos do Cordeiro (21.12-14).

Tempestade iminente. *"Do trono saem relâmpagos, vozes e trovões"* (4.5). Isso fala de tempestade, simbolizando os juízos de Deus prestes a cair sobre a terra. (Ler Isaías 61.2b; Mateus 3.2; Romanos 2.5; 2 Tessalonicenses 1.8.) "sete tochas". Isso fala de escrutínio, perscrutação, conhecimento total.

Materiais desconhecidos. *"Há diante do trono um como que mar de vidro"* (Ap 4.6). *"um como que"*. Vemos aqui a tentativa do vidente de descrever os materiais que viu no Céu, com as palavras insuficientes do vocabulário humano. A dificuldade dele é maior porque são materiais inexistentes aqui. "mar de vidro". Um mar como que de vidro, não se agita. A paz do Céu é imperturbável, apesar dos juízos na Terra! (Ler Isaías 57.20.) Um como que mar sem água! Também não há mais necessidade de purificação e lavagem da Igreja! (Ler Efésios 5.26; e Tito 3.5.)

As criaturas viventes. *"e também no meio do trono, e à volta do trono, quatro seres viventes cheios de olhos por diante e por detrás"* (4.6). (Ler também os versículos 7-9.) Criaturas estranhas, porque são desconhecidas dos homens, mas lindas. Fazem-nos lembrar da visão de Ezequiel (Ez 1.1-14), que, posteriormente, ele veio a saber que eram querubins (Ez 10.20). São seres criados por Deus que ainda não conhecemos, porque residem lá no Céu. (Ver mais sobre eles em 5.6-13; 7.11.) Pela sua posição aqui "no meio do trono, e à volta do trono" (v. 6), eles são como que oficiais de gabinete de Deus, pois ministram junto ao seu trono. O número quatro talvez indique que eles têm relação com a restauração da Terra, cujo número simbólico é 4.

Ficarão de fora os evolucionistas! *"Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as coisas tu criaste, sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas"* (4.11). Não há um só evolucionista, nem humanista nesta adoração ao criador, pois ela é baseada num Deus trino, implícito na proclamação "Santo, Santo, Santo" de 4.8, e também em Deus como a causa primária de tudo, criando e formando todas as coisas (v. 11).

Quarta Parte

A Igreja glorificada no Céu(cap. 5)

Neste capítulo vemos algo das altas prerrogativas de Cristo e sua investidura oficial para assumir o governo da Terra. (Ler os versículos 9, 12.)

No capítulo 4 a adoração é prestada a Deus como *Criador* de todas as coisas. Os tão decantados evolucionistas não têm vez ali! Aqui, no capítulo 5, a adoração é prestada a Cristo como Redentor (vv. 9,10). No capítulo 4 apenas os vinte e quatro anciãos e os quatro seres viventes adoram a Deus, mas no capítulo 5 a adoração é universal: *"E então ouvi que toda criatura que há no céu e sobre a terra, debaixo da terra, e sobre o mar, e tudo o que neles há, estava dizendo..."* (5.13). A Igreja estará nesse culto universal cujo tema do cântico de adoração é a redenção efetuada por Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus.

1. *O livro selado com sete selos* (5.1). *"selo"* na Bíblia, fala de garantia, proteção, segurança, certeza, autenticação, inviolabilidade, "sete selos" falam da plenitude de certeza de que o conteúdo do livro terá o seu fiel cumprimento. Esse livro não é outro senão o Livro do Juízo nas Nações. Não pensemos que um livro como o mencionado aqui na visão de João tem algo a ver com os nossos livros modernos. Trata-se de um rolo de pergaminho. Nos tempos bíblicos os livros eram feitos de pergaminho, isto é, de pele de ovelha polida e preparada para escrita. Quando se tratava de documentos, como escritura de propriedade, os selos eram colocados aos poucos, à medida que se enrolava o livro, os selos eram colocados na extremidade do rolo. Por fim se aplicava um último selo ao longo da borda final do rolo, selando o livro todo. Quando se abria o primeiro selo, uma parte do rolo podia ser vista e examinada, e assim até o último.

O leitor pode ter uma ideia disso na própria Bíblia, lendo o relato da escritura da propriedade comprada pelo profeta Jeremias (Jr 32.6-14). Vê-se aí um exemplo do costume antigo de comprar terreno entre os hebreus. O rolo da escritura era feito em duas vias, uma aberta e outra selada, isto é, lacrada. A cópia selada ficava com o proprietário, para identificá-lo como sendo o

comprador da propriedade declarada na cópia aberta. Em caso de dúvida ou questão, o verdadeiro proprietário tendo a cópia selada, tinha autoridade de abrir o rolo, retirando os seus selos.

2. visão do Cordeiro (5.5,6). *"venceu"* (v. 5). Jesus já venceu para sempre, e assim, nós com Ele somos mais do que vencedores pela fé nele. *"sete chifres"* (v. 6). Isso fala da plenitude de poder; da onipotência de Cristo. (Ler Mateus 28.18.) *"sete olhos"* (v. 6). Isso tem a ver com sua onisciência e providência. "Aqueles sete olhos são os olhos do Senhor, que percorrem toda a terra" (Zc 4.10). *"sete espíritos de Deus"* (v. 6). Mais uma vez temos aqui um símbolo, como o é o Cordeiro visto por João, neste mesmo versículo. A expressão sete espíritos fala da plenitude de vida divina, pois bem sabemos que o Espírito Santo é um, e não sete (Ef 4.4).

3. *As orações dos santos preservadas* (5.8). A oração dos santos é na Bíblia comparada a incenso. "Suba à tua presença a minha oração, como incenso..." (SI 141.2). A continuação desse assunto está em 8.3,4. Enquanto nossas orações não são respondidas, estão sob cuidados especiais. Não são esquecidas.

4. *O cântico da redenção dirigido ao Cordeiro* (5.9-14). *"entoavam novo cântico"* (v. 9). É novo porque jamais foi cantado. É novo porque qualquer cântico da igreja aqui na terra, pelo seu sentido ligado à nossa peregrinação e lutas terrenas, não poderá ser cantado lá.

O versículo 11 mostra que os seres viventes já mencionados não são anjos comuns. *"Vi, e ouvi uma voz de muitos anjos ao redor do trono, dos seres viventes e dos anciãos..."* A mesma distinção aparece em 7.11.

"toda criatura que há no céu... " (v. 13). Há formas de criaturas no Céu e fora dele (por exemplo, nas profundezas do mar) que desconhecemos, mas que existem. São reais.

Certamente na época dos eventos do capítulo 5, cumprir-se-ão conosco, já com Cristo, as palavras de 2 Tessalonicenses 1.10: *"Quando vier para ser glorificado nos seus santos e ser admirado em todos os que creram, naquele dia (porquanto foi crido entre vós o nosso testemunho)"*.

Quinta Parte

Primeira fase da Grande Tribulação (caps.6a9)

O capítulo 6 de Apocalipse, pela natureza dos seus estupendos eventos sobrenaturais, e pelo contexto geral das Escrituras, assinala o início da 70ª *"semana"* de Daniel 9.24-27, a qual se estende até o capítulo 18 e ainda a parte do 19, quando se dá a volta do Rei dos reis com grande poder e glória, e exercendo juízo sobre os ímpios.

"quando do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do seu poder, em chama de fogo, tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao Evangelho do nosso Senhor Jesus. Estes sofrerão penalidade de eterna destruição, banidos da face do Senhor e da glória do seu poder" (2 Ts 1.7-9).

Os capítulos 6 a 9 cobrem a primeira parte da Grande Tribulação. É o *"princípio das dores"* de que falou o Senhor Jesus em Mateus 24.1-14. Esta passagem refere-se a Israel e às nações da terra, e ocorrerá quando a Igreja já tiver sido arrebatada daqui.

Os capítulos 10 a 18 cobrem a segunda parte da Grande Tribulação. Os últimos três anos e meio são os piores, conforme a profecia de Daniel 9.27 e dos capítulos 10 a 18, citados. Disso também falou Jesus no sermão do monte das Oliveiras (Mt 24.15-31). Nesse tempo será tal a aflição e aperto, que, se durassem mais, ninguém escaparia com vida: *"Não tivessem aqueles dias sido abreviados, e ninguém seria salvo..."* (Mt 24.22).

O livro selado e sua abertura (cap. 6)

No capítulo 5, João viu em visão um livro selado com sete selos, na mão do Cordeiro, o único ser que em todo o Universo foi achado digno de tomar o livro, abri-lo e desatar seus sete selos. Nesse livro, como veremos a partir de agora, estão gravados os juízos que Deus enviará a este mundo impenitente e rebelde à sua Palavra.

Neste capítulo o Cordeiro abre os primeiros seis selos. Ao ser aberto o sétimo, no capítulo 8, ouvem-se sete trombetas, também de juízos sobre a terra. Por sua vez, ao ser tocada a sétima trombeta, no capítulo 11, esta dá início aos piores juízos da Grande Tribulação, que são os das sete taças da ira de Deus, anunciadas no capítulo 15 e executadas a partir do capítulo 16. Portanto, os juízos sob os selos, trombetas e taças não são paralelos, mas sucessivos. Do último selo saem as trombetas, e da última trombeta saem as taças.

A abertura dos primeiros seis selos. "Vi quando o Cordeiro abriu um dos sete selos, e ouvi um dos quatro seres viventes dizendo, como se fosse voz de trovão: Vem!" (6.1). Mais uma vez estão os seres viventes em evidência. Eles proclamam a santidade de Deus ao aparecerem a primeira vez, no capítulo 4. Esses seres têm interesse na restauração da Terra, e para isso tomam parte na execução dos seus juízos. São mencionados 10 vezes no livro de Apocalipse. A primeira vez em 4.6, e a última em 19.4, quando tudo no Céu está pronto para a descida de Cristo com os seus santos.

O cavaleiro do versículo 2. *"Vi então, e eis um cavalo branco e o seu cavaleiro com um arco; e foi-lhe dada a coroa; e ele saiu vencendo e para vencer."* Este cavaleiro não pode ser Cristo, porque Cristo é quem abre o selo do versículo 1, do qual sai o cavalo e o cavaleiro do versículo 2. Além disso, Cristo sempre tem em seu cortejo, em sua companhia, melhores agentes do que os mencionados neste capítulo: guerra (vv. 3,4); fome (vv. 5,6); e peste (vv. 7,8).

A terra sem paz! *"E saiu outro cavalo, vermelho; e ao seu cavaleiro foi-lhe dado tirar a paz da terra..."* (6.4). Quem pode imaginar o que acontecerá com a terra toda sem paz?

Racionamento severo. *"Uma medida de trigo por um denário; três medidas de cevada por um denário..."* (6.6). *"Medida"* é, no original, uma palavra que

corresponde mais ou menos à capacidade de um litro. Um denário correspondia ao salário de um dia de trabalho (Mt 20.2).

Feras multiplicadas na terra (6.8). Isso, além de significar animais bravios, é possível que também signifique uma multiplicação descomunal de micróbios e bactérias destrutivos, que aparecerão nessa época.

Crentes deixados no arrebatamento da Igreja. (Ler Apocalipse 6.9-11.) Aqui são crentes deixados no arrebatamento da Igreja por estarem separados de Cristo, e também aqueles que creram após o arrebatamento, e foram martirizados: suas almas se acham agora na presença de Deus, sob o seu altar. (Ler a respeito desse altar em Apocalipse 8.3-5; 9.13; 16.7.)

Meteoros e estrelas cadentes, *"as estrelas do céu caíram por terra"* (6.13). Os eventos dos versículos 12,13 são também abordados em Mateus 24.29 e Atos 2.19,20.

Mudanças na superfície da terra. "Então todos os montes e ilhas foram movidos dos seus lugares" (6.14). Mais tarde, outra mudança geofísica ocorrerá no relevo do globo, conforme lemos em 16.20. No momento em que Jesus aparecer em glória, ocorrerão mais mudanças, às nações da terra, como vemos em Zacarias 14.4,10. Nesse versículo 10, a tradução correta do original é a da versão ARC (Almeida Revisada e Corrigida), que registra *"exalçada"* em vez de *"exaltada",* como está na versão ARA (Almeida Revisada e Atualizada). *"Exalçada"* vem a significar "elevada"; isso em referência às alterações topográficas que terão lugar então. Mudanças ainda maiores ocorrerão na implantação do Milênio, conforme está dito em Isaías 2.2 e 35.6. São fatos literais esses abordados aí.

Tarde demais! Nos versículos 15-17 vemos que os grandes da terra, bem como os pequenos, por fim reconhecerão quem é Jesus, mas... tarde demais! Vemos neles um reconhecimento de Deus (um fato intelectual), mas não arrependimento sincero (um fato do coração).

O exemplo de Israel. Israel, no Antigo Testamento, às vezes deixava o Senhor por outros deuses, sendo isso uma das causas do seu castigo sob o cativeiro babilônico, mas desde então ficou curado da idolatria. Só assim chegaram a saber que o Senhor é Deus. Desde o cativeiro babilônico até hoje Israel pode ser acusado de outros pecados, menos do de idolatria. No livro de Ezequiel, um dos profetas que bradou a Israel em vão, sessenta e duas vezes encontramos a expressão divina referente a Israel: *"Saberão que Eu sou o Senhor".* E souberam mesmo, mas através do castigo. Regressaram do

Cativeiro e buscaram o Senhor de coração, como vemos nos livros de Esdras e Neemias.

Mas nestes povos aqui do capítulo 6 não há qualquer mudança espiritual. Passara a sua oportunidade. Este é um assunto para séria meditação, se aplicarmos a sua verdade aos dias presentes quanto ao nosso viver.

Os dois grupos de redimidos (cap. 7)

O capítulo 7 de Apocalipse é a primeira passagem de natureza parentética do Apocalipse. Esse parêntese situa-se entre o sexto e o sétimo selos. O sexto selo ocorre no final do capítulo 6, versículos 12 a 17. O sétimo selo no primeiro versículo do capítulo 8.

Na cena parentética do capítulo 7, vemos dois grupos de redimidos: um de judeus, outro de gentios. O primeiro acha-se na terra; o segundo, no Céu.

1. *Versículo 1. "quatro cantos da terra".* São os quatro pontos cardeais da rosa-dos-ventos, indicando as quatro direções da terra: Norte, Sul, Leste, Oeste. Esta maneira de indicar é muito antiga, pois em Isaías 11.12 está escrito*: "Levantará um estandarte para as nações, ajuntará os desterrados de Israel, e os dispersos de Judá recolherá desde os quatro confins da terra".* Isso nada tem a ver com a noção popular que, partindo desta expressão, pensa que a terra é quadrada.

Anjos controlando os ventos. *"Vi quatro anjos,., conservando seguros os quatro ventos da terra"* (v. 1). Temos aqui um vislumbre de que os anjos são, entre outras coisas, os engenheiros controladores das forças vivas do Universo. Em 14.18 temos um outro anjo com poder sobre o fogo. Em 16.5 temos ainda outro: este com poder sobre as águas, e assim por diante.

2. *O selo de Deus e os selados* (7.2-8). Nestes versículos está o primeiro grupo de redimidos deste capítulo parentético.

"o selo do Deus vivo" (v. 2). *"até selarmos em suas frontes os servos do nosso Deus"* (v. 3). Este selo é de proteção, como vemos em 9.4, *"e foi-lhes dito que não causassem dano à erva da terra nem a qualquer coisa verde, nem a árvore alguma, e tão-somente aos homens que não têm o selo de Deus sobre as suas frontes."* O selo deve ser a inscrição dos nomes de Cristo e do Pai nas frontes desses redimidos. *"Olhei, e eis o Cordeiro em pé sobre o monte Sião, e com ele cento e quarenta e quatro mil tendo nas frontes escrito o seu nome e o nome de seu Pai"* (Ap 14.1).

"144.000 selados" (v. 4). Trata-se de um grupo de judeus, salvos e preservados na terra durante a Grande Tributação para testemunharem de Cristo no lugar da Igreja. O grupo está na terra, a qual é mencionada nos versículos 1 e 3. Certamente é o cumprimento do que está predito em Isaías 66.19: *"E alguns dos que foram salvos enviarei às nações, a Társis, Pul e Lude que atiram*

com arco, a Tubal e Javã, até as terras do mar mais remotas, que jamais ouviram falar de mim, nem viram a minha glória; eles anunciarão entre as nações a minha glória".

A omissão das tribos de Dã e Efraim. Entre as doze tribos arroladas em 7.5-8 não aparecem Dã e Efraim. Seus nomes aparecem substituídos pelos de José e Levi. E só comparar esta lista com outras congêneres, como Gênesis 29; 30; 49; Deuteronômio 33, etc. Certamente Dã e Efraim são omitidos por causa de sua idolatria e imoralidade registradas na Bíblia. Dã, por exemplo, foi a primeira tribo a cair fundo nesses pecados, arrastando multidões na sua esteira. (Ler Juizes 18.14-20,30,31 e 1 Reis 12.28-30.) O caso de Juízes 18 é por demais sério. Os danitas, cujas proezas são aí relatadas, agem como autênticos ladrões. Sem quaisquer motivos roubam o ídolo de Mica e ainda subornam o seu moço sacerdote, fazendo assim com que a idolatria, que estava restrita à família de Mica, fosse a religião de sua tribo inteira. Este foi um procedimento iníquo. O procedimento de Efraim não foi nada melhor. (Ler Os 4.17; 7.8; 11.12; 13.2,12.)

Dã e Efraim não sendo selados aqui, passarão pela Grande Tribulação sem a proteção do selo de Deus. No entanto, na lista das tribos em evidência, durante o Milênio de Cristo na terra, Dã vem em primeiro lugar e logo mais também Efraim (Ez 48.2,6). Como se explica isso? Certamente na conversão de judeus durante a Grande Tribulação, Dã e Efraim não creram a princípio, mas crerão depois, deve ser isso.

O caso de Rúben e Judá. Rúben sendo o primogênito de Jacó (Gn 35.23) foi rebaixado nesta lista das tribos do capítulo 7, vindo em segundo lugar. A primazia coube a Judá (v. 5). Certamente esse revés de Rúben vem do seu abominável pecado, registrado em Gênesis 35.22; 49.3,4; 1 Crônicas 5.1, demonstrando sua inominável fraqueza de caráter. Por outro lado, a razão de Judá, não sendo o primogênito, ser o primeiro da lista do capítulo 7, talvez venha do fato de Cristo ser descendente dessa tribo (Gn 49.9,10; Hb 7.14; Ap 5.5). Lembremo-nos de que Apocalipse é o livro da revelação de Jesus Cristo, sendo Ele toda preeminência.

Apesar da omissão de Dã e Efraim na lista do capítulo 7.5-8, o total de 12 tribos permanece o mesmo. Parece Deus querendo dizer que mesmo havendo mudanças por causa do fracasso do homem, o seu plano e propósito permanecem firmes.

3. *O segundo grupo de redimidos* (7.9-17). Esse se encontra no Céu, e é constituído de todas as nações: *"Depois destas coisas vi, e eis grande multidão que*

ninguém podia enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos de vestiduras brancas, com palmas nas mãos" (v. 9). Esse grupo é constituído de gentios salvos durante a Grande Tribulação. Uma vez martirizados, como vemos no capítulo 6.9,10,11, aparecem agora perante o trono de Deus. Ressurgirão (isto é, seus corpos) antes do Milênio, como um dos grupos de ressuscitados da primeira ressurreição.

"Com palmas nas mãos" (v. 9). Palmas é símbolo de vitória. Venceram. João os viu no Céu (vv. 5,9). Não tinham coroas, mas palmas. Coroa é galardão por algo feito para Deus, e estes não tiveram oportunidades para isso, porque uma vez professando sua fé em Cristo, foram mortos. A *"Grande Tribulação"* já assola aqui (7.14).

Deus agindo qual uma mãe. *"E Deus lhes enxugará dos olhos toda lágrima"* (7.17). É tocante isso para os nossos corações que são magoados de tantas maneiras e tantas vezes nesta vida! *"Como alguém a quem sua mãe consola, assim eu vos consolarei..."* (Is 66.13).

As quatro primeiras trombetas (cap. 8)

No início do capítulo 8, o Cordeiro abre o último selo (o sétimo) do livro selado; ato que foi interrompido, na narrativa, pelo parêntese da visão dos dois grupos de redimidos do capítulo 7.

O livro fica totalmente aberto com a abertura do sétimo selo, o qual introduz as sete trombetas de juízo que predominarão no capítulo 8. A última trombeta vai dar lugar às sete taças, as quais encerram os piores juízos sobre a terra.

Recapitulando para conveniência do leitor: o sétimo selo contém as sete trombetas, e a sétima contém as sete taças. O sétimo selo estende-se até o drama final da Grande Tribulação: a destruição sobrenatural da Besta e seus exércitos, em Jerusalém e Armagedom, com a volta pessoal de Jesus com os seus santos.

Há quatro principais veículos de comunicação e execução da parte de Deus no livro de Apocalipse. São eles quatro grupos de sete: sete cartas às igrejas, sete selos, sete trombetas, e sete taças da ira de Deus.

1. *Meia hora de silêncio no Céu. "Quando o Cordeiro abriu o sétimo selo, houve silêncio no céu cerca de meia hora"* (8.1). Isto nada tem com o momento da morte de Jesus, como muitos pensam. É sem dúvida a calma que costuma preceder à tormenta. No caso aqui, trata-se da mais terrível tormenta que este mundo jamais presenciou. Desde o princípio do mundo os fenômenos da natureza têm ocorrido dentro da escala do natural. Muitos deles são previstos, detectados e até controlados pelo homem, mas naquele tempo serão sobrenaturais, numa escala nunca vista e totalmente fora de controle humano. Chegamos agora ao drama final da Grande Tribulação. Não é de admirar que haja silêncio por meia hora na abertura do selo. É como se o Céu estivesse aguardando com toda expectativa. Parece até que ouvimos seus habitantes perguntando entre si: -*"Qual será o próximo ato divino no julgamento deste mundo?"*.

2. *As trombetas de juízo. "Então vi os sete anjos que se acham em pé diante de Deus, e lhes foram dadas sete trombetas"* (8.2). Dessas sete trombetas, quatro são tocadas no capítulo 8, duas no capítulo 9, e a última no capítulo 11. O uso de trombetas aqui deve ser estudado e compreendido à luz do seu emprego no Antigo Testamento, assim como são outros fatos bíblicos. Trombetas são

usadas na Bíblia para convocar o povo, como em Êxodo 19.16-19. São também usadas para anunciar juízo, como no caso da tomada e destruição de Jerico. Nesta cidade também foram tocadas sete trombetas, Jerico estava impedindo o avanço do povo de Israel para a Terra Prometida. Os sacerdotes de Israel levavam as trombetas de juízo e por sete dias marcharam ao redor da cidade tocando as trombetas. No sétimo dia tocaram sete vezes e na sétima vez os muros caíram. Jerico caiu ao som das trombetas de juízo e o mundo ímpio e rebelde também cairá ao som das trombetas de juízo, só que desta vez elas serão tocadas por anjos. (Ler Josué, capítulo 6.)

3. *Anjo-sacerdote. "Veio outro anjo e ficou de pé junto ao altar, com um incensário de ouro, e foi-lhe dado muito 134 incenso para oferecê-lo com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro que se acha diante do trono"* (8.3). Por aqui se vê que o tabernáculo mostrado por Deus a Moisés no monte Sinai, e que ele construiu para o culto divino, era apenas cópia de um outro celestial. Outras passagens da Bíblia também revelam isso.

Vemos aqui um anjo oficiando no altar de ouro, ou altar do incenso. Portanto um anjo-sacerdote. Parece estranho, mas lembremo-nos que no Céu há infinitas coisas que não sabemos nem conhecemos agora. Esse anjo deve ser o anjo de Jeová, com muitas aparições no Antigo Testamento, Ele apareceu a Abraão, sendo chamado de SENHOR; guiou os filhos de Israel no deserto; encontrou-se com Jacó no vau de Jaboque; apareceu a Josué para garantir-lhe a conquista de Canaã.

Sim, novamente este anjo-sacerdote aparece no livro de Apocalipse nesta condição, certamente querendo dizer que assim como ele operou em favor do povo de Deus no Antigo Testamento, operará naquele tempo em favor do remanescente de Israel, os judeus salvos que estarão testemunhando na Terra, em lugar da Igreja, durante os negros dias da Grande Tribulação.

Deus nunca ficou sem testemunho aqui na terra. Nem mesmo durante a apostasia de Israel, no tempo do profeta Elias. Este chegou a dizer duas vezes para Deus que, de fiel, só ele tinha restado (1 Rs 19.10,14). Deus lhe mostrou que ele estava enganado, afimiando-lhe que em Israel ainda havia sete mil que não tinham dobrado seus joelhos diante de Baal (1 Rs 19.18).

4. *As trombetas e seus flagelos* (8.7-12). Os flagelos citados nestes versículos são pragas tão literais como o foram as do Egito através de Moisés. Eles percorrerão a terra. *"Ai, ai dos que moram na Terra, por causa das restantes vozes da trombeta dos três anjos que ainda têm de tocar"* (8.13). De cada trombeta está escrito

que será destruída a terça parte das coisas afetadas. (Veja quantas vezes a expressão *"terça parte"* é mencionada nos versículos 8-12.)

Primeira trombeta (v. 7). Saraiva, fogo e sangue. Um terço da vegetação é destruída.

Segunda trombeta (vv. 9,8). Algo como um meteoro incandescente caindo no mar e contaminando-o, e um terço da vida marinha e um terço dos navios são destruídos. Nesse tempo os modernos navios de guerra não terão qualquer proteção para evitarem ser destruídos. Seus mísseis mais sofisticados serão totalmente inúteis.

A Bíblia diz que o que foi atirado ao mar não foi uma grande montanha, mas *"como que"* grande montanha. (Cuidado com o que a Bíblia diz, e com o que ela não diz...)

Terceira trombeta (vv. 10,11). Cursos de água e fontes ficam contaminados. Um terço das águas dos rios e das fontes tornam-se contaminadas.

Quarta trombeta (v. 12). Trevas na terra. Um terço do sol, da lua e das estrelas deixarão de brilhar. Como não ficarão mais apavorados os habitantes da terra diante dessas convulsões cada vez maiores e piores?!

A destruição da terça parte das coisas na terra, continuará no capítulo 9.

No versículo 13, as mais fiéis e mais recentes versões da Bíblia mencionam uma águia voando, e não um anjo. A famosa *"Tradução Brasileira",* se bem que é uma tradução mais literal e mais apropriada para os que estudam a Bíblia, assim o traduz. Igualmente a NIV (New International Version), um primor de versão. A águia é símbolo de julgamento e de vingança em ação. *"Emboca a trombeta. Ele vem como a águia contra a casa do Senhor, porque transgrediram a minha aliança, e se rebelaram contra a minha lei"* (Os 8.1). (Ler também Deuteronômio 28.49 e Habacuque 1.8.)

Quinta e sexta trombetas (cap.9)

O capítulo 9 dá continuação às trombetas de juízo, iniciadas no capítulo 8. Duas trombetas são ouvidas no presente capítulo: a quinta e a sexta. Seguir-se-á um longo parêntese: capítulos 10 e 11, até o versículo 14, vindo depois a segunda metade da Grande Tribulação, os últimos três anos e meio.

1. *A quinta trombeta* (9.1-12). Um incalculável enxame de gigantes gafanhotos infernais invadem a terra e durante cinco meses atormentam os homens, exceto o grupo que recebeu o selo de Deus (v. 4; 7.4; 14.1).

"uma estrela caída do céu na terra..." (v. 1). Trata-se sem dúvida de Satanás. Os detalhes dessa descida dele à Terra, de vez, estão no capítulo 12, onde, no versículo 4, os anjos são chamados "estrelas". Em Juízes 5.20 vemos seres angelicais comparados a estrelas: *"Desde os céus pelejaram as estrelas contra Sísera"*. (Ler também Jó 38.7.) Além do mais, uma estrela comum não pode manusear chave, como está declarado no versículo 1: *"E foi-lhe dada a chave do poço do abismo"*. Essa chave é mantida segura por Jesus, mas por algum tempo Satanás terá permissão de manuseá-la.

Também pode ser que as palavras *"uma estrela caída do céu na terra"* refiram-se a Satanás, quando pecou no princípio, conforme Isaías 14.12 e Lucas 10.18.

"poço do abismo" (v. 1). Região interna e inferior do Hades. Há muitos textos bíblicos que abonam esse fato.

Gafanhotos gigantes e infernais (v. 3). É um tipo de seres infernais. Um tipo de demônios, agentes de Satanás. São fatos literais os aqui descritos. Basta ler com atenção os versículos 4,10. Tudo acontece na terra e com os homens. Quanto ao termo *"escorpiões",* comparar com Lucas 10.19: *"Eis aí vos dei autoridade para pisardes serpentes e escorpiões, e sobre todo o poder do inimigo e nada absolutamente vos causará dano"*.

2. *A sexta trombeta* (Ap 9.13-21). Trata-se de uma cavalaria infernal. Seres demoníacos como os da quinta trombeta. Em consequência do seu ataque morre mais um terço dos homens (vv. 15,18). O número de seres infernais era de 200 milhões, como diz literalmente o original. Quatro anjos infernais liderarão esses demônios. Significa que cada anjo comandará 50

milhões deles. Eles matarão uma terça parte dos homens, não num período de tempo, mas numa hora certa (w. 14-16). Será um caso parecido (em miniatura) com a morte dos primogênitos também numa hora certa. Os gafanhotos infernais da quinta trombeta atacarão durante cinco meses, quando a morte estará presa. Já aqui é diferente. O ataque dessa cavalaria infernal terá hora, dia, mês e ano para matar a terça parte dos homens. Talvez esses quatro anjos infernais estivessem presos junto ao rio Eufrates (v. 14), por terem tomado parte na tragédia da queda do homem, no Jardim do Éden, por onde corria o rio Eufrates (Gn 2.14).

Prelúdio do reino do Anticristo (9.10,21). Nos versículos 20,21 temos uma parte da população da terra, que, apesar dos horríveis cataclismos e castigos divinos, não se arrependeu da sua adoração a ídolos e do culto aos demônios, nem de seus assassinatos, nem de suas feitiçarias. 138

Esses termos abrangem muito mais do que pensamos compreender. Em *"feitiçarias"* estão incluídas todas as formas e ramificações do espiritismo, práticas de ocultismo e magia negra. O termo *"assassínios"* (assassinatos) alude ao clima de violência daqueles dias, mas pode incluir a prática do aborto, já hoje largamente cometido, e já oficializado em muitos países. *"Feitiçarias"* inclui drogas, pois o termo deriva do original *"pharmakéia",* que a princípio se referia a drogas curativas usadas em práticas mágicas e encantamentos.

Notemos que esses cinco fatos estão relacionados entre si: culto a demônios, violência, drogas, imoralidade sexual e roubo. A toxicomania leva ao roubo, à violência e à sexo-mania. Há drogas terrivelmente erotógenas, outras criminógenas e outras alucinógenas, que em segundos põem em desordem todo o mundo mental do indivíduo. E o pior é que esses drogados geram filhos com as mesmas tendências, porque já nascem com o cérebro lesado.

Não temos dúvidas de que Satanás se utiliza agora de drogas de tão terrível poder e efeito a longo prazo, e de igual modo promove abertamente e por toda parte o espiritismo para que de uma maneira mais profunda controle e influencie a formação daqueles que logo mais serão seus súditos. Em suma, o domínio do Anticristo será marcado pela feitiçaria, idolatria, toxicomania, sexomania e outras coisas satânicas. É de fato o reino das trevas. Os homens queriam trevas, então agora terão as trevas.

Sexta Parte

Segunda fase da Grande Tribulação (caps. 10 a 16)

O anjo com o livrinho, e as duas testemunhas.

Temos perante nós mais uma passagem parentética: de 10.1 a 11.13. Dois eventos se destacam nela: um anjo com um livrinho e as duas testemunhas.

Assim como houve um parêntese entre o sexto e o sétimo selos, há outro aqui, entre a sexta e a sétima trombetas. A sexta ecoa em 9.13 e a sétima somente em 11.15. Igualmente há um parêntese entre o sexto e o sétimo selos (16.13-16).

Nos capítulos 10 e 11 tem início a segunda metade da 70ª semana de anos de Daniel 9.27, isto é, seus últimos 3 anos e meio. Há menção disso pela primeira vez em Apocalipse no capítulo 11.2: "quarenta e dois meses". A seguir, o mesmo assunto é mencionado em:

12.6 - *"mil duzentos e sessenta dias"*.

12.14 - *"um tempo, tempos, e metade de um tempo"*.

13.5 - *"quarenta e dois meses"*.

Tudo isso corresponde ao mesmo período citado em Daniel 7.25: *"um tempo, dois tempos, e metade dum tempo"*.

A referência de Apocalipse 11.3: *"mil duzentos e sessenta dias"* é um caso diferente. Trata-se aí do tempo em que as duas testemunhas profetizarão na primeira metade da Grande Tribulação, que também será de 1.260 dias. O estudante precisa ter muito cuidado aqui para não se deixar levar com facilidade. As demais referências acima mencionadas, de 3 anos e meio, referem-se ao reinado manifesto da Besta, na segunda metade da Grande

Tribulação, mas a de 11.3 trata da pregação das duas testemunhas. A dificuldade (ou facilidade de engano) é por causa da duração do tempo ser idêntica: três anos e meio.

1. *Versículo 4. "Guarda em segredo as coisas que os sete trovões falaram, e não as escrevas."* A única parte do Apocalipse que foi selada e ficou em segredo foi o que estes trovões falaram. E não adianta ninguém especular...

2. *Versículo 7. "cumprir-se-á, então, o mistério de Deus..."* O mistério porque Deus permitiu que Satanás causasse a queda do homem, trazendo ao mundo o pecado, a miséria, e a morte. O mistério da tolerância de Deus para com o mal. O mistério da retribuição: o ímpio persegue e prejudica o justo e, aparentemente, fica por isso mesmo. Um dia tudo isso terá explicação. Quem não tiver paciência para esperar até lá, peça-a a Deus. O relógio divino não anda pelo nosso. Em 1 Coríntios 4.5 vemos que um dos propósitos da vinda de Jesus é tornar claro os mistérios que hoje tanto nos intrigam.

3. *O livrinho. "A voz que ouvi, vinda do céu, estava de novo falando comigo e dizendo: Vai, e toma o livro que se acha aberto na mão do anjo em pé sobre o mar e sobre a terra."* Esse livrinho deve ser o mesmo do capítulo 5: *"ele será amargo no teu estômago, mas na tua boca, doce como mel"* (v. 9). Amargo no estômago devido aos sofrimentos contidos no livro. Doce na boca por causa das boas-novas do estabelecimento em breve do reino de Deus na Terra.

4. *A experiência de João* (10.10,11). A experiência de João, na sua visão, comendo o livrinho, faz-nos lembrar uma igual experiência do profeta Ezequiel noutra visão. 142

(Ler Ezequiel 2.8-10; 3.1-3.) O propósito dessa experiência de João foi sem dúvida o descrito no versículo 11: *"Então me disseram: É necessário que ainda profetizes a respeito de muitos povos, nações, línguas e reis"*. E isto foi-lhe dito depois que comeu o livro. Daniel teve também um preparo especial, conforme está descrito no capítulo 10 do seu livro, para receber a sua última e grande visão que se estende daí até o capítulo 12, sobre o final *dos tempos.*

5. A captura de Jerusalém pelo Anticristo (11.1,2). "Foi-me dado um caniço semelhante a uma vara, e também me foi dito: Dispõe-te, e mede o santuário de Deus, e seu altar, e os que naquele adoram" (v. 1). Isto é uma evidência de que o templo dos judeus já estará então reconstruído. (Ler Mateus 24.15 e 2 Tessalonicenses 2.4, em abono disso.)

O ato de medir, na Bíblia, fala de castigar:

"Intentou o Senhor destruir o muro da filha de Sião; estendeu o cordel; não retirou a sua mão destruidora..." (Lm 2.8). *"Também derrotou os moabitas; fê-los deitar em terra e os mediu; duas vezes um cordel, para os matar; e uma vez um cordel, para os deixar com vida. Assim ficaram os moabitas por servos de Davi, e lhe pagavam tributo"* (2 Sm 8.2). *"Falou Deus na sua santidade: exultarei: dividirei Siquém, e medirei o vale de Sucote"* (SI 60.6).

6. *As duas testemunhas* (11.3-13). Serão dois homens, talvez Enoque e Elias. Ambos não morreram (Gn 5.24; 2 Rs 2.12), e está ordenado aos homens que morram uma só vez (Hb 9.27). O caso não é muito relevante para nós da Igreja do Senhor, porque quando as duas testemunhas atuarem aqui, a Igreja já estará com Cristo na Glória. Nosso conselho aos salvos, tendo em vista as duas testemunhas é o que está em Hebreus 2.1: *"Por esta razão, importa que nos apeguemos, com mais firmeza, às verdades ouvidas, para que delas jamais nos desviemos"*. Isto é, as verdades bíblicas a partir da salvação (Hb 2.3).

As duas testemunhas ministrarão na terra na primeira metade da Grande Tribulação. O versículo 3 declara: *"Darei poder às minhas duas testemunhas para que profetizem por mil duzentos e sessenta dias..."* Isto equivale, como já mostramos, a 3 anos e meio.

7. *A cidade e o terremoto* (11.13). *"Naquela hora, houve um grande terremoto e ruiu a décima parte da cidade, e morreram nesse terremoto sete mil pessoas, ao passo que as outras ficaram sobremodo aterrorizadas, e deram glória ao Deus do céu."*

A cidade é Jerusalém, onde está o templo citado no versículo 1. O terremoto tem sido uma forma de expressão de julgamento divino. No livro de Apocalipse, quando os juízos de Deus são derramados sobre a terra, não podiam faltar os terremotos. Há cinco deles mencionados, e alguns no plural (6.12; 8.5; 11.13; 11.19; 16.18 - Concordância Analítica de Young). A história dos terremotos fornecida pelos grandes observatórios mostra que de um século para o seguinte aumenta terrivelmente a cifra deles. Por exemplo: o século XVIII teve mais 262 terremotos do que o século XVH. Por sua vez, o século XIX teve mais 1.479 do que o século XVIII.

A sétima trombeta, a mulher e o dragão (caps. 11.15-19;12)

Prossegue aqui o capítulo 11. O parêntese que teve início em 10.1 vai até 11.14, terminando com o anúncio do segundo ai. O primeiro ai ocorre em 8.13. O terceiro em 12.12, no tempo da sétima trombeta, que tem início em 11.15. Terminada a missão das *"duas testemunhas"* seguem-se:

1. *A sétima trombeta* (11.15-19). Esta trombeta ecoa no início da segunda metade da Grande Tribulação. Ela corresponde, em parte, a Mateus 24.15-31, no sermão profético do monte das Oliveiras.

Alguns estudiosos pensam que esta sétima trombeta é equivalente à *"última trombeta"* de 1 Coríntios 15.52. Esta de que estamos tratando é a última de uma série de sete ligadas aos gentios e judeus, ao passo que a *"última"* de 1 Coríntios 15.52 tem a ver exclusivamente com a Igreja, por ocasião do seu arrebatamento, muito antes- da Grande Tribulação.

Ademais, esta trombeta de 11.15 é a última desta série de eventos do Apocalipse, mas haverá outra trombeta depois desta, destinada exclusivamente a Israel. (Ver Mateus 24.31, observando com atenção a ocasião em que ela é tocada.) Malaquias é também um último livro, mas de uma série de 39 livros do Antigo Testamento, João é o último de uma série de quatro Evangelhos.

Voltando à sétima trombeta, vemos, no versículo 18, as nações amotinadas, o Milênio até o seu final, a ressurreição dos mortos ímpios e o julgamento do Grande Trono Branco. (Ler os versículos 17,18.)

O versículo 19 não pertence propriamente ao capítulo 11, mas ao 12, entretanto, vamos abordá-lo aqui por não trazer por isso qualquer inconveniente: *"Abriu-se, então, o santuário de Deus que se acha no céu, e foi vista a arca da aliança no seu santuário, e sobrevieram relâmpagos, vozes, trovões, terremotos, e grande saraivada"*.

"O santuário de Deus que se acha no Céu" (11.19). Muitos estudantes descuidados e apressados, quando comparam estas palavras com o capítulo 21.22, onde se diz que João não viu nenhum santuário na sua visão celestial, esquecem, ou não procuram ver que aqui em 11.19, trata-se do Céu, enquanto

em 21.22 trata-se da Jerusalém celeste, a qual João viu que descia do Céu, em 21.2. Ela é a cidade dos santos, preparada pelo Senhor; é o lar dos remidos. Nela não existe templo, mas no Céu, a habitação de Deus, sim, como vemos aqui no versículo 19.

"foi vista a arca da aliança no seu santuário" (11.19). Há quem pense que a arca que foi colocada no Santo dos Santos do tabernáculo e no templo de Jerusalém, e que desempenhou papel religioso muito importante na história do povo escolhido, foi milagrosamente transportada para o Céu e vista aqui por João. Estão muito enganados os que pensam assim, porque as peças do tabernáculo eram tão-somente uma espécie de cópia de seus originais existentes no Céu. (Ler Hebreus 9.23.)

2. *A mulher vestida do sol e o dragão devorador* (12.1-17).

"Viu-se um grande sinal do céu" (v. 1). Trata-se de sinal, isto é, símbolo: não realidade. A mulher é símbolo de 146

Israel. Miguel é o anjo que luta por Israel. O grande dragão vermelho é o Diabo.

O conflito dos séculos. (12.2-4). É a luta do Diabo, tudo fazendo para que o Messias não viesse ao mundo. Esse conflito vemo-lo de Gênesis aos Evangelhos. Momentos houve em que parecia que o inimigo tinha ganhado a batalha. As cinco piores ocasiões na história de Israel foram: 1) na apostasia do bezerro de ouro, quando apenas uma tribo ficou leal a Deus (a de Levi); 2) no caso da corrupção moral de Israel, em Sitim, durante a peregrinação no deserto, por conselho de Balaão; 3) no caso do pecado de Davi, com o qual Deus fizera aliança quanto ao nascimento do futuro Messias; 4) no caso do livro de Ester, quando houve um plano para exterminar todos os judeus; 5) no caso de Belém, quando o rei Herodes decretou a matança dos inocentes, para naquele meio, Jesus ser morto. Em todos esses momentos críticos o inimigo perdeu a batalha. Por fim, numa noite, os anjos anunciaram o nascimento do Salvador, o qual caminhou resoluto em direção ao Calvário, onde, por fim, bradou agonizante, mas triunfantemente: *"Tudo está consumado!"* Aleluia!

Versículo 3. O dragão com sete cabeças. Isso fala de sua plenitude de astúcia. Sete chifres representam seu imenso poderio. Sete diademas, seu domínio. O dragão era vermelho, que é a cor do sangue e do fogo. Isso indica, como sabemos, que ele é o provocador de mortes, guerras, intrigas, contendas

e tensões individuais e coletivas, quentes como o fogo e que terminam explodindo. (Ler Gênesis 4.5,8, comparando com 1 João 3.12.)

Versículo 4. "a terça parte das estrelas do céu". Isto re-fere-se aos anjos que caíram com Lúcifer, conforme Isaías 14.12 e Ezequiel 28.16. Muitas referências na Bíblia apontam os anjos como estrelas. Exemplo: Juizes 5.20; Jó 38.7; 25.5; Isaías 14.13, etc. *"A sua cauda arrasta a..."* É conhecida a grande força que a serpente e outros répteis, como o jacaré, têm na cauda. Os animais pre-históricos do tipo réptil tinham gigantesca força nas suas caudas para ataque e defesa. O termo dragão significa animal monstruoso; serpente gigantesca. O dragão no versículo 3 figura o Diabo, e é chamado serpente em 12.9. O termo no original deriva de um verbo que significa ver de modo penetrante.

Versículo 6. "A mulher, porém, fugiu para o deserto, onde lhe havia Deus preparado lugar para que nele a sustentem durante mil duzentos e sessenta dias." Comparando-se o final do versículo 5 com o versículo 6 nota-se que na narrativa não há qualquer intervalo de tempo entre a ascensão de Jesus ao Céu e a fuga de Israel para o deserto. É que com a ascensão de Jesus para o Céu (v. 5), teve início o intervalo de tempo da Igreja, entre a 69ª e a 70ª semanas de Daniel, conforme mostramos no nosso comentário sobre o assunto. Aqui em Apocalipse 12 a Bíblia está tratando de Israel somente. O tempo da Igreja findou a partir do momento em que ela foi arrebatada. Por esta razão nada é * dito aqui sobre o intervalo de tempo da Igreja.

Do mesmo modo, quando a Bíblia trata de Israel nas setenta semanas, não menciona a Igreja, pois sabemos que há um longo intervalo entre a 69ª e a 70ª semanas. A única tênue indicação que temos no período da Igreja ali, é a expressão *"até o fim"*, período esse que já vai para quase 2.000 anos. É que nas setenta semanas Deus está tratando com Israel, e não com a Igreja.

"A mulher, porém, fugiu para o deserto". Isto é reafirmado no versículo 14. A duração do tempo é também reafirmada ali: 3 anos e meio. Em Daniel 12.1, versando sobre a Grande Tribulação, diz: *"Naquele tempo será salvo o teu povo".* Isto é uma alusão ao mesmo assunto tratado aqui no capítulo 12 de Apocalipse sobre o escape de Israel para o deserto sob a perseguição destruidora do Diabo. Também em Daniel 11.41 está escrito que, quando do ataque do rei do Norte, no *"tempo do fim"*, escaparão Edom, Moabe e Amom, regiões que atualmente integram o território da Jordânia. Serão milagrosamente poupados para que ali se abriguem os fugitivos de Israel.

Jesus falou dessa fuga de Israel para o deserto em Mateus 24.16-22, e no versículo 15 Ele deu o sinal indicador para a fuga: *"Quando, pois, virdes o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel, no lugar santo (quem lê entenda), então os que estiveram na Judéia fujam para os montes"*. Este *"abominável da desolação"* deve ser a imagem do Anticristo colocada por ele mesmo no lugar santo do templo (já reconstruído) para ser adorada pelos judeus. O Anticristo será então uma personificação do Diabo. Um falso messias e salvador, imitando assim o Senhor Jesus Cristo.

Versículo 7. Miguel é mais uma vez mencionado como o anjo guardião de Israel. Ele é citado diretamente cinco vezes na Bíblia e sempre em conexão com Israel (Daniel 10.13,21; 12.1; Judas v.9; Apocalipse 12.7). Há uma menção de *"voz de arcanjo"* em 1 Tessalonicenses 4.16, por ocasião do arrebatamento da Igreja, mas isso pode não ser uma menção dele, porque, tanto *"voz"* como *"arcanjo"* são no original substantivos sem o artigo. A tradução mais fiel é a que está na Versão de Almeida Corrigida (ARC): *"com voz de arcanjo"*, e não como está na Almeida Atualizada: "a voz do arcanjo". Ora, até o artigo gramatical é inspirado no original. Em Gálatas 3.16 está dito que as promessas divinas não foram feitas *"aos"* descendentes de Abraão, mas *"ao"* descendente, que é Cristo. Então é preciso muito cuidado com essas partículas originais.

Versículo 9. Sobre Satanás muita coisa é revelada aqui. Seus principais títulos aparecem neste versículo, e no 10: 1*) "dragão"*; que fala de truculência, brutalidade, violência, crueldade; 2) *"antiga serpente"*, palavra que nos leva às tramas e intrigas dos primórdios da raça humana, quando Adão e Eva ainda habitavam no Jardim do Éden, conforme se vê em Gênesis 3.1-7; 3) *"diabo"* termo que significa acusador, caluniador, e vem de um verbo que quer dizer jogar de um lado para outro, fuxicar, fomentar intrigas, tentar, provocar; 4) *"Satanás"*, que significa adversário, aquele que sempre se opõe; é termo hebraico, enquanto diabo é grego, talvez significando que para judeus e gentios está chegando o tempo do confinamento do príncipe das trevas; 5) *"sedutor"*, por ser uma das suas atividades principais enganar, iludir, trapacear, falsificar (apresentar o falso como verdadeiro), imitar, mistificar; isso é o que ele faz em todas as áreas e esferas, tanto individualmente como em grupos; faz até com que nos enganemos a nós mesmos (1 Jo 1.8), pois sua primeira atividade registrada entre os homens foi a de enganar nossos primeiros pais, afirmando-lhes que seriam como Deus (Gn 3.5), e sua última atividade registrada na Bíblia é enganando as nações após o Milênio para que sejam

destruídas (Ap 20.7,8); 6) *"acusador"* (v. 10); ele acusa Deus diante dos homens, os homens diante de Deus, e os homens perante uns os outros. Às vezes ele nos acusa através da nossa consciência, da nossa mente, da nossa memória. Pela fé no sangue expia-dor do Cordeiro de Deus e firmados nas promessas da Palavra, podemos resistir a ele e vencê-lo (v. 11; Tg 4.7; 1 Pe 5.8,9).

Versículo 15. "Então a serpente arrojou da sua boca, atrás da mulher, água como um rio, a fim de fazer com que ela fosse arrebatada pelo rio". Isso representa uma grande e destruidora perseguição. Água aí tem a ver com homens, tropas certamente. (Ler Salmos 18.4 e 93.3,4 onde vemos isso. Tem o mesmo sentido a palavra *"dilúvio"* em Daniel 9.26.)

Versículo 16. "A terra, porém, socorreu a mulher; e a terra abriu a boca e engoliu o rio que o dragão tinha arrojado de sua boca". Isso já aconteceu no passado quando a terra se abriu e engoliu vivos os rebeldes que se levantaram contra Moisés (Nm 16. 31-33).

Versículo 17. - Quem são os *"restantes"* mencionados neste versículo? - São judeus, o *"restante da sua descendência"*, que creram pelo testemunho dos 144.000, e que estarão na terra de Israel.

As duas bestas (cap.13)

O Anticristo e seu falso profeta.

Tanto o Anticristo como o seu profeta aparecem aqui no capítulo 13, sob a figura de duas bestas. O Anticristo é a besta que sobe do mar em 13.1. O Falso Profeta é a besta que sobe da terra em 13.11. O Anticristo é assim chamado por duas razões. Ele se opõe a Cristo no sentido de resistir e hostilizar. Mas também se chama assim porque procura imitar a Cristo no seu papel de redentor.

Satanás estará na terra já durante a primeira metade da 70ª semana, mas não se revelará como o Anticristo até a metade da semana, quando cancelará sua aliança com Israel. As duas testemunhas profetizarão durante a primeira metade da semana, quando ele as perseguirá e as matará. É provável que nesse tempo a Besta coloque sua imagem no templo, já reconstruído em Jerusalém e exija adoração à sua pessoa.

A segunda besta ou o Falso Profeta procura imitar o Espírito Santo, como veremos ao estudarmos sobre ela neste mesmo capítulo.

l. *A besta que subiu do mar - o Anticristo* (13.1-10).

Versículo 1. "uma besta". A palavra usada no original indica animal selvagem. Isso mostra o caráter bestial, animalesco, baixo e vil do Anticristo, quando ele se manifestar abertamente. *"Dez chifres... e sobre os chifres, dez diademas"*, o que indica a sua procedência satânica, pois o dragão aparece em 12.3 com sete cabeças e dez chifres. Mas há uma diferença entre os dois. Os diademas do dragão estavam nas cabeças (12.3), e os da besta nos chifres (13.1). Deste modo, os diademas do dragão eram sete, é os da besta dez. O profeta Daniel viu esse animal sob outro ângulo, porém tinha também sete cabeças e dez chifres (Dn 7.23,24).

Versículo 2. Aqui temos o que podemos chamar um retrato da besta: Parecida com leopardo, com pés de urso e boca de leão. Isso nos leva ao capítulo 7 de Daniel. Ali o leopardo é a Grécia; o urso é a Pérsia e o leão é Babilônia. O leopardo fala de rapidez; o urso, de força e o leão, de soberba. Certamente isso também significa que o domínio da besta será caracterizado por princípios que predominaram em Babilônia, na Pérsia e na Grécia e

também no Império Romano, porque os dez chifres, como veremos logo mais, figuram uma expressão última daquele império. *"E deu-lhe o dragão o seu poder"*. Assim, temos no início do capítulo a revelação de uma trindade satânica operando nesse tempo: o Dragão, que procura imitar Deus; a Besta, que imita o Senhor Jesus; e o Falso Profeta (a segunda besta), que imita o Espírito *Santo. Que dias tenebrosos serão esses!*

Versículo 5. O domínio da Besta será de 3 anos e meio. *"Quarenta e dois meses"*, diz o versículo. *"Foi-lhe dada uma boca que..."* A Besta terá inigualável habilidade de influenciar as massas à ação com seus discursos inflamados. Com os modernos meios de comunicação por satélites, alcançará o mundo todo com sua demagogia saturada de poder maligno.

Versículo 7. Os "santos" aqui são aqueles que crerão durante a Grande Tribulação: judeus e gentios. Eles morrerão como mártires. A superigreja mundial encabeçada pelo Falso Profeta matará nesse tempo muito dos santos. Apocalipse 17.6: *"Então vi a mulher embriagada com o sangue dos santos e com o sangue das testemunhas de Jesus..."*

Versículo 8. "dó Cordeiro que foi morto, desde a fundação do mundo". Significa que cada cordeiro que era imolado como sacrifício no Antigo Testamento, desde o primeiro que Abel imolou (Gn 4.4), era uma prefiguração do Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (Jo 1.29). Portanto, Cristo e sua obra redentora é o tema central das Escrituras. Em 1 Pedro 1.20 confirma isto: "conhecido, com efeito, antes da fundação do mundo, porém manifestado no fim dos tempos, por amor de vos".

2. *A besta que subiu da terra - o Falso Profeta* (13.11-18). Ele é chamado por esse nome em três lugares do Apocalipse: 16.13; 19.20; 20.10.

Versículo 11. "possuía dois chifres". O chifre é símbolo de poder em qualquer sentido. Podem indicar seu poder político e religioso, pois no versículo 12 está dito que ela exerce a autoridade da primeira besta e compele todos à adoração da primeira besta, *"parecendo cordeiro, mas falava como dragão"*. A segunda besta é descrita como cordeiro, o que indica o seu caráter religioso, que é confirmado pelo seu título *"falso profeta"*. Profeta de quê? Só pode ser uma falsa religião.

Versículos 12,13. A leitura desses versículos mostra que haverá muita religiosidade naqueles dias. O versículo 13 indica que será um período de muitos milagres. Porém em 2 Tessalonicenses 2.9, o Espírito Santo, falando

por meio de Paulo, diz: *"Ora, o aparecimento do iníquo é segundo a eficácia de Satanás, com todo o poder, e sinais e prodígios da mentira"*. Portanto, serão como sempre, milagres falsos, como acontece hoje em dia no espiritismo. Quando, por meio do espiritismo, o demônio sai de uma pessoa, muitos outros ficam doentes. O que acontece lá não é cura nem libertação, é um acordo entre os demônios, mas sempre com prejuízo do ser humano escravizado.

É a operação do erro, para crerem na mentira, como está escrito em 2 Tessalonicenses 2.11.

O Falso Profeta será, pois, um superlíder religioso. Pelos versículos 12 e 15 vê-se que ele promoverá uma religião universal em torno da primeira besta. O movimento religioso do ecumenismo já bem configurado por toda parte, visando unir todas as igrejas, e aceitando pessoas de todas as procedências religiosas (bastando que *"creiam"* em Deus) está aí. O palco já está armado; só faltam os atores para o drama...

Versículo 15. A imagem da Besta falará. Sim, falará como atualmente os demônios falam através dos médiuns espíritas.

Versículos 16-18. O nome e o número da Besta. Será fácil saber isto pelos que estiverem aqui quando a Besta surgir no cenário mundial. Para nós, os salvos, aguardamos o arrebatamento da Igreja, muito antes da manifestação desse Anticristo. *"Número de homem"* (v. 18). A Besta não será o Diabo, nem um homem ressuscitado, masi um homem personificando o Diabo. Três coisas são ditas dela, no versículo 17: sua marca, seu nome, e seu número.

O número "666" é número de homem ou humano (v. 18). O homem foi criado no sexto dia. Ao homem foi determinado que trabalhe seis dias na semana. O escravo hebreu servia por seis anos de cada vez. O homem cultivava a terra por seis anos de cada vez. Encontramos o número "666" no Antigo Testamento, mas sem qualquer relacionamento com o da Besta (1 Rs 10.14; 2 Cr 9.13). Muitos, através dos tempos, têm encontrado o número "666" nos nomes de muitas personagens da história, mas tudo não passa de especulação.

Conclusão sobre as duas bestas. Estes dois homens de que acabamos de tratar representam dois grandes movimentos mundiais nos últimos dias dos tempos dos gentios: uma confederação de nações para fins políticos, e uma confederação (também mundial) de igrejas para fins religiosos.

Observando com atenção a profecia, vemos que os tempos dos gentios começaram com a adoração compulsória de uma imagem idolátrica (Dn 3), e findarão, como acabamos de ver, com a adoração, também compulsória, de uma imagem, desta vez, da Besta, o último governante mundial dos tempos dos gentios.

Os sete eventos (cap. 14)

O capítulo 14 de Apocalipse é todo parentético. São afirmações do triunfo final de Cristo e do julgamento dos ímpios. Dos sete eventos nele contidos, seis são visões. O evento restante consiste de uma mensagem celestial ouvida por João (v. 13). A primeira visão é a de um grupo de remidos felizes, sobre o monte Sião (vv. 1-5). As cinco visões restantes são de eventos executados por anjos. Em todo o livro de Apocalipse é intensa a atividade dos anjos como mensageiros, interventores, e executores das providências divinas.

Em resumo, os sete eventos são:

• Um grupo de remidos triunfantes no monte Sião (vv. 1-5).

• Um anjo proclamando um evangelho eterno (vv.6,7).

• Um anjo anunciando a queda de Babilônia (v. 8).

• O julgamento dos adoradores da Besta (9-12).

• Mensagem da bem-aventurança dos mortos no Senhor (v. 13).

• A ceifa dos gentios (vv. 14-16).

• A ceifa de Israel (vv. 17-20).

1. *Os remidos triunfantes no monte Sião* (14.1-5). *"O-lhei, e eis o Cordeiro em pé sobre o monte Sião, e com ele cento e quarenta e quatro mil, tendo nas frontes escrito o seu nome e o nome de seu Pai"*. Sião é um dos nomes simbólicos do Céu. (Ler Hebreus 12.22,23.) Quase sempre que Deus menciona Sião na Bíblia, Ele demonstra grande amor e afeição. Isso é muito significativo nesta visão, onde ocorre a única menção de Sião no Apocalipse. Esses santos da visão já estão livres de tribulação. Eles estão no Céu, *"diante do trono, diante dos quatro seres viventes, e dos anciãos"* (v. 3). Ora, os seres viventes de que já tratamos no capítulo 4, permanecem no meio e à volta do trono de Deus, no Céu. Esses 144.000 são "primícias" de Israel para Deus e para o Cordeiro (v. 4). Trata-se, pois, do mesmo grupo de 144.000 judeus selados, visto na Terra, no capítulo 7. Uma das evidências disso é que no capítulo 7 a história deles está incompleta, sendo completada aqui.

"não se macularam com mulheres" significa que não praticaram religiões falsas; não fizeram parte da igreja falsa, "porque são castos". Isso tem o sentido espiritual. Tanto no Antigo como no Novo Testamento a prática de religiões falsas, bem como a união de uma igreja com o mundo é chamada de infidelidade espiritual ou prostituição. Em Mateus 25.1,2 temos a cristandade representada sob a forma de dez virgens, cinco prudentes e cinco loucas. (Ler também Tiago 4.4.)

2. *Um anjo proclamando um evangelho eterno* (14.6,7). (Ler os versículos.) Trata-se de um anjo, mensageiro da misericórdia de Deus, mesmo em meio aos juízos daqueles dias. Deus chama pela última vez ao arrependimento os habitantes da terra, que naquela época não serão tantos como se pensa, dizimados que foram pelos juízos anteriores. Dissemos atrás que Deus nunca ficou sem testemunho, e naqueles últimos dias o testemunho angelical se ouvirá na terra, tendo como púlpito os céus: *"Vi outro anjo voando pelo meio do céu..."* (v. 6). Pela leitura do versículo 7 vê-se que o anjo anuncia as boas-novas (o significado da palavra *"evangelho"*) do estabelecimento, afinal, do reino de Deus entre os homens. Chegou a hora do juízo para que seja inaugurado o reino do Filho de Deus. No remoto passado, antes do juízo do Dilúvio, o grande pregador Noé anunciou a salvação através da arca (1 Pe 3.20; 2 Pe 2.5). Ninguém se voltou para Deus com a pregação de Noé. Talvez aqui em Apocalipse 14.6,7 aconteça o mesmo, ainda que os anjos preguem.

A mensagem do anjo, como se observa, não é a do Evangelho da graça de Deus que fora pregado pela Igreja. É a boa-nova milenar anunciada pelos patriarcas e profetas de que o mal teria um dia o seu fim e o reino literal de Deus seria estabelecido na terra. É o *"evangelho do reino"* anunciado por João Batista (Mt 3.2), e logo a seguir por Jesus (Mt 4.23). Será pregado aqui na terra durante a Grande Tribulação (Mt 24.15). Por revelação divina, o Salmista já falava disto nos seus dias. (Ler Salmos 96.9-13.)

3. *Um anjo anuncia a queda de Babilônia* (14.8). *"Seguiu-se outro anjo, o segundo, dizendo: Caiu, caiu a grande Babilônia que tem dado a beber a todas as nações do vinho da fúria da sua prostituição."* A referência aqui é à futura cidade de Babilônia. (Ler Apocalipse 18.2,9.). Disso trataremos na abordagem do capítulo 18. O *"vinho da fúria da sua prostituição"* são os falsos ensinos religiosos partidos dali.

4. *O julgamento dos adoradores da Besta* (14.9-12). Aqui um anjo anuncia o juízo mais severo possível que está para cair sobre cada um dos seguidores da

Besta, *"será atormentado com fogo e enxofre"* (v. 10). Fogo e enxofre são símbolos de tormento inexprimível. O Senhor já fez isso uma vez sobre Sodoma e Gomorra e as demais cidades da campina do Jordão (Gn 19.24.25).

5. Mensagem da bem-aventurança dos mortos no Senhor (14.13). As verdades deste versículo mostram que nas terríveis circunstâncias daqueles dias, inclusive as densas trevas espirituais, será melhor morrer do que viver. Os crentes que porventura escaparem com vida durante a Grande Tribulação ingressarão no reino terrenal de Cristo. Os que morrerem pela sua fé irão estar com o Senhor. Serão bem-aventurados, pois.

6. A ceifa dos gentios (14.14-16). A esta altura dos acontecimentos, o agrupamento das nações em Armagedom está às portas. (Ver 16.16 combinado com 19.19.) Aqui temos uma antevisão daquela cena indescritível! O ceifeiro é justo, pois é visto sentado numa nuvem branca, cor esta que indica pureza e justiça. O juízo ou julgamento é também justo porque o Juiz julga calmamente. Ele está sentado sobre a nuvem (v. 14). Esta ceifa mostrada aqui a João é a das nações gentílicas.

Jesus falou disso quando disse: *"Pois, assim como o joio é colhido e lançado ao fogo, assim será na consumação do século. Mandará o Filho do homem os seus anjos que ajuntarão do seu reino todos os escândalos e os que praticam a iniquidade. E os lançarão na fornalha acesa; ali haverá choro e ranger de dentes"* (Mt 13.39-42).

"choro" tem a ver com o padecimento dos perdidos; *"ranger de dentes"* tem a ver com a ira deles, que arderá por dentro.

Em 13.49 de Mateus, Jesus voltou a falar sobre essa ocasião, dizendo: *"Assim será na consumação do século: Sairão os anjos e separarão os maus dentre os justos"*.

7. *A ceifa de Israel* (Ap 14.17-20). A ceifa anterior foi geral; foi das nações, mas esta aqui é a vindima (como está na Versão ARC em 14.18). Trata-se da ceifa só da videira, das uvas. No Antigo Testamento a nação de Israel é mencionada muitas vezes como a videira do Senhor. (Ler Oseías 10.1; Salmo 80.8-15; Jeremias 2.21; Joel 1.7.) Esta videira ou vinha é o Israel apóstata na época destes juízos. (Vede o que diz o Senhor em Jeremias 2.21: *"Eu mesmo te plantei como vide excelente, da semente mais pura; como, pois, te tornaste para mim uma planta degenerada, como de vide brava?"* A mesma coisa diz o Senhor por meio do profeta Isaías 5.1-7. Moisés, no último cântico, teve a mesma revelação do futuro juízo de Israel. Ler também Deuteronômio 32.32-35.)

Aqui, em Apocalipse 14.18,19, o anjo que saiu do altar, chama essa videira não mais de videira de Deus, mas de videira da terra, duas vezes. Na parábola dos lavradores maus (Mt 21.33-40), Jesus alertou a nação de Israel sobre a sua decadente situação espiritual.

Versículo 18. *"as suas uvas estão amadurecidas"*. Literalmente isso significa uvas secas, no original. É o princípio da medida cheia para juízo, visto em Gênesis 15.16; Mateus 23.32; 1 Tessalonicenses 2.16. Sobre isso diz Deus ainda em Joel 3.13: *"Lançai a foice, porque está madura a seara; vinde, pisai, porque o lagar está cheio, os seus compartimentos transbordam; porquanto a sua malícia é grande"*.

Versículo 20. "E o lagar foi pisado fora da cidade, e correu sangue do lagar até os freios dos cavalos, numa extensão de mil e seiscentos estádios." É linguagem simbólica, porque lagar aí não é lagar literal, como está claro no contexto. E o *"sangue"* é do lagar, isto é, das uvas. Isto é explicado noutras partes da Bíblia, como Gênesis 49.11: *"Lavará as suas vestes no vinho e a sua capa em sangue de uvas."* Também em Deuteronômio 32.14: *"E bebeste o sangue das uvas, o mosto"*.

Conclusão sobre as duas ceifas (14.14-16 e 17-20):

a. Na ceifa propriamente dita (vv. 14-16) os produtos são separados uns dos outros, mas na vindima (vv. 17-20), só as uvas entram em questão. Na Bíblia, Israel é sempre contado à parte como nação. *"Eis que é povo que habitará só; e não será reputado entre as nações" (Nm 23.9). "Eu sou o Senhor vosso Deus, que vos separei dos povos"* (Lv 20.24).

b. Estas duas ceifas - a dos gentios e a de Israel - não são ceifas de santos para o Céu, mas de ímpios para o justo juízo, como acabamos de mostrar escrituristicamente.

c. Sete vezes nos versículos 14-19 é mencionada a palavra foice, o que destaca a magnitude dessa ceifa final. Está aí uma prova de que o dia de Deus chegará. Nos Salmos e nos Profetas encontramos repetidas vezes a pergunta do povo de Deus: *"Até quando, ó Senhor?"*, querendo dizer: *"Quando intervirás nesse estado de coisas? quando repreenderás de vez o mal? Quanto retribuirás ao ímpio?"* (Ler Salmo 10.1; 4.2; 13.2; 94.3,4.) Chegou afinal, o dia da resposta divina!

Os sete últimos juízos (caps.15,16)

Os capítulos 15 e 16 de Apocalipse descrevem os sete últimos juízos divinos sobre um mundo que durante os muitos milênios de sua história sempre acumulou pecado sobre pecado contra Deus até transbordar a medida da ira divina contra o mal.

Haverá convulsões em toda a Natureza. As forças agregadoras resultantes das leis que governam os céus entrarão em desordem. "Logo em seguida à tribulação daqueles dias, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento e os poderes dos céus serão abalados" (Mt 24.29). Será o cumprimento de Ageu 2.6 e Hebreus 12.26. É interessante notar as muitas vezes em que os céus são mencionados como palco de tremendos eventos nos capítulos 16 a 18 de Apocalipse.

CAPÍTULO 15 - OS SETE ANJOS COM AS SETE ÚLTIMAS PRAGAS

1. *Versículos 1-4* - Estes versículos constituem uma passagem parentética. Introduzem os sete anjos com as sete últimas pragas ou flagelos para lançar tudo sobre a terra: "Vi no céu outro sinal grande e admirável, sete anjos tendo os sete últimos flagelos, pois com estes se consumou a cólera de Deus" (v. 1). Cumprir-se-ão então as muitas profecias das Escrituras sobre o dia da retribuição dos maus, "se de fato é justo para com Deus que Ele dê em paga retribuição aos que vos atribulam" (2 Ts 1.6). Se isto pode ser dito a respeito da Igreja, que se dirá de Israel? São fatos tão certos que o versículo 1 emprega o verbo consumar no tempo pretérito: "consumou". Só Deus se pode expressar assim.

2. *Versículo 2*. Vemos aqui uma multidão de salvos, no Céu, saídos da Grande Tribulação. Selaram sua fé com o seu sangue, como mártires.

3. *Versículo 3. "O cântico de Moisés"*, e o *"cântico do Cordeiro"*. O cântico de Moisés, segundo Êxodo 15, é o cântico da vitória sobre o inimigo. Esses aqui são vencedores da Besta (v. 2). "O cântico do Cordeiro" é o cântico da redenção, pois trata-se do Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.

4. *Versículo 5. "Depois destas coisas"*. Aqui fecha-se o parêntese e a marcha dos acontecimentos dos selos e das trombetas, interrompida em 11.19, é

reiniciada. *"Santuário"*, neste versículo é uma palavra que no original corresponde ao compartimento mais interior do tabernáculo, denominado Santo dos Santos (em grego, naós). Cremos tratar-se da habitação literal de Deus e dos anjos. Duas palavras predominantes no Apocalipse são santuário e trono. Elas aparecem a cada passo do livro. Aí está a origem e a segurança da nossa salvação, e o governo do universo. Esse trono é hoje para a Igreja um *"trono de graça"* (Hb 4.16), pela mediação do nosso sumo sacerdote, o Senhor Jesus, mas nesse tempo será um trono de juízo para os ímpios.

5. *Versículo 7.* Vemos neste versículo que os *"seres viventes"* não só proclamam a santidade de Deus, como está provado em 4.8, mas também são executores da justiça divina. Aqui eles entregam aos sete anjos as sete últimas pragas a serem derramadas sobre a Terra.

6. *Versículo 8. "Ninguém podia penetrar no santuário, enquanto não se cumprissem os sete flagelos dos sete anos".* Chegou o momento em que não se podia mais fazer intercessão pelos transgressores. Glória a Deus, que Ele, por sua graça e misericórdia, já nos salvou! Permaneçamos firmes nele, porque está escrito que *"Os ímpios serão lançados no Inferno e todas as gentes que se esquecem de Deus"* (SI 9.17 - ARC).

CAPÍTULO 16 - AS SETE ÚLTIMAS PRAGAS

Os juízos das trombetas, que precederam os das sete taças contendo as sete últimas pragas, foram, até certo ponto, de alcance limitado. Deles está escrito que atingiram a terça parte da terra, do mar, das fontes, rios, sol, lua, e estrelas. Mas estes juízos das sete taças atingem a terra inteira. *"Ouvi, vinda do santuário, uma grande voz, dizendo aos sete anjos: Ide, e derramai pela terra as sete taças da cólera de Deus".*

A primeira praga (16.2). Úlceras malignas sobre todos os adoradores da Besta.

A segunda praga (16.3). O mar torna-se em sangue, causando a morte de toda vida marinha.

A terceira praga (16.4-7). Fontes e rios se transformam em sangue. Esse juízo é causado pelo milenar derramamento de sangue pelo homem (v. 6). O anjo que executou esta praga é o que tem autoridade sobre a água (v. 5). Em 7.1 vemos anjos controlando o vento; em 14.18, controlando o fogo; e aqui em 16.5, um outro, controla as águas.

A quarta praga (16.8,9). O sol queima os homens pelo seu calor multiplicado. Apesar de seu tão grande padecimento, os homens não são levados por isso ao arrependimento. Blasfemam contra Deus. Estão, pois, enganados aqueles que ensinam que o castigo sempre produz melhora e regeneração.

A quinta praga (16.10,11). Trevas no trono e no reino da Besta.

A sexta praga (16.12). O rio Eufrates seca, deixando livre o movimento das tropas que avançarão do Oriente para Israel, para a batalha do Armagedom, que se avizinha. Deus uma vez já dividiu as águas do mar Vermelho, de modo que Israel o atravessou a pé enxuto. Mais tarde Ele fez secar totalmente o Jordão em época de enchente. Outra vez Ele dividiu as águás do mesmo rio, no tempo de Eliseu. É significativo o Eufrates aparecer neste contexto, uma vez que ele será um dos limites do futuro Israel durante o Milênio, conforme a promessa feita por Deus a Abraão, mas que ainda não teve cumprimento (Gn 15.18). Ele está ligado ao princípio da raça humana, pois é um dos rios que banhava o Éden, e agora, no desfecho final da mesma raça, ele é também mencionado. Salomão, quando rei de Israel, chegou a dominar até o Eufrates (2 Cr 9.26). O termo *"rio"* nesta referência (na versão ARC) é uma alusão ao Eufrates. Isaías 11.15 parece explicar como se dará essa secagem desse rio. (Outra vez, o "rio" aí mencionado é o Eufrates.)

Versículo 12. *"reis que vêm do lado do nascimento do sol"*. Deve ser uma referência aos países-chaves do Oriente, como Japão, China, índia e outros menores, porém em desenvolvimento naquela parte do mundo do sol nascente, como diz o original: *"anatoles heliou"*.

SEÇÃO PARENTÉTICA (16.13-16)

Já vimos que houve uma seção parentética entre o sexto e o sétimo selos. Houve outra também entre a sexta e a sétima trombetas. Agora temos esta, entre a sexta e a sétima pragas. Ela contém matéria explicativa ligada à sexta praga. É uma antevisão da derrocada das nações no Armagedom (19.17-21).

Versículo 13. A trindade satânica vista aqui: o Dragão, a Besta e o Falso Profeta, aparece primeiramente no capítulo 13. Eles incitam as potências do Oriente a unirem suas forças e avançarem para Oeste, para destruírem Israel.

Versículo 16. Armagedom. A palavra significa *monte de Megido*, por causa da primitiva fortaleza situada na elevação de Megido, a qual dominava o vale do mesmo nome. Tem sido um famoso e histórico campo de batalha onde exércitos de muitas nações resolveram suas disputas. Fica próximo ao monte Carmelo, no Sudoeste da Galiléia. Aí se concentrará o grosso das forças ao chegarem a Israel. 164

A SÉTIMA PRAGA (16.17-21).

Versículo 17. *"Então derramou o sétimo anjo a sua taça pelo ar"*. Talvez para completar a ação do arcanjo Miguel, executada em 12.7,8. Satanás ocupa atualmente a posição de *"príncipe das potestades do ar"* (Ef 2.2; 6.12). O anjo concluiu seu brado dizendo: *"Feito está"*. O mesmo que *"Está consumado"*. É o fim dos juízos terrenos sobre os ímpios.

VISTA DA PLANÍCIE DO ARMAGEDOM ATUALMENTE

Aqui, os reis da terra, instigados por demônios, concentrarão suas tropas e material, para destruírem Israel e lutarem contra Deus durante a Grande Tributação. Serio destruídos sobrenaturalmente pelo poder de Cristo, na sua vinda com glória e majestade.

Versículo 18. *"ocorreu um terremoto como nunca houve igual."* Será pavoroso, além do que se possa imaginar. Quando a Bíblia diz uma coisa, está dito mesmo. Não há meio termo como sói acontecer na linguagem humana. É o maior terremoto dos cinco de Apocalipse (6.12; 8.5; 11.13; 11.19; 16.18). Só nesses terremotos o morticínio deve ser incalculável.

Versículo 19. *"A grande cidade"* é Jerusalém, mais bem indentificada por esse título em 11.8. *"Caíram as cidades das nações"*. Isso incluirá Nova Iorque, Tóquio, Paris, Rio de Janeiro, Buenos Aires, Londres, Moscou, Pequim, Lisboa, Roma, São Paulo, Nova Delhi, etc. Quantos morrerão aí?

Versículo 20. *"Toda ilha fugiu e os montes não foram achados"*. O terremoto do versículo 18 fará toda a terra cambalear loucamente, provocando grandes mudanças na sua superfície, arrasando ilhas e aplainando montes. Haverá ainda alterações no relevo do solo no momento da vinda de Jesus e durante o Milênio. (Ler Isaías 35.6b; Zacarias 14.4,10.)

Versículo 21. *"também desabou do céu sobre os homens grande saraivada, com pedras que pesavam cerca de um talento"*. (Um talento é o peso de mais ou menos 45 quilos.)

Portanto, não adianta lutar contra Deus! Resistir a Deus é perder a batalha. Ele vencerá de qualquer maneira e o homem terá de se defrontar com Ele. O melhor é fazermos a sua vontade, obedecer-lhe e servi-lo com todo amor. Ele é digno! Um crente teimoso e recalcitrante para fazer a vontade de Deus, também sofrerá muito, até aprender que Deus é o eterno vencedor!

Sétima Parte

A volta de Jesus e os eventos precedentes (caps. 17 a 19)

O evento que se segue à sétima e última praga, no capítulo 16, é a volta de Cristo em glória e poder para julgar as nações, no capítulo 19; mas antes disso temos duas extensas passagens parentéticas tratando de dois grandes fatos: a falsa igreja mundial (a Babilônia do capítulo 17), e a capital do Anticristo antes de ele ocupar Jerusalém (a Babilônia do capítulo 18).

A esta altura do estudo de Apocalipse, o assunto de Babilônia não é novo. Em 14.8 está escrito: *"Seguiu-se outro anjo, o segundo, dizendo: Caiu, caiu a grande Babilônia que tem dado a beber a todas as nações do vinho da fúria da sua prostituição"*. Este anúncio está ligado à execução dos juízos divinos mencionados no versículo 7 do mesmo capítulo.

Em 16.19 está escrito: *"E lembrou-se Deus da grande Babilônia para dar-lhe o cálice do vinho do furor da sua ira"*. Agora João recebe a visão minuciosa da queda de Babilônia.

Vemos no termo Babilônia, no livro de Apocalipse, dois diferentes aspectos: a Babilônia religiosa ou eclesiástica, simbolizada pela mulher do capítulo 17. Esta é destruída em 17.16. A outra é a Babilônia comercial (tendo, é evidente, seu lado político), vista na cidade do capítulo 18, o qual se ocupa do relato da sua destruição.

A Babilônia religiosa (cap. 17)

O capítulo 17 de Apocalipse trata do movimento religioso mundial que haverá naqueles últimos dias. Será uma falsa igreja mundial apoiada inicialmente pela Besta.

Versículo 1. "A grande meretriz". Na Bíblia, religiões falsas são chamadas prostituições, porque são uma forma de infidelidade a Deus. (Ler Isaías 23.17; Naum 3.4.) "Sentada sobre muitas águas". Isto é explicado no versículo 15.

Versículo 2. "Com quem se prostituíram os reis da terra." Isso indica que esse falso movimento religioso se estenderá por todo o mundo. "Os que habitam na terra". Não apenas os reis, os grandes, mas os demais habitantes da terra.

Versículo 3. "Vi uma mulher". Sendo a mulher, na visão, uma meretriz, isso indica um falso sistema religioso. "Montada numa besta", um falso sistema político. Trata-se da confederação de nações sob o governo do Anticristo. Nesse tempo a igreja falsa conduz à Besta, mas depois, esta se virará contra aquela e a destruirá, como vemos no versículo 16. Isto a Besta fará para que possa implantar uma nova religião - sua própria adoração, na segunda metade da Grande Tribulação. O Falso Profeta cuidará disso, tornando obrigatório esse culto.

Versículo 5. "Na sua fronte achava-se escrito um nome, mistério". A palavra mistério, associada à mulher, identi-fica-a com ritos religiosos, mistérios das falsas religiões, como magia, ocultismo, iniciações, etc. Indica também que se trata aqui de algo místico, não literal, equivalente a sinal.

"Babilônia, a grande, a mãe das meretrizes e das abominações da terra". O nome Babilônia associado à mulher indica que a religião predominante durante a Grande Tribulação será o espiritismo sob as mais variadas formas. Hoje já se vê indícios disso por toda parte. Diz Jeremias 51.7: *"Babilônia era um copo de ouro na mão do Senhor, o qual embriagava a toda a terra; do seu vinho beberam as nações, por isso enlouqueceram".* Aqui se vê que Babilônia tem sido a mãe dos falsos sistemas religiosos. A história nos conta que as religiões falsas (que sempre incluem a idolatria) tiveram sua origem com Ninrode e sua mulher Semíramis, no primitivo reino de Babel (donde vem Babilônia), em Gênesis 10.8-10. Ele foi o primeiro imperialista da história (Gn 10.10,11). Ele também liderou o povo no primeiro ato religioso (falso), que foi a construção da torre de Babel, cujo

único objetivo (como os demais semelhantes) era o culto idolatra (Halley, *Manual Bíblico*, 84). Hoje essas falsas religiões estão no seu auge, a caminho do reinado do Anticristo, ocupando-se de práticas ocultas, como magia negra, sessões espíritas, contatos com demônios, milagres, feitiçaria, astrologia, etc.

Versículo 9. As sete cabeças da Besta. Isto é também mencionado nos versículo 3,7. Figuram sete montes e também sete reis ou reinos, segundo está explicado aqui, pelo anjo que conduziu João para mostrar a visão. Muitos comentadores da Bíblia acham que os sete montes são uma referência a Roma, que originalmente foi edificada sobre sete montes, e também pelo fato de ter absorvido em grande parte o culto idolatra babilônico, ainda hoje visto disfarçadamente na liturgia da Igreja Romana. A criação do Mercado Comum Europeu, em Roma, em 1957, é também sintomático. Pode ser. Não podemos afirmar categoricamente.

Versículo 10. Os dez reis ou reinos são Os dez chifres da Besta. Ver também os versículos 3,7. *"São também sete reis, dos quais caíram cinco, um existe, e o outro ainda não chegou; e, quando chegar, tem de durar pouco"*. Desses sete reinos, seis são hoje passados: Egito, Assíria, Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia, Roma. O sétimo é ainda futuro. Será uma forma do antigo Império Romano, constituído de dez reinos confederados, equivalentes aos dez dedos das duas pernas desse antigo Império Romano (Dn 2.42-44).

Daniel 7.24 diz: *"dez reis que se levantarão daquele mesmo reino"*. É pois uma forma daquele antigo império. É claro que não poderá ser o mesmo, porque aquele era regido por um único soberano, e o futuro sê-lo-á por dez reis com suas dez capitais. Eles formarão uma confederação de nações durante a Grande Tribulação. Dizemos confederação porque num pé os dedos são ligados (Dn 2.42). Com a formação desses dez Estados estará pronto o palco para a formação do reino do Anticristo - o oitavo rei (v. 11). A área geográfica desses dez reinos é a mesma do antigo Império Romano, isto é, parte da Europa, parte da Ásia e parte da África. (Ver um mapa do antigo Império Romano.)

Versículo 11. A Besta - o oitavo rei. A Besta, isto é, o Anticristo, é o oitavo rei ou reino mundial. Esse reino emergirá do anterior, diz este versículo, em outras palavras: *"quando o Anticristo assumir o controle dos dez países, isso será o oitavo reino"*. Revelação idêntica Deus deu a Daniel em 7.24 do seu livro.

O Anticristo assumirá o controle dos dez países existentes, através de: 1) guerra contra esses países (Dn 7.24b); 2) consentimento dessas nações. *"Têm .estes um só pensamento, e oferecem à Besta o poder e a autoridade que possuem"* (17.13). Talvez inicialmente faça pactos de não-agressão com esses países. Os *"muitos"* da aliança citada por Daniel (9.27) podem referir-se a isso, além de Israel. Talvez a diferença entre o sétimo e oitavo reinos seja a seguinte: o sétimo é constituído de países independentes, mas confederados (assim como o Mercado Comum Europeu); e o oitavo é composto dos mesmos países, porém sob o governo do Anticristo.

Versículo 16. A mulher, como já mostramos, é a falsa igreja mundial, com sua religião liberal, atraente e sincretista, que guindará o Anticristo ao poder sobre os dez países, nos primeiros três anos e meio. Quando os dez países passarem para o domínio do Anticristo, formando seu reino, no início dos últimos três anos e meio, eles juntamente com a Besta destruirão a igreja falsa para que a nova forma de culto tenha lugar - o da Besta. É isso que vemos no versículo 16.

O ecumenismo hoje tão defendido e desejado por aqueles que gostam do caminho largo, porque permite tudo, é um certeiro sinal da futura religião da Besta.

Versículo 18. Há duas coisas implícitas no símbolo da mulher: 1) um sistema religioso (17.1-6); 2) uma cidade onde o falso sistema religioso terá sua sede (v. 18).

A Babilônia comercial (cap. 18)

Este capítulo trata de uma cidade que será a capital do Anticristo antes de ele ocupar Jerusalém. Trata-se de uma cidade literal, pois em 16.19 ela é citada em conjunto com outras cidades literais. Talvez seja reconstruída no sítio da antiga cidade de Babilônia, às margens do Eufrates. Não sei. Tudo indica que será uma cidade importantíssima, um notável centro político, comercial e religioso nos últimos dias. É o que revela este capítulo.

Em 1971 estava o autor deste livro nos Estados Unidos quando leu com grande interesse nos jornais a notícia de que a cidade de Babilônia ia ser reconstruída pelo governo do Iraque. Tratava-se de um plano a longo prazo, incluindo hotéis, restaurantes, museus, estradas, terminais e outras instalações requeridas num tal projeto. A finalidade principal disso era incrementar o turismo na região, mas bem pode ser o início da reconstrução da cidade do capítulo 18 de Apocalipse.

Há uma grande diferença entre esta Babilônia do capítulo 18 e a do capítulo 17. Esta é destruída por homens:

"Os dez chifres que viste e a besta, esses odiarão a meretriz, e a farão devastada e despojada, e lhe comerão as carnes, e a consumirão no fogo" (17.16). Já a Babilônia do capítulo 18 é destruída por Deus, mediante terremoto e fogo (Ap 16.18,19; 18.8).

Versículo 2. O texto mostra a cidade como sendo um centro de demonismo. *"Ave imunda"* é sem dúvida mais uma referência a demônios. (Ler aqui Mateus 13.4,19.) Assim, a cidade será um macrocentro demoníaco, espírita.

Versículos 11-18. Esses versículos retratam a cidade de Babilônia reconstruída como um colossal centro comercial e financeiro. Atualmente as coisas, até certo ponto, se encaminham para isso. Os povos árabes do Oriente Médio, do dia para a noite tornaram-se os principais banqueiros do mundo. Esses bancos têm no momento a maior reserva de ouro da terra. E vão adiante com seus projetos. Essa região possui mais petróleo do que qualquer outra área do globo.

Versículo 19. Aqui vemos que essa cidade com todo seu empório sucumbirá de vez, repentinamente.

Versículo 23. Mais uma vez a Escritura menciona a feitiçariade Babilônia. Mais uma vez fica bem claro que a capital do Anticristo será permeada de espiritismo. Por toda parte a escalada preparatória de demonismo está ocorrendo perante nossos olhos.

O Armagedom (cap. 19)

Antes de Jesus aparecer em glória e poder, é-nos permitido ver a Igreja ao seu lado, na Glória.

Versículos 1-9. Uma imensurável multidão regozija-se no Céu, juntamente com òs vinte e quatro anciãos e os seres viventes. É um coral gigantesco. Eles intercalam quatro grandes aleluias no seu cântico (vv. 1,3,4,6).

"bodas do Cordeiro" (v. 7). Esse glorioso evento tem lugar no Céu após o arrebatamento da igreja. É o encontro, que durará para sempre, da Igreja com o seu Senhor, que a resgatou com o seu precioso sangue e a conduziu a salvo ao lar celestial, apesar das tempestades da vida. É o encontro que não terá jamais separação.

O *"linho fino"* do vestido da Igreja (vv. 7,8) são os *"atos de justiça dos santos"*, indicando portanto, resultado de julgamento do Tribunal de Cristo. Para que isso aconteça aqui, a igreja terá subido antes.

"ceia das bodas do Cordeiro" (v. 9). Deve ser a participação da Igreja na destruição do poder gentílico mundial sob a Besta, a partir do instante em que Jesus tocar a Terra. As bodas do Cordeiro têm lugar no Céu, ao passo que *"a ceia do grande Deus"* (v. 17), tem lugar na terra, sendo, pois, dois fatos totalmente distintos quanto à sua natureza.

A volta do Rei (vv. 11-21). *"Vi o céu aberto"* (v. 11). É chegado o momento que todo Universo aguarda! (Ler Mateus 24.30,31.) Antes de Ele aparecer, todo o globo verá o sinal da sua vinda. Deve ser uma aparição do brilho da sua glória, como um relâmpago mundial, de longa duração e sobrenatural. *"Sai da sua boca uma espada afiada"* (v. 15). (Ler Hebreus 4.12 e Oséias 6.5, para ver que espada é esta.) Carne multiplicada (u. 18). Aqui há cinco vezes a palavra carne. Viveram para a carne. Agora vemos o fim disso - O Armagedom (v. 19). Uma visão antecipada dele está em 16.19. Aqui é um fato real. Milhões morrerão de praga aqui. (Ler Zacarias 14.12.) Outros milhões morrerão porque se atacarão uns aos outros (Zc 14.13).

Os primeiros ocupantes do Inferno (v. 20). São o Anticristo e o Falso Profeta. Eles são homens, pois são tratados aqui como homens.

Assim virá com poder e grande glória o Filho de Deus e também filho de Davi, segundo a carne, por serem Maria e José da descendência de Davi. É o cumprimento das promessas divinas, como vemos em 2 Samuel 7.16 e Lucas 1.31,32. De Davi foi dito no passado: *"Agora, pois, por que vos calais, e não fazeis voltar o rei?"* (2 Sm 19.10). E nos versículos 14,15: *"Volta, ó rei, tu e todos os teus servos. Então o rei voltou..."*

Que estamos nós fazendo para apressar a volta do nosso Rei?!

Oitava Parte

O Milênio e o Juízo Final (cap. 20)

O Milênio é o esplendoroso reinado de Cristo aqui na terra por mil anos. E um período de preparação da terra para o estado perfeito e eterno que ao Milênio se seguirá. O termo milênio vem do latim e significa literalmente mil anos. (Tratamos do Milênio com pormenores no nosso outro livro *"O Calendário da Profecia"*.)

1. *O Milênio* (20.1-6). Seis vezes consta a expressão *"mil anos"* nos versículos 1-7. O Milênio é objeto de muitas profecias através da Bíblia, como mostramos em nosso livro citado.

Versículo 2. "Ele segurou o dragão, a antiga serpente, que é o Diabo, Satanás, e o prendeu por mil anos." Satanás ausente da terra durante o Milênio será uma maneira de o mundo saber que o pecado é mais do que uma influência, mais do que um produto diabólico. Isso vai provar ao homem que ele pecará mesmo com o Diabo ausente, e mais ainda: sob o governo e influência do Príncipe da Paz. Pessoas há que culpam Satanás de toda a sua má situação e seus problemas pessoais, ou então culpam a Deus por permitir que Satanás exista. O Diabo, preso durante o Milênio, é uma das maneiras de Deus responder a perguntas que muitos fazem hoje: - *"Por que Deus não destrói o Diabo?"* - Primeiro, Deus não destrói, porque seria acusado de prepotente. Segundo, não destrói porque o homem precisa primeiramente de uma mudança de coração, isto é, de regeneração espiritual.

Versículo 3. "Depois disto é necessário que ele seja solto por um pouco de tempo". Isto é dito de Satanás concernente ao Milênio. - Por que é necessário ? - É que durante o Milênio nascerão multidões que não crerão para a salvação, e nos seus corações permanecerão inimigos de Deus. Uma vez induzidos pelo Diabo, eles prontamente revelarão o estado de seus corações. Eles se dobravam ao governo de Cristo por causa da vara de ferro, segundo as profecias, mas a um chamado do Diabo, prontamente atenderam, provando,

assim, que sua obediência a Cristo era fingida. Obedeciam e viviam direito porque eram obrigados a isso, mas eram fingidos.

Mas também Satanás será solto por um pouco para que fique provado que ele é incorrigível. Após mil anos inativo entre a humanidade, ele em nada mudou. Imediatamente promove uma revolta de grandes proporções. É bom que pensem nisso aqueles dentre nós que gostam de revoltas e de provocarem os ânimos. Estão fazendo o papel de Satanás.

Versículos 4,5. "primeira ressurreição". Esta expressão mencionada aqui, não significa que ela está começando agora, mas que está terminando. O último grupo de salvos da primeira ressurreição são os mártires da Grande Tribulação, mencionados no versículo 4. Eles ressuscitaram antes do Milênio, como os últimos integrantes da primeira ressurreição. São os rabiscos da colheita geral. A expressão *"primeira ressurreição"* ocorre na Bíblia a primeira vez aqui, porque ela não estará completa sem estes mártires da Grande Tribulação.

Versículo 8. "Gogue e Magogue". Aqui, são povos do Milênio, rebelados contra Deus, lançando um furioso ataque contra os santos daquele tempo. A expressão nada tem a ver com o Gogue e Magogue de Ezequiel capítulos 38,39. (Ver o nosso livro já mencionado.)

2. *O juízo do Grande Trono Branco* (20.11-15). Ele é assim chamado devido às palavras do versículo 11: "um grande trono branco". A Bíblia se refere a muitos juízos e uma maneira de identificar este de que estamos tratando é através das palavras do versículo 11. É o juízo dos ímpios mortos desde o tempo de Adão. Parece que os justos da época milenial não morrerão, porque neste juízo, ao findar o Milênio, só os mortos (ressuscitados) comparecerão. A vida será extensamente prolongada durante o Milênio, como no princípio da história humana, quando o pecado estava apenas iniciando o seu maldito curso. À medida que o pecado se multiplicou a vida foi encurtando, os alimentos foram perdendo seu teor nutritivo e o meio-ambiente foi se poluindo. Tudo isso combinado, reduziu a vida humana. No Milênio será diferente. As condições em todos os sentidos serão maravilhosas.

Versículo 12. "Vi também os mortos, os grandes e os pequenos..." pequenos e grandes aí, tem a ver com importância, posição, prestígio, e não com tamanho ou idade, à luz do original. "Conforme o que se achava escrito nos livros". São os livros dos atos dos homens. Nada que se passa, deixa de ser registrado ali. Certamente isto é parte do ministério dos anjos. *"Vi os mortos".* Estarão ali ressuscitados, com o mesmo corpo que tinham quando morreram. Isto é mais

uma prova de que a morte não é o fim de tudo. É apenas o fim da vida do corpo aqui na terra, mas a vida continua no Hades, onde estavam estes mortos.

Versículo 13. "Deu o mar os mortos que nele estavam". Há inúmeros cemitérios na terra, onde os mortos têm túmulos de terra. O mar tem sido um imenso cemitério através dos milênios. Esses têm túmulos líquidos. Como ele entregará seus mortos? Talvez secando a um comando de Deus, pois no capítulo seguinte o mar já não existe (21.1). O certo é que nenhum morto faltará ao chamado do Rei.

"A morte e o além entregaram os mortos que neles havia". Além, é Hades, no original. Casos como esse de tradução, só confundem ou dificultam o leitor comum. Deviam traduzir como está na *"Tradução Brasileira"*: "Hades", e pronto! A morte deu os corpos que levara, e o Hades, os espíritos. Isto significa que a parte material e a espiritual do homem se reunirão para o juízo. A morte e o Hades passaram a existir e funcionar por causa da obra de Satanás. Agora, terminado o seu papel macabro, irão fazer parte do Inferno definitivo: o Lago de Fogo e Enxofre (v. 14). Jesus pode fazer assim com eles porque Ele tem as chaves de ambos (Ap 1.18).

"Foram julgados, um por um, segundo as suas obras" (v. 13). Este julgamento não é coletivo, mas individual. Não haverá injustiça; primeiro, porque o Juiz é perfeito em justiça; segundo, porque o julgamento será conforme as obras de cada um. Assim sendo, o grau de castigo de cada um variará.

Nona Parte

O eterno e perfeito estado (caps. 21e22)

Agora haverá um novo começo. Uma nova ordem universal. Com o estudo dos capítulos 21 e 22 chegamos ao fim do tempo e ao começo da eternidade. Isto para os homens, porque Deus é eterno quanto ao passado e o futuro. Isto é também linguagem humana, porque para Deus só existe o eterno presente. Ele é o eterno *"Eu Sou"*.

O nosso tempo é uma partícula da eternidade, e, como ciclo da história humana, acabou agora, e ao mesmo tempo começou a feliz eternidade para os filhos de Deus. O pecado já foi julgado. Satanás e todos os seus seguidores já foram para o seu lugar definitivo. Deus agora estabelecerá um novo céu, uma nova terra, e uma nova cidade - a Nova Jerusalém. *"Eis que faço novas todas as coisas"* (21.5).

Capítulo 21.

Versículo 1. "Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe".

Não se trata aí do Céu como a habitação de Deus, mas o espaço sideral entre o Céu e a terra. Satanás operava nesse espaço e o conspurcou. O homem também tem poluído esse espaço com gases, produtos químicos, resíduos de combustíveis, satélites e veículos espaciais. Cada vez mais o homem se lançará ao espaço daqui para a frente. *"Passaram"*, é no original *"parechomai"*, e significa passar de um estado para outro. Não quer dizer aniquilação. O mesmo termo original o Espírito Santo usa em 2 Pedro 3.10-13, onde está explicado como se dará isso. A terra voltará ao estado de perfeição original, como era antes da entrada do pecado.

Versículo 9,10. "Vem, mostrar-te-ei a noiva, a esposa do Cordeiro". A noiva aqui é a santa cidade de Jerusalém (v. 10). O sentido é que os salvos vão

habitar na Nova Jerusalém. O versículo 2 diz da cidade, que estava ataviada como noiva adornada para seu esposo.

"E me mostrou a santa cidade, Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus" (v. 10). Isto também está dito no versículo 2. A cidade não será o Céu. O texto bíblico afirma que ela *"descia do céu"*. O Céu, a habitação de Deus e dos anjos, fica onde está. A cidade preparada é que desce para a Terra, a nova Terra. Ela será a capital de Deus aqui na terra para sempre. A expressão *"trono de Deus e do Cordeiro"* é mencionada duas vezes em conexão com esta cidade (22.1,3). Trono fala de regência, governo. No Milênio esta cidade pairará nas alturas, acima da Jerusalém terrestre, mas agora no perfeito estado provido por Deus, ela descerá até a Terra.

Versículo 22. "Nela não vi santuário, porque o seu santuário é o Senhor, o Deus todo-poderoso e o Cordeiro". Na cidade não haverá santuário, mas no Céu, sim (11.19; 16.17).

Capítulo 22.

O capítulo 22 dá continuação à descrição do eterno e perfeito estado da nova terra e dos seus ditosos habitantes. No lar dos remidos não haverá qualquer das mazelas que atormentam os atuais habitantes da terra. Lá não haverá tristeza, fome, sede, doença, dor, morte, choro, pecado, ignorância, guerras, problemas sociais, carestia, preocupação, medo, angústia, assaltos, roubo, maus vizinhos, maus colegas, falsidade, corrupção, perversidade, abusos de qualquer natureza, depravação, mundanismo, e coisas semelhantes. Que glória não será?!

Versículo 11. Haverá salvação após a morte? Não! É o que mostra este versículo. Não haverá mudança na condição da pessoa após a morte. O versículo mostra que a injustiça e a imundícia serão eternas no Inferno. Do mesmo modo, a santidade também será eterna no Céu.

Versículo 15. Esta lista, juntamente com a de 21.8, é de pessoas que não entrarão na santa cidade de Deus. É evidente que não se trata de uma lista completa. Tanto aqui como em 9.21; 18.23; 21.8 há um tremendo aviso para feiticeiros, macumbeiros, enfim, espíritas de toda classe para que abandonem o espiritismo e venham para Jesus, o Salvador. *"Ficarão de fora"* - adverte a Palavra de Deus!

Aqui na terra, a justiça humana isola da sociedade o indivíduo culpado de crimes e outros delitos. Na prisão ele padece a pena de seus crimes, além do isolamento da sociedade. Havemos de crer ou esperar que a justiça divina seja inferior? No entanto, o Diabo põe na mente de muita gente a firme convicção de que Deus é pai de todos, um pai amoroso, que não lançará ninguém no Inferno, e, assim, no fim, tudo dará certo: Deus dará um *"jeitinho"* para todos. Leitor, se você crê nisso, você está enganado: "Ficarão de fora", declara a Palavra. Chegou o momento, afinal, da separação.

Versículo 16. "Eu, Jesus, enviei o meu anjo para vos testificar estas coisas às igrejas..." O livro de Apocalipse começa e termina com o nome humano e terreno do Redentor: Jesus. Esse maravilhoso nome está ligado à sua encarnação e união com a humanidade para operar a nossa redenção e proporcionar-nos a felicidade eterna nas mansões celestiais.